

Já estava impróprio para consumo

Apreendidos vinte mil contos de bacalhau

Bacalhau no valor de vinte mil contos, considerado impróprio para consumo, foi ontem apreendido num armazém frigorífico localizado na zona de Alcochete. A Direcção-Geral de Fiscalização Económica, que confirmou a apreensão, não avançou, porém, com pormenores, o mesmo acontecendo com a Guarda Fiscal e com a câmara local, ao que parece para não prejudicar as investigações ainda em curso. Segundo o «DL» conseguiu apurar, em Alcochete, mais concretamente a três quilómetros

daquela vila ribatejana ficam situados apenas três armazéns de bacalhau, com as respectivas zonas de seca, pertencentes à Sociedade Nacional de Armadores de Bacalhau.

Com certa estranheza, informações prestadas pela Direcção-Geral de Fiscalização Económica não foram, no entanto, confirmadas pelo departamento daquele organismo em Setúbal, a cuja jurisdição pertence Alcochete.

Alertam as agências de viagens

**Turismo fronteiriço seria liquidado
pela taxa sobre saídas do País**

Pág. 11

Questão de identidade divide o PSD

‘Centro Esquerda’ ou continuação da Aliança Democrática?

Quem é e o que é, na vida política portuguesa, (a identidade do PSD) divide os sociais-democratas para o próximo Congresso como fica bem claro nas diferentes Moções de Estratégia hoje divulgadas pelo órgão central de informação do partido. Partido de «centro-esquerda» com «consensos» imediatos, para a Comissão Política Nacional; liderança da AD com grande bloco de centro-direita para moções como a de Santana Lopes ou Moura Guedes. Todas, no entanto, se comprometem a cumprir os acordos da AD até 1984.

Com estratégias tão diferentes (ainda que, por exemplo, para as autarquias locais, António Capu-

cho tenha obtido um consenso generalizado sobre as suas teses nesta matéria, remetendo para a vontade das concelhias sociais-democratas), como – e com que futuro – o aparecimento de listas únicas. A Comissão Política Nacional do PSD reúne esta tarde para ultrapassar algumas divergências quanto à lista para o Conselho Nacional.

Conseguirá Pinto Balsemão sair do Congresso também com uma «Moção de Estratégia sintese»? Esta a curiosidade a observar ao longo do Congresso. Saber se este será um Congresso para definir «ideias» ou para «conquistar» pessoas.

Pág. 24



Eanes em Moçambique

Hoje é o dia mais longo

O Presidente Ramalho Eanes está hoje a cumprir, em terras moçambicanas, o seu «dia mais longo». Tendo saído da capital cerca das 5.30 da manhã com destino a Tete, a comitiva presidencial (de que fazem parte os ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países, Joaquim Chissano e André Gonçalves Pe-

reira) segue para Songo, onde se situam a barragem e a central hidroeléctrica de Cabora Bassa. Depois – e sempre por via aérea – Eanes e acompanhantes rumarão para a ilha de Moçambique, onde o governador da província de Nampula lhes oferece um jantar seguido de uma sessão cultural. Ontem, o momento

mais alto foi vivido por Eanes à saída do Museu da Revolução (em Maputo), quando foi carinhosamente envolvido pela numerosa multidão que o aguardava, como mostra a foto que publicamos. O desenvolvimento nas págs. 6 e 7, pelo enviado do «DL» a Moçambique, Augusto Vilela.



Suíços de aço, lusos enervados

Uma torrente de ataques, infantilmente concluídos ou destrambelhadamente perdidos, revelaram que o Sporting, em condições normais, tem equipa para ultrapassar a barreira de frio e gelo que separa os leões dos quartos-de-final da Taça UEFA. Ontem, em Alvalade, Oliveira e colegas da vanguarda desperdiçaram golos sobre golos, mas também no Neuchâtel, quando viu que os lusos estavam de braços caídos, chegou a colocar em sentido 50 mil. Allison, que abdicou do possante Nogueira em proveito de um Barão que viajou à deriva, teve (talvez) a sua 1.ª falha no banco. De qualquer modo: vão 23 jogos seguidos, em que o Sporting não tropeça. Ainda que, como ontem, corcéis estivessem cercados por rafeiros. Neves de Sousa na Pág. 15

Mercenários sul- africanos desbaratados nas Ilhas Seychelles

Págs. centrais

Hoje há Ler/Escriver

O nosso suplemento literário de hoje, além de numerosos textos e noticiário de actualidade, inclui uma entrevista com o editor Manuel Rodrigues de Oliveira e fala de Carlos de Oliveira, Marina Tsvetaeva, Louis Aragon, etc. Colaboram Luis Miranda Rocha, Maria Ondina Braga, Eduarda Chiote e, com um poema inédito, Manuel António Pina.

Enciclopédia Mundial de futebol



dirija-se ao seu vendedor habitual

COMPRE JÁ!

“DL” na rota do petróleo (1)

Três mil metros, oito semanas: sete mil contos por dia é dinheiro

FARO, 25 (Dos nossos enviados) — Não é por acaso que se despendem mais de sete mil contos por dia à procura de petróleo numa operação prospectiva de dois meses. Também não é por acaso que se deita mãos a uma tal empreitada e a tão importante trabalho depois de prospecções sísmicas feitas durante dois anos, entre 1977 e 1978. Mas isso não significa que haja mesmo petróleo no mar do Algarve, 22 km a sul de Tavira. Entre a incógnita (que assim surge depois da detecção de condições favoráveis) e o lençol fica a esperança. Dentro de sete semanas teremos resultados.

Caso haja petróleo no «off-shore» algarvio, o primeiro grito será de um português: Albano Figueiredo Oliveira, 35 anos, natural de Chão de Maçãs, no concelho de Mangualde, onde em cada ano passa seis meses com a mulher. Albano Oliveira é técnico geológico (responsável pela execução diagnóstica) da «Schlumberger», uma das cinco empresas que a «Esso» contratou para a perfuração que está a operar no mar algarvio, e passa uma semana no mar e outra na terra. O seu contrato de trabalho é universal, mas rege-se por normas norte-americanas. A empresa é francesa e as ordens de intervenção vêm de Londres.

Nove dias depois da colocação da plataforma petrolífera (ver imagem) e do alinhamento da vara poligonal e broca (que furam que se fartam), a sonda vai já a mais de 1500 metros. 500 deles de água. Poderá furar até

3600, no máximo. Há pouco mais de 40 horas a broca do «kelly» (o sistema formado pela vara poligonal, vara radioactiva de nove metros e broca) encontrava-se num outro recurso energético: formações de carvão que a zona de controlo geológico analisa. Aí trabalha um algarvio (Rui Gonçalves), engenheiro naval dos Pupilos do Exército (que reza para que haja petróleo: sinónimo de emprego), que com seus pares recolhe os detritos, no caso todas as pequenas amostras de carvão ou da formação que surgem, recolhendo-as em qua-

tro sacos: um fica na zona geológica, há dois que vão para análise em Londres e outro que pertence ao Governo português.

A ordem é: furar, furar e petróleo jorrar!

Na plataforma o espectáculo é impressionante: é lá que se determina o avanço ou estagnação da perfuração através das varas de nove metros que entram no sistema da sonda. São varas pesadas, que três homens, apoiados por sistemas electrónicos e guindastes, colocam na vara po-

lígona. Centenas e centenas de «drill piper» já foram colocados ao longo do furo nestes seis dias de trabalho sem parança (trabalha-se ali 24 horas por dia, em dois turnos). Cada vara que entra na «kelly» (a vara poligonal) mede nove metros.

Mas a sonda perfurava ao meio-dia de ontem a uma velocidade de 8,1 metros. Há momentos em que essa velocidade é menor: quando a «drill piper» se encontra gasta. É que penetrar numa formação rochosa, mesmo através de uma broca — o prolongamento último de todo o sistema de varas que a «kelly» ou vara poligonal «atira» — de trinta polegadas, isto é, 75 centímetros, é difícil. A sua capacidade de perfuração nos momentos menos rendíveis ronda os três metros hora.

Não é muito fácil fazer entrar o leitor no mundo de uma plataforma sem dispensar termos técnicos, por sinal de acento inglês e nem todos de fácil tradução. Foi em parte por isso que Albano Oliveira e Rui Gonçalves se viram embaraçados para, por vezes, não falar em «drill piper», «beam overall» e «bulk mud», para lembrar aqui três expressões. Não há metros para o primeiro: ou há pés ou polegadas, de resto sempre referidas naquela «fábrica industrial» que é a plataforma petrolífera, um monstro com 16 mil toneladas longas (segundo o comandante do navio, o escocês Collin) e 160 metros de comprimento, de que é chefe máximo Bon White, um homem de 53 anos que pela «Esso» já deu quase a volta ao mundo, desde a Indonésia (usa um capacete prateado que trouxe de Jacarta há alguns anos) ao Alasca, do México à Itália, Inglaterra, Espanha, França e, agora, Portugal.

**Temporal à vista
rotação de 360 graus**

«O Discoverer 511» — é este o nome da plataforma —, que se apresenta com 513,5 pés, uma velocidade de cruzeiro de onze nós, instalações para 104 pessoas com climatização de 18 graus negativos a 36 e um heliporto de 24 por 23 metros, dispõe de equipamento electrónico para navegação no alto mar e para controlo do ambiente, bem como uma capacidade de armazenagem para mil e quinhentos barris de lamas líquidas (extraídas durante a perfuração e conduzidas para depósitos através de um sistema de filtragem). Tem ainda espaço para 7400 barris de óleo diesel, mil e quinhentos barris de água potável e duas unidades de destilação.

Mas a grande «arma» do «Discoverer» — é este o nome da plataforma —, que se apresenta com 513,5 pés, uma velocidade de cruzeiro de onze nós, instalações para 104 pessoas com climatização de 18 graus negativos a 36 e um heliporto de 24 por 23 metros, dispõe de equipamento electrónico para navegação no alto mar e para controlo do ambiente, bem como uma capacidade de armazenagem para mil e quinhentos barris de lamas líquidas (extraídas durante a perfuração e conduzidas para depósitos através de um sistema de filtragem). Tem ainda espaço para 7400 barris de óleo diesel, mil e quinhentos barris de água potável e duas unidades de destilação.



Os três homens da sonda colocam mais uma vara que instantes depois entrará na zona rochosa a quilómetro e meio da superfície onde a broca final vai furando...

coverer», que nesta sua operação é apoiado por dois barcos e por vezes observado, à distância, pela marinha portuguesa, é o seu sofisticado equipamento de ancoragem que lhe permite uma rotação de 360 graus sem que a plataforma mude de sítio ou a «kelly» (onde se enfiaram as varas radioactivas que empurram a broca final) dê de si. Esse sistema de rotação só é accionado em casos de mau tempo permanente, podendo o barco voltar a proa na direcção da borrasca. Um helicóptero «Dauphin» (pilotoado por escoceses) contratado pela «Esso» para estas duas operações petrolíferas no Algarve, a segunda das quais a iniciar em Janeiro que vem na área de Mantarota, onde se presume que haja gás natural), transporta dez passageiros e dois tripulantes e com os «Smit-Lloyd 50» e «Smit-Lloyd 411» constitui elemento importante em toda a operação. Bon White utiliza todos os dias o «hélio» para pernoitar em Faro.

Mas nem todos dispõem dos privilégios de Bon White, que vem todos os dias a terra, como aliás sucede para com os chefes imediatos, Collin e Peter, aos quais compete o controlo da perfuração e a direcção naval, respectivamente. Os muitos filipinos que trabalham no «Discoverer», entre a cozinha e o manuseamento da «kelly» estão dois meses no mar e uma semana em terra.

**Nem poluição
nem perigo maior**

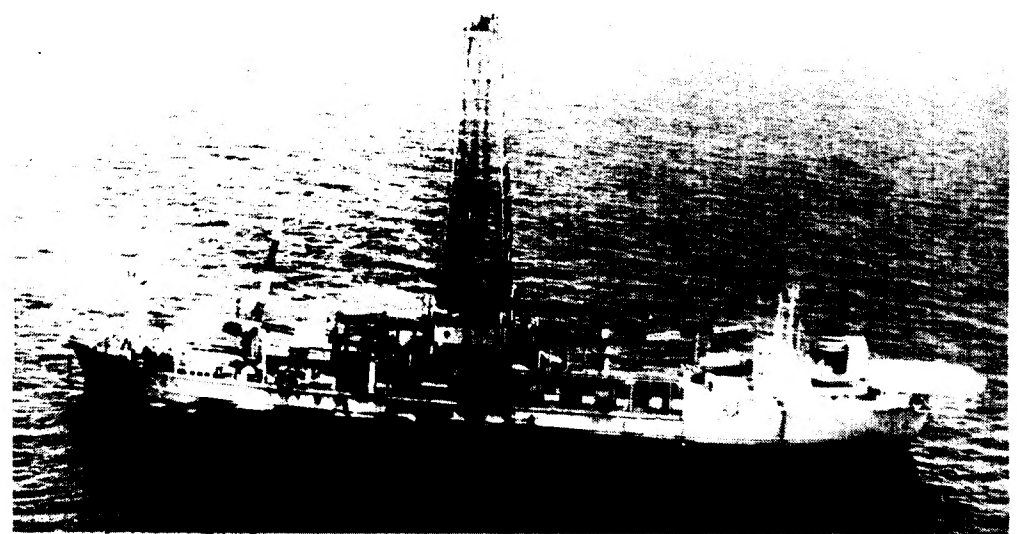
Jorge Faria, director do Gabinete de Pesquisas e Exploração

de Petróleo (GPEP) e Bon White garantiram ontem aos jornalistas, a bordo da «fábrica industrial» que uma tal plataforma representa, aos olhos de todos, que as condições de segurança são impecáveis. Aliás, a «Esso» há já trinta anos que anda envolvida em pesquisas petrolíferas e nunca teve qualquer problema. No entanto, há não muito tempo no mar do Norte, duas centenas de pessoas estiveram em perigo quando uma plataforma foi destruída por violento temporal.

Esse espectro não se coloca ao sul de Tavira, neste momento, com tempo ameno. Bon White mostrou nesse aspecto a sua confiança e disse poder assegurar aos portugueses que as praias algarvias não sofrerão qualquer alteração nem serão poluídas caso «rebente» petróleo. Só em condições perfeitamente anormais isso poderia ocorrer; mesmo para as condições mais adversas foram tomadas precauções.

Mesmo que venha a jorrar petróleo — o que só depois de mais de mil e cem metros de perfuração se poderá concluir com boa dose de probabilidades — não é firme nem singelo que a sua exploração se venha a efectuar. Só em condições de convidativa rentabilidade. Na pior das hipóteses, «Esso» e o GPEP apostam fortemente na área de Mantarota e na descoberta de gás metano e butano — como do outro lado, em Cádiz.

Júlio Rodrigues (texto)
José Tavares (foto)



A plataforma petrolífera a 22 km da costa algarvia, vista de helicóptero

COLECÇÃO BIBLIOTECA DO MARXISMO LENINISMO

Revolução e contra-revolução na Alemanha

Friedrich Engels



Um clássico do marxismo, rigorosamente traduzido e anotado. O balanço da revolução de 1848-1849, com base no materialismo histórico em que se desenvolvem os princípios tácticos da luta revolucionária do proletariado.

edições
Avante!

O diálogo norte-sul

Silva Falcão

Há muitas pessoas, pessoas de magnífica estatura intelectual e moral, que têm visto nos diálogos Norte-Sul uma via no sentido de os países do Terceiro Mundo conseguirem a sua soberania económica plena. Na maior parte dos casos, trata-se de ex-colónias que intentam a consecução de um «ponto de arranque» que lhes proporcione o desenvolvimento económico que resolva por forma gradual e progressiva as gritantes dificuldades em que vivem as populações locais, como corolário da rapina levada a cabo durante séculos pelos novos colonizadores. A fome não é uma figura de retórica, existe e existe para milhões de pessoas.

Estes diálogos deveriam ter como cenário a Organização das Nações Unidas mas este cenário não interessa aos Estados Unidos, que não dominam hoje esta organização. Com a criação de novos países, em resultado da descolonização que caracterizou os últimos decénios, os Estados Unidos perderam a sua privilegiada posição maioritária. É sintomática uma condição posta pelo grande estado da América do Norte antes de se iniciar o último diálogo travado recentemente em Cancun. Essa condição era a de que o diálogo realizado no México não implicasse negociações globais no seio das Nações Unidas. Decididamente: o baluarte do imperialismo não quer decisões tomadas na ONU, preferindo os diálogos onde tem marcado posição de superioridade. Todos os diálogos havidos até ao momento se saldaram por rotundos fracassos dos países do Terceiro Mundo, o que não acontece por acaso.

Na essência, duas razões estão na base dos fracassos registados. Em primeiro lugar, pode citar-se o estado de dependência em que se encontram os países do Terceiro Mundo. O «arranque» necessário implica sempre planos de financiamento que, ou não são proporcionados, ou são proporcionados em condições que aumentam a dependência. É um círculo vicioso. Mas a razão principal, talvez, assenta na carência de unidade por parte dos países do Terceiro Mundo. Há entre esses, alguns que são dirigidos por personalidades ocidentalizadas, que estudaram no ocidente e se adaptaram ao correspondente tipo de mentalidade, que conduziu à sobrevivência ante o imperialismo. Às vezes, esses dirigentes até proclamam ideais inflamados, com apelos à justiça social e ao socialismo. São na realidade «cavalos de Tróia» que traem os seus povos como quem mestiga um «chiclet». Também temos por cá, no País, quem venda a alma por uma posição ambicionada. Já são conhecidos estes sujeitos.

Em contrapartida, os países industrializados têm-se apresentado nos diálogos como um bloco muito homogêneo, com a possível excepção da França de Mitterrand. Vale a pena reproduzir os antecedentes do último diálogo. O presidente norte-americano condicionou a sua presença à circunstância de que ela se realizasse depois das reuniões dos chefes de estado das sete grandes potências industriais. Estados Unidos, Canadá, Japão, França, Reino Unido, República Federal da Alemanha e Itália. Fixadas estas para Julho do corrente ano, os ministros decidiram o adiamento da sessão preparatória, prevista para Junho, fixando a nova data em Outubro. O «coro» tinha que ser devidamente afinado, antes da Conferência de Cancun. Preparavam-se as condições para novo fracasso.

Já tinham falhado em Paris as discussões globais sobre as medidas e as mudanças estruturais indispensáveis para diminuir o fosso entre ricos e pobres, como tinham falhado a Conferência Buenos Aires sobre co-

operação técnica entre países em desenvolvimento, a Conferência de Nova Deli sobre desenvolvimento industrial, a Conferência de Viena sobre ciência e tecnologia e as negociações sobre preferências em relação aos produtos básicos que o Terceiro Mundo exporta e o seu fundo comum.

É entretanto despropositada a perspectiva considerada pelos países imperialistas, que tratam os países do Terceiro Mundo como pedintes massadores. Margaret Thatcher é sibilar quando afirma em relação aos países em vias de desenvolvimento que «não devem esperar nenhuma mudança importante nas políticas e no auxílio que lhes possam proporcionar as nações industrializadas, nem tão-pouco progressos no diálogo Norte-Sul». Por sua vez, são claras as afirmações de Myer Rashish, subsecretário de Estado de Economia dos Estados Unidos, em entrevista concedida ao «The New York Times» em Maio do corrente ano. Em nome do seu Governo, declarou: «não estar

excepção dos países produtores de petróleo. Também o Relatório Brandt, de 1979, que é da responsabilidade de políticos sociais-democratas, «admite» que os períodos em que prevalecem as tendências para a baixa dos preços das matérias-primas foram mais prolongadas do que aqueles em que persistiram altas. Até uma publicação mensal do Fundo Monetário Internacional fornece indicações no mesmo sentido. As «Estatísticas Financeiras» relativas a Julho de 1981 referem que o índice de preços de 30 produtos básicos, objecto de comércio internacional, desceram 3% em Junho do ano corrente, uma das maiores descidas verificadas em 1981. Deste modo compreende-se o estado de espírito com que os representantes dos Sete Ricos encaram os diálogos, com o desejo claro de que haja malogro. Porque o tempo joga a favor dos seus interesses. Acentua-se o

vam em jogo interesses de aliados seus, a Bolívia e a Malásia, os principais produtores. Por aqui se confirma o conceito de que não há ideologia na política estadunidense, há apenas interesses. Assim se explica a conta corrente de favores com o Chile de Pinochet, o que é estranho em país que se bate ferozmente em defesa dos Direitos Humanos. Repare-se no caso do Conselho Intergovernamental dos Países Produtores de Cobre (CIPEC). Neste Conselho verifica-se uma concentração do produto em poucos países pois cinco países controlam 64% das exportações mundiais, uma posição favorável, idêntica àquela de que usufrui a OPEP. Pois o Chile «furou» um entendimento. Tendo o CIPEC decidido que os seus membros reduzissem a produção, para elevar os preços, o Chile, cujas vendas representam metade dos citados 64%, aumentou a sua produção em 20%. Deste modo, o preço do cobre manteve-se muito baixo, um belo serviço prestado ao imperialismo pela ditadura chilena.

Os Estados Unidos manobram com a tranquilidade com que a ave de rapina ataca um cadáver. No momento agitam-se na aquisição, para consumo e para reserva, de nolibdeno e de outros metais e minerais necessários ao seu esforço bélico, como a platina, o titânio e o manganês. Entremetidos, projecta o Governo comprar 25 mil toneladas de bauxite com alto conteúdo de alumínio e mais 2600 toneladas de cobalto. A informação está contida na «The Wall Street Journal» de 22 de Agosto. Os preços, é claro, são baixíssimos.

Ultrapassa tudo aquilo, que se possa imaginar o que se passa relativamente à Lei do Mar. Os Estados Unidos resolveram destruir, por decisão unilateral todo o trabalho efectuado nos últimos dez anos, com o objectivo de rever o Tratado no seu conjunto. Há o interesse de as companhias mineiras norte-americanas explorarem os fundos marinhos. Só elas.

Apontaram-se alguns exemplos entre muitos que se poderiam citar. A pilhagem operada em época de neocolonialismo só tem paralelo na pilhagem verificada na época colonialista. O Terceiro Mundo mostra-se indefeso numa luta desigual e não serão os diálogos Norte-Sul que alterarão o actual quadro. Os povos do Terceiro Mundo só adregarão a quebra da sua dependência quando puderem utilizar plenamente a solidariedade mútua com os países socialistas, solidariedade esta que lhes dará força para lutar de igual para igual com os países industrializados, e quando souberem tirar partido das rivalidades que vêem minando os vários imperialismos. Nem tudo serão rosas nas relações entre os Estados Unidos, a Europa Ocidental e o Japão. O futuro nos dará razão. Lançado na rampa da queda livre, o imperialismo americano em breve se verá na necessidade de sacrificar, também, os restantes imperialismos. Há já o precedente dos malabarismos monetários, que só servem os interesses da economia dos Estados Unidos, em prejuízo da economia mundial.

Os problemas económicos dos países do Terceiro Mundo merecem prioridade absoluta. Conforme referiu recentemente François Mitterrand, mil milhões de pessoas poderão estar acossadas pela fome e pelo desespero no ano 2000, enquanto quatro mil milhões estarão ameaçadas constantemente pela pobreza. Entretanto, os Estados Unidos gastam anualmente dez mil milhões de dólares só no fabrico de armas químicas e bacteriológicas, algumas já aplicadas contra Cuba. Um mundo surrealista!



A fome não é uma figura de retórica

convencido de que as negociações globais ajudem a fomentar o género de política que beneficiaria os países em vias de desenvolvimento» e, mais adiante, «as exigências dos países em vias de desenvolvimento são impraticáveis ou ineficientes no tocante a baixar as barreiras alfandegárias e pretender preços mais altos para os seus produtos».

No entanto, os países do Terceiro Mundo estão muito longe de serem pedintes, apenas buscam a saída da forma irregular e injusta como se processam as transacções dos países do Terceiro Mundo para / e do ocidente, porque a chave dos problemas que afligem os países em questões reside na maneira como são fixados os preços das matérias-primas exportadas para os países industrializados. As estatísticas são claras. Por elas os 122 países em vias de desenvolvimento pertencentes ao chamado Grupo dos 77 tomam conhecimento de que o preço dos produtos agrícolas e minerais desce por forma regular e de que os preços das manufacturas compradas nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e no Japão sobem, também de forma regular. Há neste quadro a

fosso entre ricos e pobres, o que o imperialismo pretende, sejam quais forem os meios. A criação da Trilateral, que tem representante em Portugal, «fala» bastante a este respeito. Há que manter a todo o preço a dependência crescente dos países do Terceiro Mundo. Que interessam a fome e a miséria?

Entretanto, o que é significativo, a questão dos preços das matérias-primas continua ausente dos diálogos Norte-Sul. Os Estados Unidos pretendem a este propósito negociações separadas que lhes permitam preços ainda mais baixos e a consequente formação de «stocks».

Estes «stocks», facilitados pelos preços baixíssimos, dão aos Estados Unidos oportunidade de jogar no mercado, com o objectivo de influenciar ainda mais a formação dos preços futuros. A ambição é ilimitada.

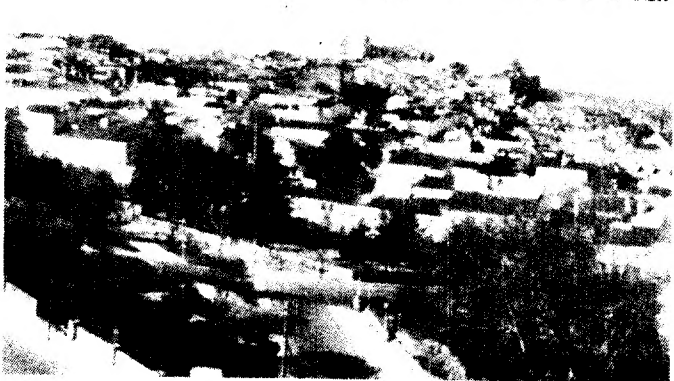
Se o panorama já era mau, para os países do Terceiro Mundo, piorou com o Governo Reagan, com a sua característica agressividade. Um exemplo: os Estados Unidos conseguiram ditar leis, por forma despota, quando se debateu o convenio do estanho. E no entanto esta-

ponto a ponto

● A 2.ª Assembleia da Organização Concelhia da Amadora do PCP, terá lugar no próximo dia 28, no Pavilhão da Associação Académica da Amadora.

A assembleia funcionará durante todo o dia com início às 9 horas, culminando com um comício de encerramento, previsto para as 21 horas.

Aos trabalhos da assembleia participará o secretário-geral do PCP, **Alvaro Cunhal**, que usará da palavra no referido comício.



● Os dirigentes socialistas de **Portalegre** insurgiram-se ontem contra a nomeação do governador civil do distrito.

Trata-se da terceira força política a pronunciar-se contra a indigitação do democrata-cristão, Rui Biscaia para o cargo, após o PCP e o próprio PSD, parceiro do CDS na coligação governamental.

Tal como os comunistas o haviam feito, os socialistas, no comunicado em que tomam posição sobre o assunto, referem alegadas responsabilidades de Rui Biscaia na ANP, o partido único do regime anterior ao 25 de Abril, considerando a sua nomeação como «uma ofensa a todos os democratas».



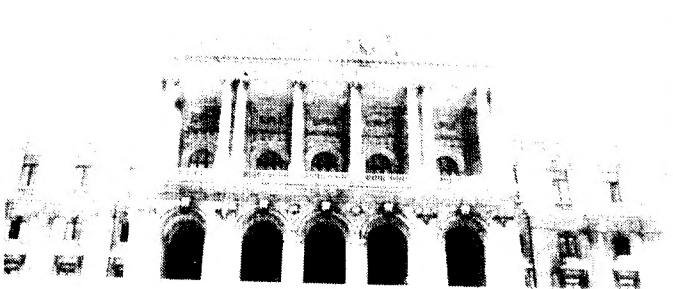
● **José Manuel Tengarrinha**, presidente do MDP/CDE, vai renunciar ao seu mandato de deputado, sendo substituído no hemicycle de S. Bento por **Herberto Goulart**, que é o vice-presidente daquele partido. A apresentação de renúncia, que chegou a estar anunciada para hoje, foi definitivamente marcada para a sessão de amanhã da Assembleia da República.

● A Comissão Pró-Associação de Amizade Portugal-Palestina, em colaboração com o Centro de Informação da ONU em Portugal, promove esta noite, às 21 e 30, na Associação Portuguesa de Escritores (Rua do Loreto, 13-2.ª) uma sessão pública de solidariedade com o **povo da Palestina**. A sessão, com a qual se comemora o dia 29 de Novembro consagrado pela ONU como Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, será presidida por Rui Grácio e nela intervirão António Muino, director do Centro de Informação da ONU, Fernando Loureiro, da presidência do Conselho Português para a Paz, Suleiman Vally Mamede, presidente da Associação de Amizade com os Países Árabes e Anselmo Anibal.



● As Comissões de Defesa dos Parlamentos português e espanhol vão efectuar duas reuniões conjuntas, uma em Lisboa e outra em Madrid — disse o deputado Magalhães Mota (ASDI).

Nestes encontros será debatido o funcionamento interno destas comissões, mas não a questão do comando ibérico da NATO — acrescentou.



● O Governo entrega hoje na **Assembleia da República** a proposta de lei do Orçamento Geral do Estado para 1982. A informação fora prestada pelo secretário de Estado, Alípio Dias, na reunião dos líderes parlamentares.

A conferência dos líderes parlamentares reuniu-se ontem para deliberar sobre a realização do debate parlamentar do Plano e Orçamento para 1982, mas ainda não tomou decisões definitivas quanto a datas.

General SS Marques queria discutir descolonização

Supremo ainda não se pronunciou sobre queixa fascista

O Supremo Tribunal de Justiça ainda não tomou nenhuma decisão sobre a queixa apresentada por um grupo de militares e civis fascistas na reserva que acusam líderes políticos democráticos de serem responsáveis por um crime de alta traição, traduzido na «entrega» de território português, soube o «DL» de fonte próxima daquele órgão de soberania.

O «DL» teve acesso à decisão do Supremo, que tem sido citada nos meios políticos, mas que, ao contrário do que se pensava, não se pronuncia sobre a questão da descolonização.

O Tribunal limitou-se a concluir que poderá deliberar sobre a aceitação, ou não da queixa dos elementos da extrema-direita, mas sem se pronunciar, por enquanto, sobre o fundo da questão. A decisão final daquele órgão só será conhecida dentro de dois ou três meses.

A queixa-crime do grupo encabeçado pelo general Silvino Silvério Marques foi primeiramente recusada pelo juiz do 3.º Juízo de Instrução Criminal porque «os factos participados deixaram de ter relevância jurídico-criminal». Os queixosos recorreram da decisão para o Tribunal da Relação, o qual voltou a recusar a denúncia, agora com o argumento de que, mesmo que fossem relevantes, os factos constantes da acusação (a «entrega» de parcelas da Mãe-Pátria) estavam amnistia-

dos e por isso a queixa era improcedente.

O grupo fascista que tomou a iniciativa voltou a recorrer, desta vez para o Supremo Tribunal de Justiça. A possibilidade de o recurso ser admitido a discussão opôs-se o Ministério Público, para tanto invocando uma disposição legal (do Dec.-Lei n.º 605/75) que impede que o Supremo conheça de recursos interpostos de despachos de pronúncia e não pronúncia, o que aliás se compreende porque estes decidem fundamentalmente questões de facto, sobre as quais o STJ não se pode pronunciar.

Foi sobre esta alegação do M.P. que os juizes do STJ se pronunciaram, por agora, dizendo que o que está em causa é uma questão de direito que o Supremo tem competência para abordar.

Na opinião dos conselheiros do STJ, o saber se os factos da queixa têm «relevância jurídico-criminal» ou se foram amnistiados é matéria de direito que é decidida, afinal, pelo Supremo.

Por isto se vê que, por enquanto, o STJ não se ocupou do conteúdo de questões políticas que tenham a ver com o processo de descolonização, mas tão-só com uma prévia questão de direito, sem conexões políticas que existem, sim, na discussão da queixa propriamente dita, ou seja, do recurso interposto pelo general SS Marques.

Afirmado em conferência de imprensa

Emigrantes clandestinos poderão regularizar situação

Os emigrantes portugueses em França em situação irregular deverão entregar até 31 de Dezembro os seus processos de regularização nas prefeituras da sua residência, afirmou ontem em Lisboa o secretário de Estado francês dos imigrantes.

François Autain acrescentou, em conferência de imprensa dada juntamente com o seu homólogo português, José Vitorino, que é inexacto pensar-se que a partir de 1 de Janeiro os trabalhadores portugueses clandestinos serão expulsos da França pelo simples facto de carência de documentação.

Prosseguiu, dizendo que a nova política francesa face à emigração entrega aos tribunais a apreciação dos casos irregulares que surgiram, e compromete-se a intervir para que os portugueses que tenham entrado ilegalmente em França até 1 de Janeiro de 1982 vejam a sua situação regularizada.

Correm actualmente nas prefeituras francesas cerca de 20

mil processos de regularização de emigrantes portugueses

Conselho das Comunidades: «marginalização incompreensível»

«Na altura em que as mudanças políticas em França abrem novas perspectivas aos emigrantes portugueses», «a marginalização de que estamos a ser vítimas por parte do Governo Português é tanto mais grave e incompreensível», declararam esta manhã em conferência de imprensa os representantes do Conselho da Comunidade Portuguesa de França (CCPF).

Na base desta movimentação, recorde-se, está a atitude assumida pelos responsáveis dos organismos oficiais portugueses em França e da própria Secretaria de Estado da Emigração, que «afastaram do acompanhamento das negociações» de revisão do acordo luso-francês os representantes dos emigrantes.

«Devemos, contudo, precisar, e é com tristeza que o fazemos, que começamos a estar habituados às sucessivas ilegalidades cometidas pela actual Secretaria da Emigração», sublinharam ainda.

Incluindo Costa Gomes

Sete generais europeus pedem á NATO que retire armas nucleares

O general Costa Gomes e outras seis altas patentes na reserva de países membros da OTAN instaram a Aliança Atlântica a retirar todas as armas nucleares do Ocidente europeu.

O apelo vem formulado numa declaração ontem difundida em Bona e assinada, além de Costa Gomes, por generais reservistas da França, Alemanha Federal, Noruega, Grécia, Itália e Holanda.

Ao longo das 18 páginas de um memorando dirigido ao Comando da OTAN, os signatários apelam para a renovação do desanuviamento com a União Soviética e para que os países europeus ponham termo à «sua vassalagem em relação aos Estados Unidos», começando por rejeitar o plano de instalação de novos mísseis norte-americanos de médio alcance no «velho continente».

O documento foi dado a conhecer numa conferência de imprensa em que participaram cinco dos seus signatários, Costa Gomes e Johan Christic

(da Noruega) foram os ausentes.

No decurso da conferência o general italiano Nino Pasti, senador e ex-vice-comandante da OTAN para os Assuntos Nucleares, em Bruxelas, rebateu as alegações norte-americanas de acordo com as quais o movimento antinuclear a que actualmente se assiste na Europa está a ser «alimentado pela propaganda soviética».

Considerando as alegações de Washington «um completo absurdo», Pasti sublinhou que «a verdadeira questão não está entre o modo de vida socialista e o modo de vida capitalista mas entre a vida e a morte».

O memorando ao mesmo tempo que advoga a adopção de «soluções políticas e não militares no conflito Leste-Oeste», assinala a existência, no seio da Aliança Atlântica, de «preconceitos e incorrecções de carácter político» em consequência dos quais se exagera a questão da «ameaça soviética».

Os generais consideram, por outro lado, que além de ser «ul-

trapassada e fútil», a concepção de superioridade militar apenas poderá «exacerbar a espiral armamentista».

O princípio de que a guerra é a continuação da política sob outra forma — escrevem — perdeu o seu sentido na era nuclear, já que aplicar agora este princípio seria lançar a Humanidade num holocausto apocalíptico ou, no mais extremo dos casos, conduzi-la ao extermínio.

Não ao alargamento da NATO

Mais adiante, as sete altas patentes europeias na reserva afirmam «não haver ninguém na Europa que seriamente acredite que, na actual situação, o armamento nuclear garanta uma maior segurança».

Pelo contrário — acentuam — apreçemo-nos, com profunda apreensão, de que estamos a começar a destruir a nossa segurança pelo recurso ao armamento.

No capítulo das recomenda-

ções, os signatários do memorando propõem que a OTAN revogue a decisão de instalar na Europa novos mísseis nucleares «Pershing Dois» e «Cruise», peça aos países membros que renunciem às suas armas atómicas e que a Grã-Bretanha e França desmantelem as suas forças nucleares.

Ao pacto de Varsóvia, os sete solicitam que adopte uma posição de renúncia aos armamentos nucleares idêntica à que propõem aos países ocidentais.

No domínio das negociações, o memorando exorta as autoridades norte-americanas e soviéticas a negociarem a redução das forças nucleares que as duas partes têm estacionadas fora das suas fronteiras e cortes substanciais nos totais de armas estratégicas.

Duas outras recomendações apontam, por um lado, no sentido de ser dado aos países europeus o direito de veto na utilização dos sistemas nucleares instalados na Europa e, por outro, no de não expandir a NATO.

Solidariedade com o povo cubano

«O povo cubano está a viver um dos momentos mais difíceis para a sua revolução. As claras ameaças de «acções punitivas» feitas por altos responsáveis do governo de Ronald Reagan fazem lembrar ao povo cubano e a todos os povos do mundo os momentos que antecederam a invasão de Giron em 1961» — afirma o Grupo de Solidarie-

dade com a América Latina (GSAL) em comunicado agora emitido intitulado «O Povo cubano não está só - não à intervenção norte-americana na América Central e Caribe».

O GSAL lembra que desta vez o pretexto do governo dos EUA para as «acções punitivas» — onde não é de excluir uma possível intervenção militar — é o apoio de

Cuba à luta do povo salvadoreño e às suas organizações representativas FMLN/FDR — e acrescenta que estas ameaças são feitas também à revolução nicaraguense com o mesmo pretexto.

Por tudo isto o GSAL alerta todos os democratas e a opinião pública portuguesa para a gravi-

dade que pode assumir uma intervenção directa dos EUA em Cuba, «consciente de que a oposição a tal possibilidade não diz somente respeito ao povo de Cuba ou aos povos da América Latina, mas sim aos povos de todo o mundo» e reafirma a sua total solidariedade para com os povos cubano e nicaraguense e suas revoluções.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

ANUNCIO

CONCURSO N.º 3-1958/81

Aquisição de instrumentos cirúrgicos para o Arsenal Cirúrgico do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 do dia 18 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 16 de Novembro de 1981.

Pe'l'O Chefe do Serviço
a) **Julio José Mendes**



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81 — 3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Gavião em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2005, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Margem, concelho Gavião, de uma linha aérea a 30 KV com 3870 m, do poste n.º 67 da linha para Vale Gaviões e Vale de Bordalos — Gavião ao posto de transformação n.º 661 de Moimho do Torrão — Gavião.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Novembro de 1981.
O engenheiro director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MIN

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sintra, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5612-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de uma linha aérea a 10 KV, N.º 781/R — 11, com 556 metros, do poste n.º 18 da linha N.º 781/R-3, ao posto de transformação N.º 5612, sito em Casal dos Planos (Tojeira).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 9 DE NOVEMBRO DE 1981
O ENGENHEIRO DIRECTOR,
JOAO CARLOS OUDINOT LARCHER NUNES



CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA EDITAL

ABASTECIMENTO DE ÁGUA À PRAIA DE MELIDES — CONDUTAS —

ANTÓNIO DE JESUS FIGUEIRA MENDES,
presidente da Câmara Municipal de Grândola:

Faz público que, de harmonia com a deliberação de 13 de Novembro de 1981, se encontra aberto concurso público para a empreitada em epígrafe, sendo de vinte dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente Edital no «Diário da República».

O acto público do concurso realizar-se-á na primeira reunião da Câmara Municipal que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

A base de licitação é de 16 682 087\$00.

A caução provisória é de 2.5% do valor da proposta, ou seja neste caso de 417 053\$00.

A caução definitiva será de 5% do valor global da adjudicação.

O programa do concurso e caderno de encargos estão patentes todos os dias úteis, durante as horas normais de expediente, na Secretaria desta Câmara Municipal.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou entregues directamente na Secretaria Municipal.

Paços do Concelho de Grândola, 16 de Novembro de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
António de Jesus Figueira Mendes

"A economia e a política de Portugal nos anos 80":

É necessária uma alternativa a esta situação

«Quem anda na rua, aprende muito do que aqui se disse sobre a economia portuguesa. Talvez seja por isso que os ministros sabem pouco», afirmou ontem o escritor Nuno Bragança no decorrer de um colóquio promovido pela revista «Economia e Socialismo» no ICSTE sobre «A economia e a política de Portugal nos anos 80», em que participaram ainda Fernando Piteira Santos, Mário Murteira e Augusto Mateus.

Nuno Bragança sublinharia ainda não ser político, mas escritor: «Nós sabemos que os artistas são pessoas a que se presta pouca atenção, ainda que se revelem profetas».

Depois de vincar o nosso isolamento a todos os níveis e de referir os «enquadramentos exteriores» desenvolveu o tema da superpopulação mundial com a sua carga de subnutrição e fome, contexto

mais vasto em que teremos de situar os nossos próprios problemas.

Fernando Piteira Santos, por seu turno, evocaria as «possibilidades de transformação da sociedade portuguesa, abertas pelo movimento de massas».

«Se nessa data se iniciou uma revolução, é o que exige uma análise mais detalhada», acrescentaria. O certo é que esse processo foi interrompido, pelo que «se torna necessária uma nova alternativa, face à situação que hoje vivemos».

Depois de referir os diversos actos eleitorais que se avizinhavam, Piteira Santos traçaria um quadro do espectro político da sociedade portuguesa, caracterizando cada uma das principais formações.

Augusto Mateus falou da situação existente do «primado do conjuntural» sobre os

«problemas estruturais» da sociedade portuguesa.

«Os esforços após o 25 de Abril para a definição de uma estratégia, foram derrotados, o que teve a ver com as correlações de forças existentes em cada momento», diria.

«Os problemas são estruturais e não podem ser resolvidos no âmbito de políticas a curto prazo, com desprezo do problema do desemprego», sublinhou noutro passo, Augusto Mateus.

«Mesmo o plano a médio prazo 1981-1984, não é mais do que o somatório de planos anuais». Por todas estas razões, sustentou, a nossa economia encontra-se hoje «bloqueada»: «quando cresce, aumentam os défices, sendo necessário introduzir logo a seguir restrições e assim ciclicamente».

Para Mário Murteira torna-se «necessário reflectir sobre

o passado, interpretá-lo e ler nele o que é portador de futuro».

Referiu o quadro de crise económica internacional e evocou a ruptura de 1974/75. «A grande questão, afirmou, é que havia um processo de acumulação de capital em vias de transformação, que foi interrompido naquela altura. Desde então, o que tem havido é tentativas mais ou menos hábeis ou bem sucedidas de pôr em marcha esse processo».

«A particularidade do nosso processo, disse Mário Murteira, reside no facto de haver algo que germina em 1974 e 1975, e falha. Mas é compatível com a manutenção de uma situação democrática, quando normalmente é o contrário que se verifica».

Seguiu-se um período de debate com a assistência que enchia por completo o anfiteatro.

Quem deve 'chegar' ao 'Supremo' — consenso entre a AD, FRS E PCP

AD, FRS e PCP concordaram em que o acesso dos juizes ao Supremo Tribunal de Justiça deve ser feito com base no mérito e este avaliado pelo Conselho Superior da Magistratura.

Os deputados da comissão de Revisão Constitucional concordaram, também, em que o presidente do Conselho Superior da Magistratura deve ser o presidente do Supremo Tribunal de Justiça e não o chefe do Estado, como actualmente sucede — disseram alguns dos presentes.

A comissão parlamentar de revisão manifestou-se igualmente por consenso favorável à redução do número de membros do Conselho Superior da Magistratura, de 23 para 15.

Também foi consensual a proposta da AD de incluir na Constituição a possibilidade (já hoje legal, mas nunca utilizada) de ascenderem por mérito ao Supremo Tribunal advogados e professores de direito — disse um deputado da maioria.

Contudo, a forma como esse mérito será avaliado pelo Conselho Superior da Magistratura (por concurso ou outra) ainda não

ficou assente — explicaram as referidas fontes.

Os juizes têm até agora ascendido ao Supremo Tribunal apenas pelo processo das antiguidades e o Conselho Superior da Magistratura é formado por 23 membros, 12 dos quais, a maioria, juizes de carreira.

A FRS pretende alterar esta maioria de designados pelos magistrados propondo que oito dos 15 futuros membros do Conselho sejam escolhidos pelo Presidente, Governo e Parlamento e sete pelos magistrados.

O PCP já deu o seu acordo à proposta e os deputados da AD manifestaram «abertura e receptividade» a este respeito, mas preconizaram a introdução de alterações ao texto dos socialistas.

O Conselho Superior da Magistratura integra os Presidentes da República (que é o Presidente), do Supremo Tribunal de Justiça e dos quatro tribunais das Relações.

Do Conselho fazem também parte o Provedor de Justiça, dois Juizes Conselheiros, seis juizes de primeira instância e quatro oficiais de justiça.

Socialistas reúnem-se todos

De "reflexão" em "reflexão" até ao apaziguamento final?

Encontro de reflexão assim classificou Almeida Santos (PS) uma próxima reunião entre as várias «sensibilidades» no Partido Socialista. O encontro deverá realizar-se logo após o regresso de Mário Soares a Lisboa e antes da Comissão Nacional do PS de 12 de Dezembro.

O apaziguamento entre as várias tendências socialistas é visível e, mesmo no Parlamento, regista-se uma melhor articulação entre todo o Grupo Parlamentar.

Entretanto, Salgado Zenha, Jaime Gama, Raul Rego e José Niza, estarão no próximo fim-de-semana nos Açores, a participar nas jornadas parlamentares dos socialistas açorianos.

**Soares
Mitterrand**

«É um grande acontecimento» afirmou Mário Soares, à saída do

Eliseu, onde se avistou com o presidente da República francesa, referindo-se à viagem que François Mitterrand fará a Portugal a partir do próximo dia 12 de Dezembro.

Mário Soares deve encontrar-se, ainda, com o primeiro secretário do PS Francês, Lionel Jospin, antes de partir para Madrid, onde se efectua a reunião dos Partidos Socialistas europeus. Soares sublinhou a importância e a «repercussão» que teve em Portugal a eleição de François Mitterrand. O presidente francês foi eleito por uma maioria de votos dos socialistas, comunistas, radicais de esquerda e também votos à direita. Uma eleição em muito semelhante ao que aconteceu com Eanes. Soares trocou impressões com François Mitterrand sobre a situação política portuguesa, em vésperas da deslocação do presidente francês a Portugal.

Apelo aos deputados sobre a Constituição continua a recolher assinaturas

Prossegue em todo o País a recolha de assinaturas para o «Apelo aos Deputados da Assembleia da República sobre a Revisão Constitucional».

Entre as muitas novas adesões já verificadas os promotores da iniciativa destacam as seguintes: Amadeu Silva Cruz, antigo deputado; Aníbal de Castro, juiz desembargador; António Borges Coelho, professor; António Goucha Soares, advogado; António Santos, presidente do Sindicato dos Jornalistas; António Victorino de Almeida, compositor; Armando Trigo de Abreu, engenheiro agrónomo; Augusto Vilela, membro do Conselho de Informação da RDP; Baptista Bastos, jornalista; Cáceres Monteiro, jornalista; Carlos Consiglieri, economista; David Paiva, médico e professor; Eduardo Scarlato, contra-almirante e escritor; Emídio Rangel, jornalista da RDP; Fausto Lucas Martins, gestor industrial e antigo governador civil;

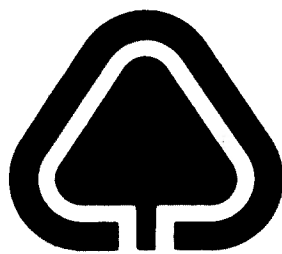
Fernanda Mestrinho, jornalista; Fernando Alves, jornalista da RDP; Fernando Oliveira Baptista, engenheiro agrónomo e antigo ministro; Fernando Tavares Loureiro, médico e antigo deputado; Gilberto Lindin Ramos, economista; João Hogan, pintor; Jorge Galamba, presidente do Conselho de Informação da RDP; José Carlos Megre, gestor; José Gomes Mota, economista; Luis Cid, economista e antigo deputado; Manuel Beça Múrias, jornalista; Maria Antónia Fiadeiro, jornalista; Maria Antónia Palla, jornalista; Mário Beja Santos, funcionário público e membro do Conselho de Informação da RDP; Mário Bruxelas, arquitecto; Mário Pereira, jornalista da RDP; Mário Zambujal, jornalista; Maurício Vasconcelos, arquitecto; Nuno Bragança, escritor; Pedro Amaro, professor; Pedro Osório, músico; Rogério Rodrigues, jornalista; Rui Pedro, jornalista da RDP; Virgílio Moreira, médico.

Rectificação Foi o PPM

Um «não» trocou por completo a ideia. Ao contrário do que dava a entender, foi o PPM que não concordou com a discussão imediata no Parlamento sobre a descolonização e a decisão do Supremo em aceitar o recurso de uma queixa-crime de figuras do fascismo contra responsáveis da

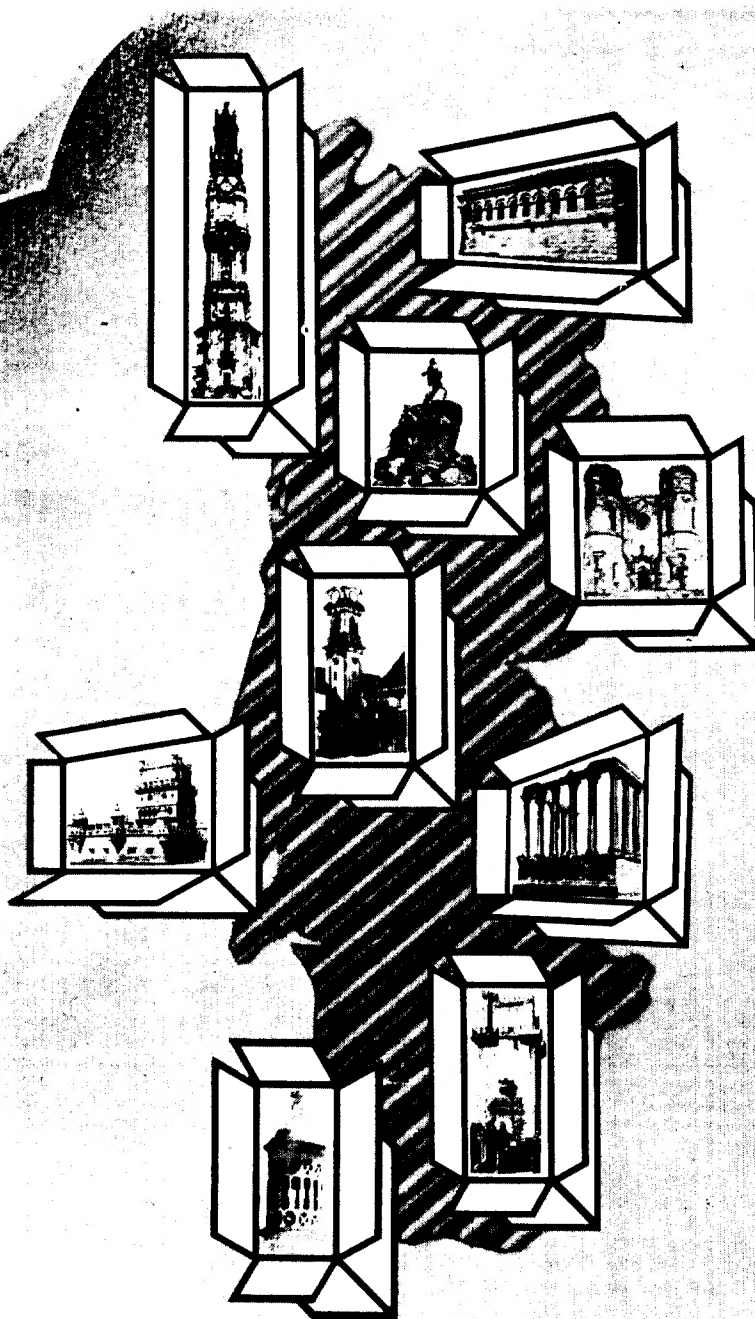
descolonização.

Todos os outros partidos aceitavam a generalização imediata do debate. E todos acabaram por aderir a uma proposta do PS, a qual propunha que o assunto fosse «agendado». Foi, portanto o PPM, a excepção ao consenso.



nós somos a Portucel

e... há sempre uma embalagem



A outra face do produto

Acondicionamo-lo
protegemo-lo
apresentamo-lo

Mas a sua marca
é a nossa marca

e marca a nossa qualidade

Distribuimo-nos ao longo do País
e chegamos onde chega
o esforço industrial

Produzimos a outra face
dos bens da terra
e do engenho dos homens

A indústria do nosso povo
responde com a nossa indústria

Ser primeiro
é sê-lo na responsabilidade

Há sempre uma embalagem


PORTUCEL
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, EP.


Presentes na
NUTRIPACK



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2011, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Bencatel, concelho de Vila Viçosa, de uma linha aérea a 15 KV, com 140 metros, do poste n.º 9 da linha para o P.T. da Calemar (Vila Viçosa), ao posto de transformação n.º 2 de J. Duarte & Filhos, Lda., (Vila Viçosa).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 11 DE NOVEMBRO DE 1981

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81 — 3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5581 — 1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Oeiras, de uma linha aérea a 10 KV n.º 600/R — 6, com 80m, do poste n.º 17 da linha n.º 600 ao PT n.º 5581 em Valejas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Novembro de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5838, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de uma modificação da linha a 10 kV, n.º 1279 com a montagem dum troço misto com 296 m parte aérea com 266 m e parte subterrânea com 30 m do PST n.º 3113 ao poste n.º (antigo n.º 4), na Venda do Pinheiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 13 de Novembro de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2304, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Malhou, concelho de Alcanena, de uma linha aérea a 30 KV, com 48 m, do poste n.º 8 da linha para o PT de Espinheiro ao PT de António Rodrigues & Filhos, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 13 DE NOVEMBRO DE 1981

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
JOÃO CARLOS OUDINOT LARCHER NUNES

Eanes em Moçambique Eanes em Moçambique

Enterrar o colonialismo

MAPUTO, 26 — (Por Augusto Vilela, nosso enviado especial) — «Foi com emoção que vivemos os primeiros momentos da sua visita de Estado ao nosso país. Quando o avião que o transportava sobrevoa a nossa capital, sentimos todos que ele trazia a amizade e solidariedade do povo português, que transportava uma mensagem de igualdade, de entendimento e de paz.»

Foi assim que o presidente Samora Machel iniciou o seu discurso, no banquete que ontem ofereceu ao general Ramalho Eanes, no Palácio da Ponta Vermelha, um discurso longo e caloroso, que transmite uma mensagem de esperança no fortalecimento das relações entre Portugal e a República Popular de Moçambique.

Samora Machel considerou a visita de Eanes como «um acontecimento histórico», sublinhando que «o mundo inteiro tem os olhos postos nesta visita» e que sabe como será construído o futuro das relações entre os dois países.

O presidente moçambicano disse depois que era justa essa expectativa, dado que os dois países estiveram em guerra e que passados sete anos há ainda feridas a cicatrizar no corpo social de cada um deles.

«Em Portugal o luto cobre ainda muitas famílias, muitos pais perderam os seus filhos na guerra colonial em Moçambique. Viúvas perderam aqui os seus maridos. Noivas não chegaram a casar. Jovens não viram regressar os seus pais. Homens ficaram mutilados, no corpo e no espírito. Em Moçambique, também a guerra colonial deixou essas marcas dolorosas», disse Samora Machel que acrescentou poderemos encontrar-nos hoje, «sem complexos nem recalamentos», porque conscientes deste passado, «porque da nossa luta esteve sempre au-



sente o ódio ao povo português», porque o «Estado português rejeitou a herança do fascismo e do colonialismo».

Lembrando que «todas as nações nasceram da luta», Samora Machel explicitou o carácter que teve sempre o seu povo, ao afirmar que ele lutara «contra inimigos directos e bem definidos», «lutara contra todas as formas de opressão e de dominação».

Salientou que os moçambicanos sempre definiram correctamente o inimigo, «sempre fomos aliados do povo português, ambos lutávamos contra o mesmo inimigo que a ambos oprimia — o regime colonial-fascista.»

Dizia também o presidente Samora Machel que Eanes tinha

sido o «motor» e o «agente dinâmico» do processo de fortalecimento das relações entre os dois países. E revelou a convergência de pontos de vista em relação a questões fundamentais.

O discurso de Samora não teve ambiguidades. Foi de uma sinceridade transparente. O presidente da RPM acredita que «conjugando os recursos que Portugal e Moçambique possuem, podemos criar as bases de uma cooperação sólida, estável, frutuosa e rentável para ambos os países».

As posições assumidas por Portugal em questões como a agressão a Angola, Namíbia e Médio Oriente, mereceram o

elogio do presidente moçambicano.

Síntese histórica

A resposta de Eanes contém uma tónica idêntica. A soberania dos dois Estados, as relações fraternas, a cooperação recíproca, as grandes questões internacionais foram pontos abordados.

Sobre o passado Eanes disse que «poderemos justificadamente considerar trágico que tivesse sido necessária a guerra colonial e a luta de libertação, para que esta singularidade do nosso relacionamento fraterno se possa exprimir, mas as situações históricas nem sempre obedecem às exigências dos princípios e à razão dos reais interesses dos povos». Considerou este encontro de Portugal com Moçambique como de «realização de uma síntese histórica».

O Presidente português deixou claro também que não se trata de «estabelecer modalidades de auxílio porque não é esse o nosso entendimento do que deve ser a cooperação, recolher benefícios injustos e desiguais destas relações».

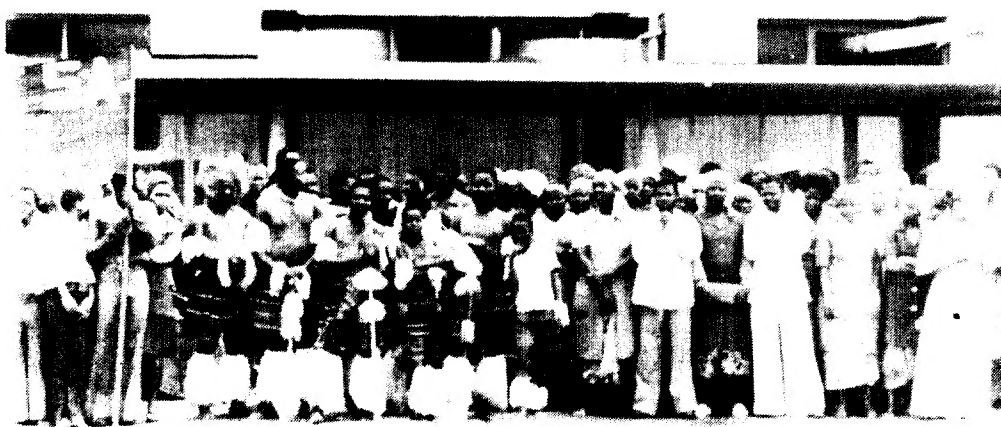
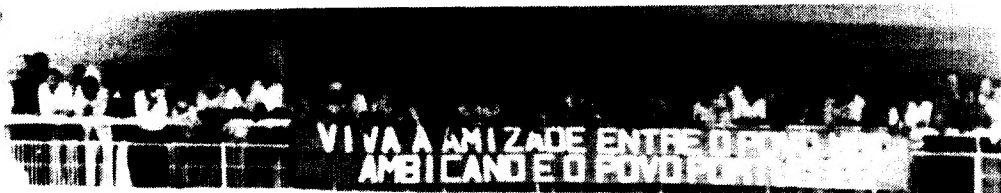
Disse em seguida que as condições de base para a nossa cooperação estavam reunidas, que existe vontade política, que há inúmeros campos de acção comum conhecimentos acumulados que devem ser colocados com urgência ao serviço da melhoria das condições de vida, complementaridades entre os nossos sistemas económicos que facilitam a realização dos nossos interesses mútuos.

Referiu-se também com detalhe aos problemas da África Austral, condenando com toda a clareza as agressões a Angola e todos os actos contrários ao exercício da plena soberania por cada povo. Condenou igualmente o «apartheid» como forma de organização social «contrária à dignidade humana».

Aquele abraço que emocionou todos quantos assistiram à chegada do Presidente português ao Maputo, estendeu-se ontem ao povo moçambicano, quando Eanes, após ter visitado o Museu da Revolução, encontrou à saída uma multidão de muitos milhares de pessoas. Acompanhado de Joaquim Chissano e Oscar Monteiro, Eanes, em lugar de entrar para o carro, dirigiu-se para a multidão. Foi um nunca acabar de abraços de mãos estendidas. Eanes foi praticamente absorvido pela multidão.

Antes, o Presidente português visitara a Mabor, onde lhe foi dispensada também uma recepção festiva pelos trabalhadores e dirigentes, de novo bandeiras de Portugal e de Moçambique, danças e cantares locais. Assinou o livro de honra depois de ter percorrido demoradamente, aquela unidade industrial que funciona com elevado nível de eficiência e produtividade com os seus 500 trabalhadores moçambicanos e 24 portugueses.

Mas a visita ao Museu da Revolução revestiu-se de um significado muito especial. Ali se fazia



Quando Samora raptou um preso a Eanes

A comunicação entre Eanes e Samora Machel, dois homens tão diferentes, estabeleceu-se, aberta e franca desde os primeiros contactos e o protocolo é por isso frequentemente quebrado.

Ontem, no final do jantar, conversando informalmente com Eanes — é assim que Samora gosta — na presença de outros convidados, o presidente moçambicano contou uma história da guerra em que participou o general Eanes, mais ou menos como adversário.

Cumprindo uma ordem de alguém que achava isso muito importante, a tropa portuguesa tinha recebido como missão aprisionar um régulo da região. A operação foi realizada sob o comando de Eanes e o régulo foi preso para o quartel.

Só que, passado algum tempo, Samora comandou outra operação de sinal contrário e raptou o régulo.

Eanes confirmou a história mas fez questão em contar o resto. Primeiro, disse a Samora que o régulo não havia sido raptado ao quartel mas à administração; depois revelou que, quando vinham de regresso com o preso, os soldados portugueses, impressionados porque o régulo era um homem já muito velho, vieram pedir autorização a Eanes para o transportarem às costas, ao que o então capitão anuiu.

Os dois presidentes riram enquanto os convivas sublinhavam com uma salva de palmas.

Que melhor exemplo podia haver para ilustrar e demonstrar quanto a guerra era um absurdo para os nossos soldados?

Eanes em Moçambique Eanes em Moçambique Eanes em Moçambique

e construir o futuro

a história da luta do povo moçambicano, desde a fotografia do primeiro grupo de guerrilheiros que foi treinar para a Argélia, às armas utilizadas, ao desenvolver da guerrilha e às suas fases qualitativas, ao telefone que Samora Machel utilizou de Lusaka no primeiro contacto com o general Spínola depois do 25 de Abril.

Ao deixar, no final, a sua assinatura no livro de honra, Ramalho Eanes escreveu: «Cabe a cada povo soberano fazer a sua própria história, escrita nos actos que os seus filhos consideram dignos de memória. Cabe a todos os povos respeitar essa história, essa manifestação cultural de identidade e de soberania. Respeitando os povos, Portugal respeita a sua história».

Acordo

O entendimento de Samora Machel e Eanes nos aspectos fundamentais é grande. Joaquim Chissano dir-nos-ia num breve contacto à saída do Museu da Revolução, que agora é com os técnicos, «se as coisas falharem não é pelos presidentes».

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique acompanhava Eanes entre a multidão que os aplaudia.

Pedimos-lhe um comentário ao que estava a passar-se. «Que

comentário hei-de fazer? Este é o grande enterro do colonialismo».

Entretanto, são conhecidos alguns pormenores do encontro a sós de Samora Machel com Eanes. O presidente moçambicano «dinamizou» a reunião no seu jeito característico. Manifestou a sua surpresa pela forma como em Portugal se ataca um Presidente da República, seja Eanes ou qualquer outro e teria perguntado o que resta depois disso.

Manifestou o desejo de uma ampla cooperação, que poderia traduzir-se também na criação de empresas mistas com 50% de capital para cada uma das partes, e que inclusivamente poderiam partir à conquista de novos mercados.

Considero a hipótese da construção de 5000 casas um projecto do Governo moçambicano em que Portugal poderia cooperar e demonstrou interesse por sectores como os transportes, dada a capacidade da engenharia portuguesa na construção de estradas e da indústria portuguesa de material ferroviário, na metalomecânica, pescas e outros.

Samora Machel considera que se Moçambique tem de dever a alguém, pois que deva a Portugal, porque daí Moçambique nada pode temer e uma posição de endividamento a outros países traz perigos.

No final, num gesto tradicional que alguns observadores consideram que Samora só teria com chefes de Estados africanos, os dois presidentes saíram de mãos dadas.

Hoje: o dia mais longo

O Presidente Ramalho Eanes saiu hoje de Maputo às 7.30 locais (5.30 em Lisboa), para um voo até Tete, onde foi saudado pelo Governo provincial.

Ao fim de meia hora de escala, o Presidente partiu de avioneta para o Songo, onde as 11.15 (9.15 em Lisboa) iniciou uma visita à barragem de Cabora Bassa.

O almoço foi-lhe oferecido no Songo pelo governador na província de Tete, Manuel Baptista Cosme.

Findo o mesmo, Eanes passou por Tete, de onde partiu de avião para Nacala.

Depois de meia hora no terceiro porto de Moçambique, o Chefe do Estado português, dirige-se ao Monapo, onde visita uma fábrica de óleos e sabões.

À noite, Ramalho Eanes chega à ilha de Moçambique, onde tem jantar oferecido pelo Governador da província de Nampula e fica a assistir a uma sessão cultural.



de ontem para hoje

Casa de penhores assaltada em Gaia

Dois homens armados de G-3 assaltaram ontem, em Vila Nova de Gaia, uma casa de penhores, situada na Rua Luís de Camões, 201, apoderando-se de vários objectos em ouro (cordões, anéis, pulseiras e fios) avaliados em cerca de mil contos. Dirigindo-se à proprietária do estabelecimento, Maria Odete da Fonseca, que se encontrava acompanhada dos seus dois filhos, de três e dez anos, respectivamente, os dois assaltantes ameaçaram: «Não pises senão matamos já esses dois!». Cerca de meia hora depois, os mesmos dois homens procuraram dar novo «golpe» numa ourivesaria situada na Rua de S. Roque, no Porto. A firmeza do ourives, Anacleto Pinto, e a chegada inesperada de alguns clientes, frustraram-lhe, no entanto, os intentos. Pelo que tiveram de pôr-se em fuga num carro roubado horas antes na Estrada da Boavista. A PJ investiga.

No Tribunal de Famalicão: Isabel do Carmo contesta inspector da Judiciária



Isabel do Carmo (foto) afirmou ontem, no Tribunal de Famalicão, durante uma audiência do julgamento do dirigente do PRP Vítor Romano que as Brigadas Revolucionárias se separaram do PRP em Outubro de 1975, batendo-se pelos seus objectivos de forma diversa. Relativamente a um organograma do PRP/BR elaborado pelo subinspector da PJ António Joaquim Gonçalves, Isabel do Carmo criticou-o duramente, considerando que um dos seus objectivos era a implicação de alguns militares no activo. Vítor Romano é acusado de co-autoria moral nos assaltos a bancos de S. Mamede de Infesta e Riba D'Ave, em 1977.

Câmara de Chaves: melhor as termas da cidade

A Câmara Municipal de Chaves no intuito de melhorar as termas da cidade, mandou proceder a novos furos de pesquisa na área termal. Uma nova nascente, soube-se ontem, já foi captada, por uma sondagem de cem metros de profundidade, em terreno rochoso, com um caudal de cerca de 40 mil litros/hora, com pressão e temperatura de lombagem entre os 68 e os 70 graus centígrados.

Em Cantanhede: litígio entre Câmara e Paróquia

Um litígio judicial entre a Câmara e a Paróquia de Cantanhede, poderá surgir por ambas as entidades se reclamarem proprietárias dos mesmos terrenos, soube-se ontem em Coimbra. As áreas que a Igreja reivindica e a Câmara utiliza como suas são as que circundam as capelas de S. João e de S. Mateus. O pároco de Cantanhede, Alfredo Dionísio, faz questão de chamar «adros» a esses espaços, e disse que neles se realizam festas seculares, «carentes de grandes logradouros». Na perspectiva do brigadeiro Carvalho Simões, presidente da edilidade, os terrenos pertencem ao domínio público, tendo sido afectados à realização de feiras e, em parte, à edificação de casas económicas, sem oportuna reclamação da paróquia.

«Não posso, como presidente eleito da Câmara, deixar de lutar por aquilo que, desde que me conheço, julgo serem bens camarários» — referiu o brigadeiro Carvalho Simões. «Como pároco devo defender a integridade de um património que não tenho dúvidas de pertencer à Igreja» — alega, por sua vez o padre Dionísio.

Congresso no Alentejo e Algarve: «O Islão na Península Ibérica»

O Décimo Primeiro Congresso da União Europeia de Arabistas e Islamólogos realiza-se de 25 de Setembro a 6 de Outubro de 1982 nas cidades de Évora, Faro e Silves. O Congresso, soube-se ontem, que terá por tema «O Islão e o Arabismo na Península Ibérica», inicia-se em Évora e será encerrado em Silves, com dois dias de trabalho em Faro. No âmbito do encontro está projectada para o Algarve uma exposição de arte e de artesanato hispano-árabe e uma exposição de livros.

Em Janeiro na Covilhã: novo circuito das carreiras urbanas

A Covilhã disporá a partir de 1 de Janeiro próximo de um novo circuito nas suas carreiras urbanas. O traçado, já aprovado, abrange, segundo foi ontem revelado, nos dois sentidos, a estação, Adega Cooperativa, Várzea, Nova Penteação, Parque Industrial e Canhoso.

Através da ONU: Portugal aumentou subsídio para refugiados



Portugal decidiu aumentar a sua contribuição para o Alto Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR), a partir de 1982, para um montante de 6600 contos. O actual auxílio do nosso país para aquele organismo é de 660 contos. O representante da ACNUR em Lisboa, Philippe Lavanchy, referiu ontem que Portugal conta presentemente com 7500 refugiados e que depois de 1978 têm chegado mensalmente até nós uma média de 20 a 30 de diversas origens. O orçamento geral do ACNUR é destinado a auxiliar cerca de sete milhões de refugiados espalhados pelo Mundo.

no governo civil

Aproximou-se demasiado do sentinela da esquadra

Dois jovens foram detidos numa casa do Beco do Laranjeiro com quatro rodas de automóvel e respectivas jantes especiais cuja proveniência não justificaram. Posteriormente, o familiar de um dos detidos entregou aos investigadores um saco contendo diversos artigos entre os quais uma espingarda caçadeira de calibre 12mm, uma faca de ponta-e-mola e dezenas de munições, produto de vários furtos.

Um indivíduo, com sinais de embriaguez, ao ser avisado de que não podia estar junto à sentinela de serviço à porta da esquadra do Rossio, no Largo do Regedor, não só desobedeceu, como ainda procurou, segundo refere o auto de notícia, «agredir e injuriar o agente».

A funcionária de um «stand» de automóveis, localizado na Avenida 5 de Outubro, queixou-

se contra um indivíduo que ali alugou um carro e que nunca mais deu sinais de vida. O veículo foi avaliado em quatrocentos contos.

Dois desconhecidos abordaram um transeunte na Rua Montepio Geral e, sob a ameaça de uma navalha, furtaram-lhe o relógio de pulso no valor de 1500 escudos.

Na rua Francisco Sanches foram presos dois jovens que tinham em seu poder uma pequena quantidade de haxixe que afirmaram ter adquirido a um «indivíduo de raça cigana». A caminho da esquadra um deles tentou libertar-se de duas cartelas de cápsulas de «Dinintel» e dois comprimidos de «Lorenin».

Na secção de perdidos e achados da PSP (Rua Capelo) encontram-se depositados documentos e carteiras em nome de: Adão Pereira; Carlos Alberto

Pais Correia; Diamantino Alves; Florinda Encarnação Gonçalves; Maria Teresa Costa Pereira; Maria do Carmo João; José Augusto Gonçalves; Miguel Vaz; José António da Silva Correia; Rui Manuel Antunes Ribeiro; Fernando José Ligeiro; Henrique Valente Augusto; António Manuel Simões Afonso; Maria Teresa Ávila; Jorge Cândido Osório; Maria Henriqueta Luís; Maria Lurdes Nunes; Dulcinea Rodrigues; Maria Susana Pimenta; João Dias Santos; Lourenço Urbano; Dulcinea Rodrigues; e José Joaquim Silva Batista.

No mesmo local poderão ainda ser requisitados os seguintes objectos: uma caixa de cartão com garrafas; uma cana de pesca; um casaco de malha; um capacete de protecção; uma antena de rádio; dois relógios de pulso; e um saco plástico com um fato de ginástica.

comunicação social

Trabalhadores de «A Tribuna» recorrem ao Provedor

Um grupo de trabalhadores do antigo matutino «A Tribuna» entregou ontem ao provedor de Justiça um abaixo-assinado onde reivindica, entre outros aspectos, a investigação de alegadas irregularidades dos administradores da empresa proprietária. Assinado por 23 trabalhadores da «interempresarial» — Sociedade Nacional de Gestão, empresa constituída em Dezembro de 1979 com um capital social de cem contos, o documento sustenta a acusação de que os administradores desviaram mais de cinco mil contos para fins exteriores à empresa. A empresa iniciou a publicação do jornal em Novembro de 1979, tendo para tanto admitido vários trabalhadores, cujo número chegou, a 67, mas logo em Abril de 1980 se verificaram dificuldades com o pagamento de salários — refere o documento. Para além de efectuar alguns dos pagamentos com cheques sem provisão, a empresa devia em Dezembro de 1980 vários meses de salários tendo para o efeito recorrido à Secretaria de Estado do Emprego que concedeu uma

verba de 1900 contos — refere o abaixo-assinado. Em 10 de Março deste ano a mesma Secretaria de Estado, em conjunto com a Comunicação Social, concedeu novo apoio financeiro no valor de mais de sete mil contos, embora impondo condições que — afirmam os trabalhadores — nunca foram cumpridas pela administração.

O documento entregue ao provedor de justiça salienta que «as entidades públicas contactadas parece não terem iniciado qualquer diligência junto dos responsáveis da empresa no sentido de os responsabilizar pelo incumprimento de obrigações». «Nestes termos, os trabalhadores do jornal solicitam ao provedor da Justiça que recorra ao provedor da Secretaria de Estado do Emprego a realização de diligências que permitam averiguar onde foram utilizados os apoios financeiros que concedeu à interempresarial» — acrescenta o abaixo-assinado. Humberto Lopes era o presidente da administração da empresa e o último director do jornal foi José Maria Caldas. A delegação de «A Tri-

buna» era acompanhada pelos dirigentes dos sindicatos dos Jornalistas e dos Gráficos, respectivamente Eugénio Alves e Manuel Pires.

Caso Paulo David: Jardim «deturpado»

O Governo Regional da Madeira considerou que a «ANOP», no serviço para o espaço nacional, deturpou a posição de Alberto João Jardim acerca do arquivo do processo instaurado a Paulo David. Em comunicado, o gabinete de João Jardim afirma que «a ANOP trabalhou a posição assumida pelo Governo da Madeira no sentido de omitir o seu conteúdo, apresentando publicamente apenas a parte que ironiza com os poderes constituídos». Esta atitude da ANOP, refere o comunicado, deixou «a impressão de incoerência entre o desejo manifestado por Alberto João Jardim em relação ao arquivar do processo e as declarações governamentais agora só parcialmente difundidas».

Segundo «Le Canard Enchaîné»

Líbia paga trabalho jornalístico em várias publicações europeias

O semanário francês «Le Canard Enchaîné» divulgou ontem que a publicação «Jeune Afrique» vai receber quatro milhões de dólares (cerca de 210 milhões de escudos) para fazer uma campanha publicitária ao líder libio Khadafy.

O semanário «Le Canard Enchaîné», que publica fotocópias de documentos comprovativos, afirma que o contrato implica a designada «publicidade redaccional» — publicação de artigos favoráveis a Khadafy escritos por jornalistas e escritores, bem como a difusão dos mesmos em vários órgãos de informação do mundo sobre acção política de Khadafy.

O contrato estabelece a publicação de um suplemento elaborado pelo director-geral da UNESCO, Amadu Moktar M'Bow.

A operação foi tratada entre o director da «Jeune Afrique Promotion», Henri Desclèves, e um enviado do presidente libio que chegou no passado fim-de-semana a Paris, divulga o semanário.

O plano publicitário prevê a tradução, adaptação e publicação de artigos nos jornais «Africa», «West Africa», «L'Expansion», «Time Tor», «Time Asia», «Time Atlantic», «Corriere Della Sera», «L'Espresso», «Der Spiegel», «Le Monde», «L'Ex-

press International», «Al Mos-takbal» e «Al Seyassah».

O director-geral da UNESCO, Vincent Monteil (um dos jornalistas visados) e o responsável pela publicação do «Le Monde» contactados pelo semanário sobre a sua participação na campanha afirmaram desconhecer o projecto e alguns «caíram das nuvens» quando lhes foi posta a questão.

O «Canard Enchaîné» diz que os textos a publicar não figuraria a palavra publicidade.

A estratégia de promoção a executar pelo «Jeune Afrique» tem por objectivo «criar uma imagem positiva e dinâmica da Líbia e do seu presidente», acrescenta o semanário.

Profilaxia da Droga

«Toxicomanias são exemplo de canibalismo intelectual»

Ao nível da saúde e da segurança social há que dar prioridade de investimento na prevenção primária — esta foi uma das conclusões a que chegaram, esta manhã, os participantes das I Jornadas de Profilaxia da Droga que estão a decorrer desde ontem no Clube Residencial da Boavista, encerrando amanhã à tarde. Já ontem, durante a sessão inaugural, o ministro da Justiça havia considerado a prevenção primária «uma tarefa essencial», ao chamar a atenção para a necessidade de compreensão dos problemas que levam os jovens à toxicomania. Menéres Pimentel disse também que a prevenção da droga exige, para além de dinheiro, «muita criatividade por parte de todos quantos estão comprometidos com esta problemática».

Ontem à tarde os grupos de discussão que abordaram o tema «Educação e Cultura» concluíram ser necessário reformular a função docente e dar condições de participação dos pais no processo escolar. Concluiu-se também pela necessidade de um plano dinamizador escola/família e de fomento de iniciativas comunitárias. E chegou-se a esta recomendação: «Perante a inquietação do ser difícil ser pai, ser professor, jovem e técnico, não se ficar numa atitude de imobilismo, ousar experimentar, não tendo medo da crítica».

Uma das mais importantes intervenções de ontem foi feita pelo prof. Amaral Dias que, criticando perspectivas conservadoras, considerou o caso das toxicomanias «talvez o exemplo mais acabado de um certo canibalismo intelectual e aonde as microfalias mediocremente moralizantes tentam infiltrar a explicação definitiva para o fenómeno». Segundo Amaral Dias, «a toxicomania é, queiramo-lo ou não, a grande questão» disse, «está na razão que leva um número inquietante de jovens a escolher esta e não outra forma de estar no Mundo». Nesta perspectiva Amaral Dias interrogou-se deste modo: «Como escolher para grupo-alvo dos programas de prevenção os jovens se tudo indica que são os valores transmitidos pelos adultos que estão em crise?».

Demissões na Faculdade de Medicina de Coimbra

Os Conselhos Científico, Pedagógico e Directivo da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra encontram-se demissionários — soube a ANOP.

As razões daquela atitude devem-se à continuação do ensino clínico no Centro Hospitalar de Coimbra (CHC), recentemente decidida pelos ministros da Educação e Universidades e dos Assuntos Sociais.

A unidade de ensino clínico do CHC foi criada em 1977 pelo Decreto-Lei 182 para os alunos dos três últimos anos do curso de Medicina, que assim passaram a poder optar entre aquele estabelecimento e os Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC).

Em 1981, o Decreto-Lei 172 revogou o outro diploma, mas um despacho conjunto de Vítor Crespo e Luís Barbosa determinou a continuação do Ensino no CHC.

a patavira com...

O caso do intrigante paradoxo

Mário Murteira

O ministro das Finanças afirmou recentemente que o investimento directo alemão em Portugal atingira valor excepcionalmente baixo o ano passado, facto que constituiria um «paradoxo», pelo contraste entre o ambiente melhorado que o Governo AD proporciona a esse investimento e o seu comportamento relutante.

Compreende-se melhor a perplexidade do ministro se tomarmos em consideração a função decisiva que atribui ao investimento estrangeiro na sua estratégia de política económica. Na realidade, creio poder afirmar sem exagero que o «éxito» dessa estratégia depende quase por inteiro do comportamento do capital privado externo, ao menos quanto ao crescimento a médio prazo da economia portuguesa.

Simplificando um pouco — mas não demasiado — tratar-se-ia da seguinte divisão de trabalho: o Governo ocupa-se da estabilização da economia portuguesa a curto prazo e assegura o bom clima para o investimento estrangeiro; este trata do resto — isto é, do crescimento económico e da adequada expansão das exportações «portuguesas» (ou melhor, das exportações que são originadas em Portugal) no comércio internacional.

No momento em que escrevo, não foram ainda divulgadas as opções do Governo para a política económica (ou «plano») que vai seguir em 1982. Em todo o caso, essas opções são mais ou menos conhecidas na generalidade e afinal ninguém atribui já grandes importância aos números que alguns políticos atiram aos quatro ventos,

quer como previsões do futuro quer como «previsão» de factos passados. (Com a sua proverbial falta de vocação para números, não disse recentemente o secretário-geral do PS, em declarações à RTP, que o défice externo português atingiria dois biliões de contos?!).

Efectivamente nos contactos tidos com representações dos partidos da oposição, o ministro das Finanças deixou transparecer com clareza os quadrantes em que se move. Por seu lado, integrado na delegação da UEDS, fiz ao dr. Salgueiro, entre outras, as seguintes perguntas:

Havendo algumas características semelhantes entre a conjuntura económica actual e aquela que determinou a política de estabilização seguida a partir de 1977/78, pensa o Governo seguir política idêntica à recomendada pelo FMI nessa altura?

Tratando-se de expandir a todo o custo as exportações, vai-se utilizar de novo a desvalorização do escudo como factor determinante da «competitividade externa» da nossa indústria?

Sabendo-se, por um lado, da persistência da composição tradicional das nossas exportações, por produtos, e, por outro lado, da maior concentração geográfica (desde 1975) dessas exportações nos países da CEE, como pensa o Governo diversificarlas num e noutro sentido — por natureza de produtos e mercados de destino?

A resposta às duas primeiras questões foi categoricamente negativa. Ao nível das intenções, fiquei tranquilizado nesses aspectos. A conjuntura actual não justificaria tais medidas, além de que a desvalorização «excessiva» seria um factor adicional de inflação, a somar designadamente ao efeito nos preços do amplo défice das finanças públicas do País, com que o actual Governo parece preocupar-se particularmente.

Quanto à terceira questão, o ministro referiu que «outros mercados» a conquistar o dos EUA e o dos países árabes, sem mencionar sequer o amplo espaço dos países de economia planificada (porque, como toda a gente sabe, «inimigos, inimigos, negócios à parte» — que o digam países da América Latina nada amigos do socialismo que mantêm amplas relações comerciais com a URSS) e ainda o das ex-colónias (mas aqui em particular pesa muito a vontade de Reagan sobre a política externa deste Governo). Mas foi sobretudo interessante ouvir dizer que o investimento privado externo será (espera-se) o grande factor de diversificação das nossas exportações nos dois sentidos que referi.

Por tudo isto — e volto ao começo destas considerações — compreende-se a preocupação pelo «paradoxo» do investimento alemão.

Aqui parece efectivamente

residir uma questão de fundo, procurando ver as coisas pelos olhos deste Governo. Na realidade, se para o Portugal-AD é tão importante o investimento estrangeiro, que faltará para que seja também importante para aquele investimento o Portugal-AD? Que falta, pois, para este amor ser correspondido?

É preciso que o leitor compreenda bem o tipo de «concorrência» em que nos debatemos, neste concurso de atracção do investimento externo. As empresas multinacionais jogam no espaço mundial e algumas são mais poderosas do que dezenas de governos que se sentam na Assembleia das Nações Unidas. Quando motivadas para isso, podem em pouco tempo conhecer melhor a economia portuguesa — ou marroquina, ou grega, ou coreana, ou chilena, etc. — do que o nosso «departamento central de planeamento» ou órgão equivalente em qualquer capitalismo periférico como o nosso, tal o poder de informação e do seu tratamento de que dispõem. A decisão de investir aqui ou acolá é ponderada com rigor em termos das vantagens alternativas das diferentes localizações possíveis. Mas o melhor «clima» para o investimento estrangeiro em Portugal não é necessariamente o melhor clima para o português nele viver. Além do mais, nem todos sonham ser «executivos» como na canção do Paulo de Carvalho.

Claro que com isto não estou a sugerir que o investimento privado estrangeiro seja o mal em estado puro e sei bem que as empresas multinacionais se têm crescentemente instalado em países de economia planificada, embora não exactamente nos mesmos termos em que o fazem no Chile ou em Marrocos. A questão que se levanta é outra: se a estratégia de desenvolvimento dum economia nacional é, à partida, baseada na atracção do investimento estrangeiro e se é obscura e débil no seu projecto próprio até onde será necessário melhorar o «clima» para que esse investimento um dia finalmente acuda à salvação nacional? Ou seja: até onde irá este Governo para resolver o tal «paradoxo alemão»?

Deixando de examinar a questão pelo prisma da AD, poderíamos colocar o problema doutra maneira. Então coloca-se-nos a necessidade de desenvolver na indústria nacional novas produções exportáveis, de tecnologia menos rudimentar e não assentes apenas na mão-de-obra barata. E também a de exportar mais para áreas político-económicas distintas da CEE, seguindo uma política externa conforme ao verdadeiro interesse nacional. Por outro lado, um mercado de dez milhões de pessoas, mesmo de nível médio de vida baixo à escala europeia,

ainda constitui uma procura potencial considerável para uma indústria pouco interligada e que ganharia em ter um pouco mais de solidez e coesão antes de se lançar às escândaras para a completa abertura ao exterior. Não é preciso ser-se economista profissional para notar também como nos últimos anos aumentou de novo em Portugal a procura de automóveis de luxo e superluxo, de serviços veterinários para cães de boas famílias (para quando o seu serviço nacional de saúde?), de restaurantes caros não necessariamente situados nas vizinhanças da Assembleia da República, etc. Se o leite falta para o filho do pobre mas sobra para o cão do rico — como o economista americano Samuelson ensina no seu famoso manual — é porque a desigual repartição do rendimento e da riqueza impede que se exprimam no «mercado» as verdadeiras necessidades do grande número, que não deixam de existir por quem as sofre não possuir dinheiro para satisfazê-las.

Mercadejar pelo investimento estrangeiro, iludindo questões fundamentais desta natureza, é apenas confessar de que lado se está no bem claro conflito de interesses que uma vez mais se aprofunda na sociedade portuguesa. Do lado de fora, bem entendido.

Magalhães Godinho e Ribeiro de Almeida para o Conselho de Magistratura

José Magalhães Godinho e Leonardo Ribeiro de Almeida deverão ser designados pelo parlamento para os lugares que no Conselho Superior da Magistratura eram ocupados por António Macedo (PS) e por Menéres Pimentel (PSD), respectivamente.

Estas substituições foram já decididas pelos respectivos grupos parlamentares, mas terão ainda de obter a confirmação do plenário do parlamento — disseram fontes deste órgão.

António Macedo enviou uma carta ao presidente do parlamento com a sua renúncia ao lugar que ocupa no referido conselho, alegando razões «pessoais e morais».

Interrogado sobre as razões morais, recordou que a presença no Conselho Superior da Magistratura de elementos designados pelo parlamento foi desde o primeiro momento «contestada e repudiada» por alguns juizes membros daquele órgão.

Macedo disse que a posição que agora tomou é «uma forma de protestar contra o reactivar dessa contestação por parte da direcção da Associação dos Magistrados Judiciais».

O Conselho Superior da Magistratura é formado por 23 elementos, entre os quais quatro designados pelo Parlamento.

O Parlamento designou António Macedo (PS), Menéres Pimentel (PSD) Lino Lima (PCP) e Martins Canavende (CDS).

Macedo renunciou agora ao cargo e Menéres Pimentel vai ser substituído porque passou a fazer parte do Governo.

S.  R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Proença-a-Nova em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2124, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Proença-a-Nova, de uma linha aérea 30 KV com 6.863 metros, do poste n.º 13 da linha para o P.T. de Malhadal (Proença-a-Nova) ao posto de transformação de Vergão Cimeiro e Vergão Fundeiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 17 de Novembro de 1981.
O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S.  R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portalegre em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Zona de Distribuição Alto Alentejo, a que se refere o processo n.º 1/2051, arquivo 95, para o estabelecimento no concelho de Portalegre, de uma linha mista a 15 kV com 852 metros da subestação da Boavista, ao posto de transformação n.º 649 do Bairro dos Assentos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Julho de 1981
O ENGENHEIRO DIRECTOR,
(João Carlos Oudinot Larcher Nunes)



MUNICÍPIO DE SETÚBAL CÂMARA MUNICIPAL AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que, de harmonia com a deliberação camarária tomada em 11 do corrente mês, está aberto concurso público, por 15 dias, para provimento de 1 lugar de torneiro mecânico de 3.ª classe a que corresponde a letra Q — 13.400\$00.

Avizam-se os interessados de que:

- O concurso é válido somente para esta vaga.
- A selecção será efectuada mediante provas práticas, as quais constarão de: — construção de 1 cabeça de esfera de 50 m/m
- O júri será constituído por: Verador do pelouro de pessoal
Chefe das Oficinas
Elemento da C.R.T.
- São requisitos para o provimento:
 - 1) Nacionalidade portuguesa, originária ou adquirida nos termos da lei;
 - 2) Idade não inferior a 18 anos;
 - 3) Sanidade mental e física para o desempenho das funções;
 - 4) Ausência de pena disciplinar ou de condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas;
 - 5) Cumprimento dos deveres militares ou de obrigação de serviço equivalente;
 - 6) Escolaridade obrigatória;
 - 7) Bilhete de identidade válido.
 - 8) Exercer idênticas funções a outro Município ou ter completado 1 ano de bom e efectivo serviço como ajudante ou estar habilitado com a respectiva carteira profissional.

d) Para se candidatarem, os interessados deverão dirigir, nesse sentido, ao presidente da Câmara Municipal de Setúbal requerimento, em papel selado, com a assinatura inutilizando um selo fiscal de 100\$00 e reconhecida por notário, do qual constem os elementos de identificação constantes do bilhete de identidade, bem como o número, data e serviço de identificação em que o mesmo foi emitido, e ainda a residência, devidamente especificada.

e) Do citado requerimento deverá constar declaração, sob compromisso de honra, sobre a situação precisa em que se encontram relativamente a cada um dos requisitos a que aludem os n.ºs 1, 2, 4, 5, 6 e 7 da alínea c) do presente aviso.

f) Deverão ainda indicar no requerimento quaisquer circunstâncias que reputem susceptíveis de influírem na apreciação do seu mérito ou de constituírem motivos de preferência legal.

Paços do Concelho de Setúbal, 18 de Novembro de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
Francisco Leonel Rodrigues Lobo.

Conflitos de trabalho em colóquio

A Associação para o Progresso do Direito, novel organização ligada a assuntos jurídicos, promove no início de Dezembro uma série de colóquios sobre «Resolução dos Conflitos do Trabalho».

Os colóquios realizam-se nos dias 2, 4, 9 e 11 na Ordem dos Advogados, neles participando os juizes Rodrigues da Silva, Almeida Lopes e Artur Mota, os advogados João Caupers e Gama Vieira, o presidente do Sindicato do Ministério Público, Mário Araújo Torres e o assistente da Faculdade de Direito de Lisboa Jorge Barata.

A série versa sucessivamente «a resolução dos conflitos individuais», «o processo de trabalho», «a resolução dos conflitos colectivos» e «a garantia dos direitos e das decisões».

Comércio do Porto contra "tecto salarial"

Os delegados sindicais do «Comércio do Porto» decidiram em assembleia plenária «reafirmar a sua disposição de lutar contra imposição de qualquer tecto salarial e pela defesa da liberdade de negociação, bem como combater o projecto de liberalização dos despedimentos que o Governo pretende transformar em lei».

Manifestando-se contra o regime de excepção de que o «Paó de Açúcar» tem vindo a beneficiar, os mesmos delegados aprovaram uma moção na qual exigem a imediata reposição da legalidade naquela empresa, de forma a salvaguardar os direitos dos trabalhadores.

Numa outra moção foi dado apoio a todas as iniciativas que visem impedir a instalação de bases ou armas nucleares em Portugal.

Com manifestações previstas para amanhã

Frente Comum acusa o Governo de desencadear campanha contra a Função Pública

«Os trabalhadores da Função Pública não são contra os impostos. São, sim, contra a aplicação de uma carga fiscal não previamente discutida e negociada», afirmou ontem a Comissão Negociadora Sindical (CNS) da Frente Comum, em conferência de imprensa convocada para divulgar os resultados da última reunião realizada (dia 24) com a Comissão Técnica Governamental.

A propósito da anunciada imposição de um tecto salarial de 15 por cento, aqueles dirigentes sindicais acusaram o Governo de pretender «agravar o poder de compra dos trabalhadores» visto que a aplicação de uma tal medida, tendo em conta a taxa de inflação de 25 por cento prevista para 1981, «se traduziria numa diminuição do salário real em cerca de 10 por cento».

A Frente Comum reafirma ainda a «incompetência declarada» do Governo pois que, pela terceira vez consecutiva, não conseguiu responder aos sindicatos sobre a forma como «tenciona fazer a aplicação dos impostos e os mecanismos de compensação dos salários líquidos dos trabalhadores em 1982 e anos seguintes».

Simultaneamente, adiantam os responsáveis da Frente Comum, o Executivo está a «de-

senvolver uma campanha desenfreada para denegrir os trabalhadores da Função Pública» por forma a justificar as medidas adoptadas. Neste sentido estariam as «mentiras» do Ministro da Reforma Administrativa ao afirmar que os salários do sector «custariam em 1981, 145,5 milhões de contos quando nos cálculos agora apresentados aos sindicatos tal verba é apenas de 84,2 milhões de contos». O mesmo objectivo pretenderia atingir o Ministro das Finanças, João Salgueiro, na sua última comunicação ao País, ao repetir exaustivamente «o peso excessivo» do sector público e empresarial do Estado. «Mas desconhecerá o senhor ministro que Portugal tem, em relação a países da OCDE com a mesma população, o menor número de funcionários públicos?», perguntam os representantes dos TFP's, ao mesmo tempo que recordam que o salário médio do sector não ultrapassa os quinze mil escudos.

Quanto à qualidade dos serviços prestados pela Administração, a Frente Comum reconhece as deficiências existentes mas acrescenta, que a culpa não é «imputável aos trabalhadores» visto que os sindicatos têm repetidamente chamado a atenção do Governo para uma política

que «sensibilize e motive os trabalhadores sobre a natureza das funções que desempenham».

Os sindicatos da Função Pública exortaram os trabalhadores a participarem nas manifestações que amanhã se realizam em Lisboa, Porto e Coimbra e anunciaram a realização de um plenário geral para análise da situação e adopção de novas formas de luta.

Açores

A secção de Angra do Heroísmo do Sindicato da Função Pública enviou ontem um documento à Assembleia Regional e ao Executivo açoriano no qual aquela estrutura sindical defende a atribuição de um subsídio mensal de 2500 escudos, alegando que, devido à insularidade, gastam mais do que os seus colegas do continente.

A concretização desta medida traria para as autoridades açorianas encargos anuais da ordem dos 345 milhões de escudos, visto existirem no arquipélago 11.500 trabalhadores da Função Pública. O sindicato reivindica também o aumento para 80 escudos diários do subsídio de refeição e a abolição dos contratos a prazo.

Greve do "Metro" regista adesão total

O Metropolitano está hoje parado, em consequência da greve de 24 horas, iniciada à 1 e 30 pelos trabalhadores e que, segundo uma fonte sindical, regista uma adesão praticamente total em todos os sectores da empresa. Esta tarde efectua-se plenários de trabalhadores nas oficinas, terminus e na Divisão de Energia e Telecomunicações, para um balanço da paralisação, podendo eventualmente ser propostas novas formas de luta.

Os trabalhadores do «Metro» exigem uma rápida negociação do acordo de empresa, não aceitando a introdução de cláusulas que adiem a revisão das tabelas salariais por vários meses.

Como se previa, esta manhã, nas zonas compreendidas entre Sete Rios, Entrecampos e Rossio, o tráfego automóvel registou considerável congestionamento, devido sobretudo à utilização de viaturas particulares, como meio de transporte alternativo.

Farmácias paralisam

As farmácias da Zona Sul paralisam com início às 24 horas, como forma de protesto contra a recusa patronal em comparecer à reunião de conciliação para a revisão do contrato colectivo dos ajudantes de farmácia. A greve prosseguirá nos dias 5, 6, 7 e 8 de Dezembro. No dia 7 paralisarão todas as farmácias e nos restantes dias paralisam as que se encontram de serviço. No entanto, o pessoal das farmácias compromete-se a assegurar os casos de reconhecida urgência.

Fensa

Os trabalhadores da fábrica espanhola de material eléctrico

Fensa, na Guarda, iniciaram ontem uma greve de 48 horas, que regista uma adesão de 91 por cento, de acordo com uma informação sindical. Os trabalhadores reivindicam aumentos salariais de 30 por cento a partir de 1 de Janeiro de 1982, enquanto a administração contrapõe 20 por cento e a partir de 1 de Março.

Laboratórios Azevedos

Foi desconvocada a greve de 48 horas, na empresa SIF-/Azevedos, cujo início estava previsto para hoje, em virtude de a entidade patronal ter chegado a acordo com as estruturas representativas dos trabalhadores. Estes reivindicavam a aplicação do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) à empresa e a manutenção de regalias já existentes, como a creche, o refeitório e a garantia da administração de não proceder a despedimentos no processo de reestruturação em curso na empresa.

Cambournac

Os trabalhadores da Tinturaria e Fiação Cambournac, que desde o dia 6 se encontram em greve, concentram-se hoje em frente à Junta de Freguesia de Aqualva-Cacém. Estes trabalhadores, que decidiram em plenário pedir audiência às Secretarias de Estado do Tesouro e do Emprego e à Comissão Parlamentar de Trabalho da AR, lutam pela salvaguarda dos postos de trabalho, pelo contrato de viabilização, pelos 14 meses de salários atrasados e pelo afastamento do capitão Tomaz Rosa do conselho de gerência.

Têxteis paralisam amanhã a nível nacional

A Federação dos Sindicatos Têxteis, Lanifícios e Vestuário de Portugal acusou o Primeiro-Ministro e o seu gabinete de desprezarem de forma clara e objectiva mais de 220 mil trabalhadores do sector têxtil.

Em comunicado a Federação Sindical afirma que Pinto Balsemão não recebeu os seus dirigentes mas «numa luxuosa estalagem da via norte reuniu-se

num almoço com cerca de duas centenas de industriais norte-nhos».

A Federação afirma ter solicitado ao Gabinete do Primeiro-Ministro a marcação de uma audiência para 21 de Novembro, aproveitando a visita ao Porto de Pinto Balsemão.

O objectivo desta audiência seria «discutir a situação da contratação colectiva para o sector e

as responsabilidades do Governo ao assinar uma portaria de extensão do vergonhoso contrato do Sindetex/UGT, assumindo o roubo de mais de cem direitos aos trabalhadores».

A Federação dos Sindicatos Têxteis filiada na CGTP-IN, afirma que «o Primeiro-Ministro e o seu Gabinete não se dignaram marcar tal audiência» e que uma delegação do seu Secretariado tentou, sem o conseguir, ser recebido por Pinto Balsemão.

Entende a federação que «atitudes destas são lamentáveis e mostram a verdadeira face do Governo: o desprezo pelos trabalhadores e as suas reivindicações».

Entretanto, amanhã os trabalhadores têxteis paralisam em todo o país, no prosseguimento da sua luta pela negociação do contrato colectivo e como forma de protesto contra a anunciada portaria de extensão.

Ontem, as paralisações na zona da Covilhã, no subsector de lanifícios e no Vestuário do Sul, registaram adesões da ordem dos 100 por cento e 70, respectivamente.

Ministro do Trabalho

O ministro do Trabalho afirmou em Coimbra que os recentes conflitos laborais na indústria têxtil resultaram de uma luta entre os dois sindicatos do sector.

Queirós Martins falava aos jornalistas durante uma visita que ontem efectuou às novas instalações do Ministério do Trabalho de Coimbra.

O ministro afirmou que o prolongamento daqueles conflitos porá em perigo a subsistência económica das empresas e consequentemente dos postos de trabalho.

Plenário do CIL rejeita legislação laboral do Governo

«A AD está a atirar as relações de trabalho para os moldes praticados até 24 de Abril de 1974», afirma uma resolução aprovada em plenário das comissões de trabalhadores (CT's) da Cintura Industrial de Lisboa. Ainda segundo o mesmo documento, a coligação governamental está a «transformar o lucro e a prepotência patronal num santuário intocável» enquanto «os que vivem do seu salário vêem agravada a sua segurança de emprego» e conhecem «o drama físico e moral da impossibilidade de subsistência para si e para as suas famílias».

Convocado para analisar a

legislação laboral proposta pelo Governo, o plenário das CT's da CIL, que rejeitou na generalidade a proposta de lei sobre despedimentos e contratos a prazo, concluiu que «a sabotagem, a incompetência e a incapacidade de gestão do patronato e das administrações, na visão da AD, resolver-se-ão com despedimentos» e que «até a tecnologia, a reestruturação e a reorganização se viram contra o direito ao trabalho».

O plenário da CIL teve a participação de cem activistas, em representação de 44 empresas em que trabalham 65 mil trabalhadores.

Trabalhadores de Faro na rua contra o Governo

A União dos Sindicatos de Faro (USF) decidiu convocar para o dia 12 de Dezembro uma manifestação contra a política do Executivo.

Num manifesto ontem divulgado, a USF repudia o «aumento do custo de vida, o tecto salarial de 15%, as leis antilaborais da AD e os contratos a prazo».

A propósito da lei sobre os despedimentos e os contratos a prazo, aquela estrutura sindical

afirma que, caso fosse aprovada, «viria agravar ainda mais a situação dos tribunais de trabalho no Algarve» que têm em mão cerca de 13 mil processos. A defesa da Constituição e o aumento de desemprego «no Algarve no termo de mais uma época turística e devido à vergonhosa anarquia que existe no sector» são também motivo de convocação desta manifestação.

Tabaqueira: greve pode ser ratificada

Em plenários que decorrem hoje, amanhã e na segunda-feira, os trabalhadores da Tabaqueira poderão ratificar uma greve proposta pela Fetese, para a semana de 7 a 12 de Dezembro. Na origem deste conflito, a recusa da administração em apresentar uma tabela salarial, embora a vigência da anterior tenha caducado, o que, segundo a Federação, impossibilita o ini-

cio das negociações de revisão salarial. A proposta aponta ainda para a realização de greve às horas extraordinárias e ao trabalho de fim-de-semana. Envolvidos nesta luta (que a curto prazo provocará a carência de algumas marcas de tabaco no mercado) estão, além da Fetese, a Fensci. Técnicos de Vendas e Sinq, e ainda os sindicatos afectos à CGTP.

SINDICATO DOS PESCADORES DO DISTRITO DE SETUBAL

CONVOCATÓRIA ELEIÇÕES

27 DE DEZEMBRO DE 1981

De acordo com os estatutos convoca-se todos os pescadores no pleno gozo dos seus direitos eleitorais para a assembleia geral do sindicato a realizar em 27 de Dezembro de 1981, domingo, das 10 às 18 horas.

ORDEM DE TRABALHOS:

Eleição dos corpos gerentes para o triénio 81/84

A mesa de voto funcionará em Setúbal na sede do sindicato, em Sines e em Sesimbra, nas respectivas delegações.

O presidente da mesa da assembleia geral
Carlos Alberto do Carmo da Costa Espadinha
Setúbal, 25-11-81

A aplicar no Algarve

Subsídios entre 20 e 40 por cento para produções horto-frutícolas

Subsídios entre 20 a 40 por cento sobre o montante do investimento, consoante se trate de agricultores individuais ou sociedades e cooperativas, vão ser atribuídos pelo Ministério da Agricultura à horto-fruticultura algarvia que, segundo o despacho do MACP, adopte «projectos inovadores ou de reconversão das explorações agrícolas e introduza técnicas mais correctas, sementes e plantas mais aconselháveis, sistemas de rega e abrigos».

O quantitativo máximo sobre que incidirá a percentagem do subsídio não poderá exceder os 30 mil contos por projecto. Os pedidos de subsídio deverão ser apreciados caso a caso, mediante aprovação prévia ou elaboração dos projectos pela Direcção Regional de Agricultura do Algarve.

O despacho de Basílio Horta que introduz estes subsídios salienta «as excelentes condições para a produção horto-frutícola existentes e em parte já exploradas no Algarve» e a necessidade de criação de incentivos «que levem à racionalização e melhoria da produção, visando adequadamente os aspectos da comercialização».

As acções a desencadear e o seu custo encontram-se abrangidos pelo Programa de Acções Comuns com a CEE.

Ainda em relação ao Algarve, o ministro da Agricultura autorizou a concessão de uma licença global de novas plantações de uva de mesa até ao limite de mil hectares, para o aproveitamento das excepcionais condições climáticas de produção daquela fruta.

MATERIAL CIRÚRGICO SOVIÉTICO encontra-se em

exposição, desde ontem, nas instalações da representação comercial da URSS em Portugal. A exposição foi organizada pela «Medexport» em colaboração com a empresa portuguesa Matalquime.

A «Medexport» é conhecida no mercado internacional não só como importante exportadora de material médico, mas também como importadora de alguns tipos de medicamentos e matéria-prima para a sua produção, nomeadamente agar-agar.

Portugal é um dos mais importantes fornecedores de agar-agar para a URSS. Somente em 1981, a «Medexport» comprou à firma portu-

guesa «Iberagar» mercadorias no valor de 1,5 milhões de dólares.

A exposição que está patente ao público durante três dias é a primeira virada totalmente para a classe médica.

Material inédito, que vem despertando uso frequente em clínicas-piloto da RFA, EUA, Canadá, Suíça, Grã-Bretanha e Escandinávia integra o certame.

A cirurgia está especialmente representada, em particular a instrumentação Lasser. Aparelhos de sutura automática, virados fundamentalmente para a cirurgia digestiva, vascular e brônquica, próteses e aparelhos para ortopedia e oftalmologia, novas formas de tratar a dor, fugindo ao uso de fármacos e ainda uma Variada gama de instrumentos, entre eles novos aparelhos para ventilação artificial completam a exposição.



Começará a circular em fins de Dezembro, na Madeira, uma moeda de 100 escudos comemorativa da Autonomia Regional. Esta moeda — cujo verso e anverso mostramos nesta foto — poderá ser adquirida mediante inscrição na delegação do Banco de Portugal



...

O BANCO MUNDIAL financia projectos agrícolas em curso ou a lançar no nosso país encontrando-se de momento uma delegação de técnicos a estudar o assunto e, especialmente, o crédito agrícola no Alentejo e o fomento florestal e integrado de desenvolvimento em Trás-os-Montes.

O Banco Mundial pretende alargar a cooperação com Portugal neste domínio e está, inclusive, a estudar a transferência de experiência técnica no campo da extensão rural.

Dos quatro projectos em desenvolvimento, no quadro da colaboração portuguesa com o BM, dois deles, o de fomento florestal e o de aumento da produção pecuária e leiteira de Entre-Douro-e-Minho estão em pleno funcionamento, avançando o do projecto integrado de desenvolvimento de Trás-os-Montes, assim que seja aprovado o Orçamento Geral do Estado, mas apenas na sua componente agrícola.

O Banco Mundial pretendia ver este último projecto avançar em todas as suas componentes, mas a opção por parte do Governo ainda não está tomada.

O único projecto que está efectivamente «parado» é o do Crédito Agrícola do Alentejo «praticamente por problemas burocráticos e de crédito, podendo ter de vir a ser renegociado com o Banco Mundial», segundo informou o ministro da Agricultura.

É aterradora a situação na CEE — diz o Presidente da Comissão Executiva

O presidente da Comissão Executiva da CEE, Gaston Thorn, classificou ontem de aterradora a situação da Comunidade.

Falando numa conferência de Imprensa em Bruxelas, Thorn acentuou que o número de desempregados nos países do Mercado Comum se aproxima dos dez milhões «e certamente ultrapassará esta marca».

«Torna-se, portanto, essencial, que a Comunidade siga em frente. Se ficar pelo caminho — como alguns propõem — ela receberá golpe após golpe, como já acontece, e perderá a sua credibilidade internacional».

Thorn defendeu que a Cimeira da CEE que hoje se inicia em Londres se dedique a reformar a política agrícola comum e não se limite apenas a discutir a questão das contribuições anuais para o Orçamento.

Acrescentou rezear que se registem tendências para protelar a discussão da política agrícola comum remetendo-a para a Cimeira europeia que terá lugar em Março do próximo ano.

«Isto terá de ser evitado a todo o custo», salientou Thorn explicando que «entre as cimeiras, será necessário decidir os preços para o próximo ano agrícola e entretanto piorará a situação económica».

«Se se deixar os ministros da Agricultura decidir os preços antes de ser definida a política agrícola, a situação tornar-se-á muito mais difícil», acrescentou.

Num documento preparado para a Cimeira, a Comissão Executiva propõe reformas na política agrícola comum e nas questões do Orçamento e a implementação de outras políticas comuns.

Resistência da França

Os principais temas da agenda de trabalhos da Cimeira da CEE que se realiza em Londres, hoje e amanhã, com a presença de chefes de Estado, primeiros-ministros e ministros dos Negócios Estrangeiros, são a reforma da política agrícola comum e a limitação das contribuições da Alemanha Federal e da Inglaterra, únicos países que entram para o Orçamento da Comunidade com verbas superiores às que recebem como membros.

De momento, a questão da reforma da política agrícola comum encontra resistência por parte da França e outros países comunitários favorecidos com o sistema vigente de subvenções.

Certos sectores comunitários desejam modificar o actual sistema, que conduziu à produção subvencionada de excedentes agrícolas (leite, manteiga e frutas, por exemplo), que têm, que ser conservados ou colocados no mercado à base de novos subsídios, ou que acabam por ser destruídos, em parte, para que a oferta excessiva não faça baixar os preços.

Agências de Viagens em Congresso

Taxas sobre saídas ao estrangeiro podem afectar seriamente o Turismo

A ameaça de aplicação de uma taxa fixa sobre todas as saídas de cidadãos portugueses ao estrangeiro, contida na proposta de OGE que vai ser discutida na Assembleia da República, domina os trabalhos do VII Congresso das Agências de Viagens e Turismo que ontem se iniciou na Figueira da Foz.

A reunião deverá durar quatro dias e conta com cerca de 600 delegados entre operadores turísticos, de «rent-a-car», hoteleiros e outros profissionais do sector.

Segundo a Associação das Agências de Viagens, a taxa sobre saídas ao estrangeiro, a ser posta em prática, «colocaria os cidadãos portugueses a um nível económico ainda mais pobre do que o actual em relação aos cidadãos dos restantes países europeus, incluindo os do Mercado Comum».

E adverte as autoridades de que a possível carga fiscal afectaria seriamente o envio de turistas para Portugal por «agências estrangeiras, como represália que sempre acontece nestes casos de reduções restritivas à liberdade turística».

Comentários colhidos junto de responsáveis pelo turismo e de que a ANOP se faz eco, apontam, particularmente, para o «efeito negativo» que tal medida poderia ter, nomeadamente com a vizinha Espanha.

Recordam, a propósito, a recente Cimeira Luso-Espanhola de Turismo, em que intervieram os mais altos responsáveis dos dois países e em que foi assinada uma acta prevendo impor-

tante intercâmbio e cooperação.

Essa taxa, «poderia travar seriamente a procura pelos espanhóis dos destinos turísticos portugueses... e convém não esquecer que eles têm sido os nossos maiores clientes e, até, os responsáveis pelo equilíbrio dos fluxos de visitantes estrangeiros, pelo menos nos últimos dois anos».

Um ponto a repensar, lembram as fontes contactadas, é a importância do intenso movimento fronteiriço entre Portugal e Espanha, nomeadamente nos postos «tradicionais de Valença do Minho (Vigo), Vilar Formoso (Cidade Rodrigo), Caia (Badajoz) e Vila Real de Santo António (Ayamonte)».

O número de cidadãos dos dois países que, diariamente, atravessam essas fronteiras, procurando em Portugal as faianças, têxteis, artesanato e bens de consumo, ou em Espanha artigos alimentares, de higiene e brinquedos, entre outros, é bastante elevado e «traduz-se por uma permanência de escassas horas».

Marcelo Rebelo de Sousa afirmou ontem na Figueira da Foz que o Governo está interessado em resolver uma política de turismo. Opinou que «não deveria haver em princípio restrições aos turistas portugueses para passar férias no estrangeiro». Marcelo Rebelo de Sousa não disse quais nem como. Daí o seu apelo, afinal, para que os portugueses adiem as suas férias no estrangeiro. Quais? Como? Quando?

BAR

Encontra-se a concurso os bares da Sala do Associado e do Cinema da SFUAP.

Resposta por escrito para S.F.U.A.P.,
Largo 5 de Outubro — Cova da Piedade —
2800 ALMADA.



Apresentação do novo romance de Lobo Antunes na «Interlivro»

Lobo Antunes autografará e apresentará o seu último romance «Explicação dos pássaros», no dia 28 de Novembro, pelas 16 horas na Livraria «Interlivro» — rua Pedro Nunes, 9-A, telef. 546304. Estarão também presentes para um debate, João de Melo, Santos Barros e Diniz Machado.

Recorde-se que as anteriores obras de Lobo Antunes constituíram assinalável êxito editorial, e que «Os Cus de Judas» vai ser o primeiro livro português editado nos Estados Unidos pela Random House Inc. de Nova Iorque.



USS

UNIAO DOS SINDICATOS
DO DISTRITO
DE SETUBAL/CGTP-IN

RECEBEMOS DOS ORGAOS REPRESENTATIVOS DOS TRABALHADORES DA TORRALTA A MOÇÃO QUE PASSAMOS A TRANSCREVER NA ÍNTEGRA.

MOÇÃO

OS TRABALHADORES DA TORRALTA REUNIDOS EM PLENARIO NO DIA 24.11.81 DECIDEM:

1. REPUDIAR VEEMENTEMENTE A OFENSIVA DO GOVERNO PELA LANÇAMENTO DE NOVAS MEDIDAS REPRESSIVAS SACRIFICIOS E SOFRIMENTOS SOBRE OS TRABALHADORES ENQUANTO MANTÉM INTACTOS TODOS OS PLANOS E MEDIDAS VISANDO A RECUPERAÇÃO DO PODER E PRIVILEGIOS DO GRANDE CAPITAL E PELOS SECTORES PARASITARIOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA.

2. APOLAR E PARTICIPAR ACTIVAMENTE NA JORNADA DE LUTA DO PROXIMO DIA 12 DE DEZEMBRO PROMOVIDA PELO MOVIMENTO SINDICAL UNITARIO E CENTRAS INDUSTRIAIS DE LISBOA E SETUBAL COMO CONTRIBUTO DECISIVO PARA RETIRAR DA ARIA DO PODER A COLIGACAO AD BAI SEMAO, CONTRA O GOLPE DE ESTADO A COBERTO DA REVISAO CONSTITUCIONAL PELA DEFESA DE ABRIL E DAS SUAS CONQUISTAS.

APROVADO POR UNANIMIDADE E ACLAMACAO PRESENTES NO PLENARIO 205 TRABALHADORES DA TORRALTA.

SETUBAL, 24.11.81.

O DEPARTAMENTO DE INFORMACAO
UNIAO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE SETUBAL
CGTP-IN

Incursão de mercenários nas Ilhas Seychelles

• *Avião é desviado para a África do Sul*

Um ataque dum «comando de mais de uma centena de mercenários», provenientes da África do Sul, ao aeroporto de Mahe, a ilha principal das Seychelles, foi repellido, indica-se de fonte oficial em Victoria.

Os atacantes tinham chegado ontem à tarde, a bordo dum avião da carreira da companhia da Suazilândia e, logo após a aterragem, tentaram apoderar-se do aeroporto internacional de Pointe Laure. O ataque foi rechaçado pelas forças armadas das Seychelles, esclarece-se da mesma fonte. O comando teria sido desmantelado e presos alguns dos seus membros.

Foi decretado o recolher obrigatório. O Governo anunciou o encerramento do aeroporto de Pointe Larue e afirmou ter a situação sob controlo.

Num apelo transmitido pela

rádio o presidente Albert René pediu à população que se mantenha calma e indicou que as forças das Seychelles dominavam a situação.

Estranho desvio de avião

Pouco depois, sabia-se que piratas do ar desviaram hoje de madrugada um «Boeing 707» das linhas aéreas indianas com 79 passageiros a bordo, forçando o aparelho, que levantou voo das Ilhas Seychelles a aterrar em Durban, na África do Sul.

Segundo a rádio sul-africana, as autoridades de Pretória encetaram conversações imediatas com os piratas, conseguindo, após algum tempo, a libertação dos tripulantes e dos passageiros. Os piratas do ar foram pre-

sos. «Alguns» deles são de nacionalidade sul-africana, segundo foi confirmado oficialmente. Soube-se, entretanto, que o aparelho foi atingido quando da sua partida das Ilhas Seychelles. A agência SAPA diria mais tarde que os piratas eram seis.

Por outro lado, a agência ANSA, citando fontes não oficiais das Seychelles, afirma que os mercenários que atacaram o aeroporto de Mahe chegaram a ocupar a torre de controlo, tendo sido escorraçados pelo Exército, «com grande sacrifício de vidas humanas».

Apesar da ambiguidade de que ainda estão carregadas as notícias, quer sobre o ataque a Mahe, quer sobre o desvio do avião, parece não restarem dúvidas de que os acontecimentos estão relacionados.

Plano saudita divide a Liga Árabe

Adiada a Cimeira d

A 12.ª cimeira dos países da Liga Árabe terminou, cinco horas e meia depois da sua abertura no palácio real de Fez, com um malogro sem precedentes.

O organizador da conferência, o Rei Hassan II de Marrocos, anunciou, imediatamente após a primeira e única sessão à porta fechada da conferência, que devido a «graves problemas» com que o mundo árabe se vê confrontado, a cimeira decidira por unanimidade um adiamento «sine die».

Acrescentou que os chefes de Estado e de delegação tinham decidido confiar aos ministros dos Estrangeiros árabes o cuidado de prepararem uma nova cimeira que também se realizará em Marrocos.

Esta decisão, assinalam os observadores, foi tomada devido ao boicote da cimeira de Fez pelos principais chefes da «Frente da Firmeza», bem como pelo Iraque.

Com efeito, os presidentes El-Assad (Síria), Bendjedid (Argélia), Kadhafi (Libia) e Saddam Hussein (Iraque), recusaram-se a participar na reunião de Fez convocada pelo rei marroquino.

O malogro da conferência foi provocado pelas divergências fundamentais que dividem o mundo árabe em torno das propostas em oito pontos da Arábia Saudita, o plano Fahd.

Os países da «Frente da Firmeza» rejeitaram categoricamente o ponto 7 do plano Fahd, que reconhece implicitamente a existência do Estado de Israel. Outros países árabes mais moderados, como o Kuwait e os Emiratos, tinham igualmente manifestado reservas quanto àquele plano.

Os dois grandes derrotados com este adiamento — único na história das cimeiras árabes — parecem ser a Arábia Saudita, cujo plano de paz foi assim publicamente rejeitado por uma parte determinante do mundo árabe, e o Rei Hassan II de Marrocos, que tinha convocado a cimeira para Fez.

O papel da Organização de Libertação da Palestina, no desfecho da conferência permanece ambíguo. Yasser Arafat, presidente da OLP, e o presidente sul-imenita, Ali Mohamed, eram os únicos membros da «Frente da Firmeza» presentes em Fez. Arafat não fez nenhuma declaração em Marrocos, mas diversas vezes apoiara o plano Fahd em cuja elaboração teria participado. Desconhece-se, por ora, a data em que os ministros dos Estrangeiros árabes se reunirão para tentar definir as modalidades de nova cimeira.

O sentimento geral dos mesmos observadores é que o campo dos adversários do plano Fahd conseguiu um sucesso notável ao tornar im-



O papel de mediador de Hassan II, gências no seio da Liga Árabe, anuncia o adiamento «sine die» d /ANOP/

possível a análise pela cimeira de Fez das propostas sauditas.

Contudo, antes de se separarem, os chefes de Estado e delegações adoptaram as resoluções proclamando o apoio

Autoridades guineenses explicam decisão de libertar Luís Cabral



Está em curso uma campanha, na Guiné-Bissau, para explicar a decisão de libertar, antes do fim do ano, o ex-presidente

Luís Cabral, declarou um porta-voz do Conselho da Revolução da Guiné-Bissau.

A libertação de Luís Cabral e

dos antigos dirigentes derrubados em 14 de Novembro de 1980 foi tomada pelo Comité Central do PAIGC na sua reunião em 16 do corrente.

A campanha exporá as razões pelas quais Luís Cabral não será julgado, apesar das acusações de responsabilidade moral nas execuções capitais e na má administração do país de que é alvo.

O mesmo informador indicou que o antigo presidente foi excluído das fileiras do PAIGC pelo Congresso de Bissau, encontrando-se «politicamente liquidado». A sua libertação «não constitui um perigo para o país», acrescentou, fazendo notar, a concluir, que esta medida de clemência foi igualmente tomada «por humanidade» e na sequência de diligências de países amigos.

Dez mortos é o balanço provisório das vítimas da tempestade que desde terça-feira assola o mar do Norte e a costa escandinava e que desde ontem começou a abrandar.

Os ventos ciclónicos que chegaram a provocar vagas de 12 metros, obrigaram 1200 dinamarqueses a saírem das suas casas, ameaçadas pelas cheias, na sequência da quebra de diques.

Temporal no Norte da Euro tende a abrandar

As vítimas incluem três membros da tripulação de um rebocador.

Morreu também afogado um dos membros da tripulação dum cargueiro norueguês que naufragou terça-feira, perto da ilha alemã federal de Sylt.

Outro marinheiro norueguês morreu terça-feira à noite, atingido por um cabo, quando se encontrava a bordo dum cargueiro acostado ao porto suéco de Gotenhburg.

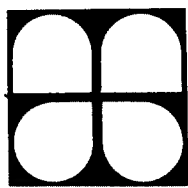
Prosseguem, entretanto, as

buscas, para encontrar o «Hammer Holm», outro cargueiro norueguês que transportava cereais de Londres para Stavanger. O navio foi dado como desaparecido na segunda-feira, com cinco pessoas a bordo.

Na Suécia, pelo menos duas pessoas morreram e quatro ficaram gravemente feridas, devido às chuvas torrenciais que caíram nestes dois últimos dias.

Em Helsingborg, também na costa sueca, um homem foi morto e outro ferido com gravi-

EXPOSIÇÃO CARAVANAS



VIMARA 82

Grandes novidades na MARCAMPO!
6 modelos uma só qualidade

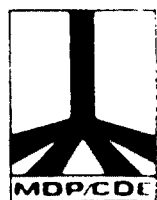
DATA

20 a 29 de Novembro

HORÁRIO

Segunda-Feira a Sexta-Feira
das 9h30 às 23h
Sábados e Domingos das 15h às 23h

MARCAMPO ARTIGOS DE CAMPISMO LDA
Av. Almirante Gago Coutinho, 56 D - 1700 LISBOA



MOVIMENTO
DEMOCRÁTICO
PORTUGUES

josé manuel tengarrinha
responde a
antónio vitorino de almeida



depois do telejornal-RTP.1

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA MODERNA



Fúria dos elementos em mar e em terra no Norte da Europa nos últimos três dias. Afundado junto à costa e uma rua feita rio. Os países escandinavos for-

de Fez



Na foto o monarca marroquino da cimeira de Fez. (telefoto UPI-OP/«DL»)

do conjunto dos países árabes à restauração da soberania do Líbano sobre o seu território. Deram também o seu apoio à resistência contra Israel da população dos territórios ocupados na Cisjordânia e Gaza.

opa

dade, quando uma árvore tomou sobre o carro em, que se seguiam.

Em Gotenborg, na costa ocidental, três pessoas ficaram feridas num acidente similar, encontrando-se uma delas em estado considerado crítico.

As águas do rio que atravessa a cidade subiram mais de meyo e meio acima do normal, provocando cheias nas zonas centrais.

As autoridades suecas encerraram o reactor nuclear Barsebäck nos arredores de Laundskrona, mas espera-se que este volte a funcionar dentro de 24 horas.

De acordo com estimativas provisórias a tempestade provocou prejuízos correspondentes a muitos milhões de dólares.

Na Dinamarca, os efeitos hoje visíveis da tempestade caracterizam-se por casas e ruas inundadas, interrupção do fornecimento de energia eléctrica e prejuízos materiais que orçam os 15 milhões de dólares.



Nas fotos, um petroleiro meio morto e os marinheiros mortos.

Calvo Sotelo reforça liderança no governo e no partido

O primeiro-ministro espanhol Calvo Sotelo prepara uma remodelação do seu gabinete que deverá ser anunciada na primeira quinzena do próximo mês de Dezembro. As possíveis alterações ao actual gabinete herdado de Suarez só serão conhecidas depois das novas nomeações para os lugares de destaque da UCD, na sequência da saída do partido governamental de personalidades afectas à linha suarista. Para além da indicação de um novo secretário-geral, que círculos políticos madrilenos pensam vir a ser confiado a Inigo Cavero actual ministro da Cultura, a recomposição dos principais cargos da UCD abrangerá também a chefia do grupo parlamentar centrista no Congresso e no Senado. Segundo os observadores, com estas remodelações, incluindo a governamental, Calvo Sotelo procura concentrar o controlo do poder do partido e do governo por personalidades «ucedistas» que lhe são afectas.

Em relação ao futuro gabinete adianta-se em Madrid, como muito provável, a inclusão de elementos afectos aos sectores empresariais, expressão da viragem à direita da UCD após a saída da ala social-democrata.

Enquanto isto, Adolfo Suarez pediu formalmente na passada terça-feira a demissão de membro do Comité Executivo da União do Centro Democrático, já anunciada há cerca de duas semanas. Suarez manifestou também a hipótese de abandonar o partido, reservando a sua posição final para «quando fosse oportuno» e causasse «menos prejuízos ao partido». Então, afirmando-se «cansado e desiludido» o militante detentor do cartão n.º 1 da UCD, segundo observadores políticos da capital espanhola, estaria ligado à formação de um novo partido, cuja formulação dependeria apenas de um novo agravamento da crise interna da União do Centro Democrático. Este cenário encontra por parte do actual primeiro-ministro Calvo Sotelo sérias reservas. Com efeito Sotelo pretende evitar a todo o custo o abandono de Suarez da UCD, tendo elogiado a acção do seu antecessor e considerando-o «necessário à UCD». Nas declarações prestadas na conferência de Imprensa realizada após a reunião do Conselho Político do partido governamental do passado sábado, Sotelo reafirmou o carácter centrista do seu partido, tentando afastar a hipótese de direitação, principal acusação que lhe era dirigida pelos membros sociais-democratas adeptos de Adolfo Suarez.

Sintoma de que efectivamente algo se poderá estar a passar, a imprensa, que nas últimas semanas tinha desenvolvido uma

campanha contra Suarez e os «suaristas» abandonou essa posição. Por outro lado, Martinez Messeguer, secretário regional da UCD de Múrcia e membro do Comité Executivo do partido, visitou na terça-feira passada Adolfo Suarez a quem pediu, a título pessoal, para não abandonar o partido de que é fundador.

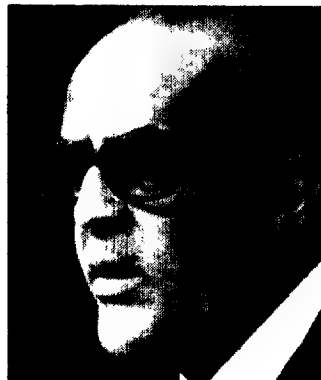
Entretanto o governador militar de Madrid, tenente-general Guillermo Quintana, declarou nulas as sentenças dos conselhos de guerra contra o coronel Alvaro Graino e o capitão Juan Millans del Bosch, segundo anunciaram ontem os advogados dos dois condenados. A condenação destes dois militares, por motivos bem diversos, e de gravidade diferente, tinha criado um mal-estar nos círculos políticos democráticos da capital espanhola. Com efeito, o coronel Alvaro Graino, levado à barra do tribunal militar por ter dirigido uma carta a um jornal em que denunciava a existência de elementos organizados de extrema-direita no exército, tinha sido condenado a uma pena de dois meses de prisão. Juan Millans del Bosch, filho do tenente-general Millans del Bosch detido na sequência da tentativa de golpe de estado de 23 de Fevereiro, era acusado de num clube nocturno ter dito alto e bom som, «para todos os que o quisessem ouvir» que o rei Juan Carlos «é um porco e inútil». A frase do capitão foi «registada» por um oficial dos serviços de segurança militar que a transmitiu às autoridades militares. Gozando de toda a complacência e manifestações de solidariedade evidenciadas pelo conselho de guerra, Juan Millans del Bosch foi condenado a uma pena de um mês de prisão.

Enquanto que círculos jurídicos consideram ter havido irregularidades no processo contra o capitão Millans del Bosch, e tudo indica agora que com a nulidade declarada o caso volte a ser apreciado e que certamente será aplicada uma pena mais pesada, este facto tem um importante significado político-militar, campo de especial relevo no panorama político de Espanha.

O significado político das injúrias que lançou contra a pessoa do rei, para além de constituir uma provocação dos sectores militares golpistas de que Millans del Bosch faz parte, foi um ataque directo à instituição monárquica, a que os militares no seu juramento prometem salvaguardar e respeitar.

Segundo os observadores, a declaração de nulidade é também um acto de autoridade e afirmação dos responsáveis militares, uma reafirmação do respeito que devem ao rei e à Constituição.

Embora a situação político-



Calvo Sotelo: depois de dominar os suaristas da UCD, remodelar o governo herdado de Suarez

-militar pareça mais calma, as declarações, logo desmentidas, de uma entrada de militares no governo, defendida pelo governador militar das Canárias, Gonzales del Hierro, levantou nova polémica e intranquilidade nos meios políticos espanhóis.

A reafirmação da obediência das forças armadas ao governo legítimo do ministro da Defesa Alberto Oliart, pretende tranquilizar os círculos políticos democráticos, mas nunca esconderá, pela sua contínua repetição, que os golpistas existem no exército espanhol.

Mas a tranquilidade que se pretende ver instaurada é muitas vezes negada pelos factos. Na passada segunda-feira foi libertado por «erro» o dirigente da organização de extrema-direita «Confraria Nacional da Guarda de Franco», Alberto Royuela, que de imediato desapareceu. Royuela, detido no domingo por «desobediência e resistência às forças da ordem», tem no seu activo a participação em vários actos da extrema-direita em Barcelona. Entretanto, últimas informações indicam que Royuela se teria entregado às autoridades. Por muito que o juiz encarregado do processo a quele dirigente extremista afirme não ter havido «má intenção» do funcionário que por erro libertou Royuela, a opinião pública espanhola e os círculos políticos democráticos, continuam a ter pela evidência dos factos razões para sobressalto.

EUA

Caso Allen complica-se

O «caso» Richard Allen está a complicar-se cada vez mais em Washington, onde os meios políticos e judiciários põem em causa a investigação levada a cabo pela segurança federal (FBI) sobre as suspeitas de corrupção que pesam sobre o conselheiro do presidente Ronald Reagan para os assuntos de segurança nacional.

Dezoito senadores democratas pediram ao «attorney general» (ministro da Justiça) dos Estados Unidos, William French Smith, que nomeie um procurador especial para instruir este caso. Numa carta ontem enviada ao departamento da Justiça, os senadores justificam o seu pedido referindo «possíveis contactos inoportunos entre a Casa Branca, o FBI e o departamento da Justiça».

Allen é acusado de ter recebido mil dólares, segundo algumas informações, dez mil, de acordo com outras, numa revista japonesa para agradecer a sr.^a Reagan uma entrevista que ela lhe concedeu depois da entrada em funções do presidente Reagan.

Os altos funcionários da Casa Branca não podem aceitar presentes pessoais superiores a 50 dólares (cerca de 3250 escudos). Allen afirma ter colocado o «presente» dentro dum cofre, onde o esqueceu.

24 horas

INCÊNDIO NUM QUARTEL BELGA — Um violento incêndio, que se declarou ontem, pela manhã, num quartel da Força Aérea belga, próximo da sede da NAT) em Bruxelas, foi dominado ao meio da tarde, indicaram os bombeiros. Segundo estes, o sinistro declarou-se num hangar onde estavam armazenados sobressalentes para os caças-bombardeiros «F-16». Segundo testemunhas, o telhado do hangar ficou totalmente destruído. As autoridades militares recusaram qualquer comentário quanto às origens do sinistro.

NOVOS INCIDENTES EM FRANCOFORTE — A Polícia alemã-federal prendeu ontem 35 pessoas, no decurso de incidentes ocorridos, quando as forças policiais pretendiam destruir as instalações construídas no local destinado à terceira pista do Aeroporto In-

ternacional de Francforte. As autoridades, que rejeitaram uma petição assinada por mais de 200 mil pessoas na qual se pedia a realização de um referendo sobre a questão da pista, advertiram que levarão os manifestantes a tribunal.

O OVNI QUE NÃO ERA OVNI — Durante toda a manhã de ontem, os 10 000 habitantes da pequena aldeia francesa de Vauvert (Sul de França, entre Arles e Montpellier) julgaram-se perante um objecto enviado de Marte, graças a uma brincadeira imaginada e montada pelos estudantes da Escola Militar do Ar de Salon-de-Provence (perto de Marselha). Mas a imaginação da população tinha sido excitada, e muitos diziam já que não era este o primeiro fenómeno com OVNI ocorrido na região. Cientistas do Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS) de Toulouse tinham ido para o local analisar o fenómeno: encontravam-se ainda em viagem quando a brincadeira foi revelada.

A EVENTUAL IDA DO PAPA A MOSCOVO — Alexei Arbatov, membro do Instituto para as Relações Internacionais da URSS, declarou em Amsterdão ao jornal «Il Messaggero», que, «se João Paulo II desejasse ir a Moscovo a convite

da Conferência Interconfessional para a Paz» não via «pessoalmente, quais as objecções que isso poderia suscitar». Esta declaração a um jornal italiano não suscitou qualquer reacção do Vaticano.

BRIGADISTAS CONDENADOS — Foram condenados a um total de 231 anos de cadeia 19 membros da coluna «Walter Alasia» das «Brigadas Vermelhas». O julgamento decorreu na terceira vara criminal de Milão. Eram todos réus de constituição e participação em bando armado e de tentativas de assassinio. As condenações mais pesadas foram infligidas a Calogero Diana, 24 anos de reclusão, Lauro Azzolini e Antonio Savino, 22 anos, Maria Carla Brioschi, 21 e Franco Bonisoli, 20 anos.

ESCUTAS ILEGAIS E CHANTAGISMO — O chefe da Polícia da República Soviética da Arménia, Serguei Gurguig-non, praticava a escuta ilegal de conversações telefónicas, segundo revelou o semanário «Gazeta Literária». A revista soviética dedica uma página ao caso, que constitui delito, tanto de direito comum, como

de índole política. Segundo a revista, aquele chefe da Polícia mandava escutar conversas telefónicas. Depois, em troca do seu silêncio, exigia fortes quantias, que eram postas directamente na sua conta bancária. Devido a este delito, foi condenado a 14 anos de trabalhos forçados.

DIRIGENTE SOVIÉTICO NO PERU — O vice-presidente do Soviète Supremo, Anastas Barkauskas, chegou ontem a Lima para uma visita ao Peru, entregou uma mensagem do chefe do Estado soviético, Leonid Brejnev, ao presidente peruano, Fernando Belaund Terry. Nesta mensagem, que o presidente Belaund Terry classificou de «cordial e concreta», o Governo soviético garante ao Peru a sua vontade de prosseguir a cooperação bilateral, em todos os domínios, e nomeadamente no da agricultura.

A LUTA EM EL SALVADOR — Uma ponte sobre o rio Las Canas, que ligava as cidades de Soyapango e Tonacatepeque, no Nordeste de El Salvador, foi dinamitada ontem pelos guerrilheiros da Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN), soube-se

oficialmente na capital salvadorenha. Esta operação das forças rebeldes salvadorenhas eleva pelo menos para 15 o número de pontes destruídas, parcialmente ou na totalidade, no decurso das últimas semanas, em diferentes locais do país.

CONJURA CONTRA O ARCEBISPO DE MANÁGUA — Os Serviços de Segurança da Nicarágua, anunciaram a descoberta duma conspiração contra o arcebispo de Manágua, monsenhor Miguel Obado y Bravo, tramada nos Estados Unidos por somozistas. Partidários do ditador derrubado projectavam assassinar ou raptar o prelado, afirmou o director-geral da Segurança Nacional, major Lenine Cerna.

FORÇA CORSÁRIA CONTRA PIRATAS — Uma companhia de seguros australiana contratou uma força corsária para actuar no golfo da Tailândia contra os piratas que atacam diversas embarcações nesta zona. Desde há

dois anos, diversos organismos internacionais estudam o problema da pirataria naquele golfo. Durante este período, os piratas assaltaram 40 barcos (principalmente petroleiros) e fizeram centenas de mortos.

PILOTO DO «NIMITZ» DADO COMO «DESAPARECIDO» — O piloto de um aparelho do porta-aviões americano de propulsão nuclear «Nimitz» foi dado como «desaparecido», durante o exercício aeronaval «Ilhas de Ouro», que terminou ontem no Mediterrâneo. A notícia do acidente foi dada pela prefeitura marítima de Toulon (Sul de França), durante uma conferência de Imprensa dada pelo almirante Klotz, adjunto do comandante-chefe no Mediterrâneo.

MOBUTU EM FRANÇA A CAMINHO DOS EUA — Mobutu Sese Seko, presidente da República do Zaire, chegou esta manhã ao aeroporto parisiense de Roissy-Charles de Gaulle, num «DC-10» especial, vindo de Kinshasa. O

chefe do Estado zairense efectua uma visita privada de 48 horas a França, antes de seguir no sábado para os Estados Unidos, onde terá reuniões de trabalho com o presidente Ronald Reagan e altos funcionários americanos.

Missionários e camponeses em tribunal no Brasil

No meio de impressionantes medidas de segurança, jamais vistas na cidade, iniciou-se ontem, em Belém (Amazónia) o julgamento dos dois missionários franceses e dos 13 camponeses, acusados pelas autoridades brasileiras, respectivamente, de incitamento à revolta e de revolta contra as autoridades, num conflito com grandes proprietários de terras.

Antes do início da audiência, uma centena de polícias militares, armados de matracas, e soldados de metralhadora, tomaram posições à volta do tribunal militar.

Toda a zona do centro da cidade foi cortada à circulação e a audiência foi apenas seguida por 40 pessoas, devido às pequenas dimensões da sala.

A chegada dos camponeses

pobres ao tribunal ouviram-se aplausos em sinal de solidariedade.

Quatro jovens foram detidos, na madrugada, por terem feito inscrições onde exigiam a libertação dos padres Aristide Camio e François Gouriou, bem como a dos 13 camponeses.

Os dois sacerdotes são acusados, de terem incitado os camponeses a armarem uma emboscada mortal às autoridades.

Por outro lado, religiosos e jornalistas de Belém receberam cartas contendo ameaças de morte da organização clandestina de extrema-direita «Falange Pátria Nova». As cartas ameaçam os religiosos e os jornalistas, falando em «exterminio de todos os comunistas».

exclusivo

França No limiar de importantes transformações económicas

Novosti

A França encontra-se hoje no limiar de um processo de grandes transformações. Logo após a tomada do poder, o governo socialista traçou as medidas de reanimação da economia e aumento do poder de compra da população.

Pouco depois, em Agosto, os novos dirigentes elaboraram um programa de medidas socio-económicas para os próximos meses, que foi apresentado no Parlamento pelo primeiro-ministro, P. Mauroy, e comentado pelo presidente, François Mitterrand, em finais de Setembro.

Não obstante, esses planos não deram os resultados esperados: os preços continuam a subir e não se consegue conter a inflação, nem estabilizar o franco. A fim de fazer frente à especulação e à fuga das reservas monetárias, o governo anunciou igualmente a decisão de desvalorizar a moeda nacional.

Combate ao desemprego

Entre os problemas que suscitam maior preocupação conta-se o aumento do desemprego que, em Setembro, atingiu 1,9 milhões de pessoas e deverá elevar-se até aos 2 milhões nos princípios de 1982.

O governo considera o combate ao desemprego um dos objectivos principais. Para tanto, propôs um plano de incentivo à produção industrial, através do qual se pretende assegurar, em 1982, um aumento económico de 3 por cento. Esta meta, tendo em conta o actual panorama de crise, é bastante ousada.

Ao mesmo tempo, projecta-se incentivar os trabalhos públicos, em cujo alargamento se poderiam empregar, dentro de alguns meses, entre 200 e 250 mil pessoas.

Outras das medidas tomadas com maior repercussão social foi a decisão do governo de lançar um imposto sobre as grandes fortunas (superiores a 3 milhões de francos), o que atinge aproximadamente 160 famílias. Doravante, elas terão que depositar no Tesouro estatal cerca de 10 mil milhões de francos.

Nacionalizações: luta acesa

A nacionalização de cinco monopólios industriais — «Compagnie Generale de Electricité», «Saint-Gobain», «Péchiney-Ugine-Kuhlmann», «Rhône-Poulenc» e «Thomson-Brandt» — assim como a maioria dos bancos franceses, corresponde à linha do governo segundo a qual «os monopólios não devem ter poder económico, nem político, o que lhes permitiria influir na tomada de decisões que afectam toda a sociedade», como aliás afirmou o próprio presidente da República.

As multinacionais, onde domina o capital americano, penetram cada vez mais na economia francesa. Graças à nacionalização, o Estado controlaria os mais importantes sectores da economia. No momento actual de crise, estas alavancas revestem-se de importância especial, pois possibilitariam regularizar os investimentos de capitais e os ritmos de produção nas principais indústrias e combater mais activamente o desemprego.

No final de contas, só a nacionalização abrirá o caminho para a modernização das indústrias que, hoje, estão numa situação crítica, em especial dos sectores metalúrgico, da madeira, das máquinas-ferramentas e outros. Sobre o sector estatizado recai o papel de locomotiva de toda a economia francesa.

A luta em torno da nacionalização tem sido bastante dura, tanto interna como externamente. Os círculos financeiros e políticos internacionais pressionam abertamente a França. Os grandes accionistas dos bancos franceses sujeitos à nacionalização reivindicaram do governo «uma justa e imediata indemnização em dinheiro».

Entre os mais descontentes figuram banqueiros americanos e alemães. O ministro da Indústria, P. Dreyfus, frisou que, presentemente, a França conduz «difíceis» negociações com accionistas estrangeiros detentores de pacotes de controlo de acções da «ITT», «Roussel-Uclaf» e «CII-Honeywell-Bull».

As advertências à França vêm também de Bruxelas onde se encontra a sede da Comunidade Económica Europeia. Um dos altos funcionários desta organização chegou a afirmar que «os concorrentes do Mercado Comum (sobretudo os EUA e o Japão) devem desconfiar de qualquer grande acordo com a França... não tendo a menor ideia acerca das verdadeiras tarefas políticas do sector bancário completamente estatizado».

A afirmação é reforçada pelo facto de os meios da Comunidade rejeitarem à priori o princípio da nacionalização.

O processo é, pois, complexo. Além do mais, é impossível desenvolvê-lo e concretizar as decorrentes transformações sociais, económicas e políticas agindo só de cima. O êxito dessa política só pode ser alcançado através do apoio e da participação de todas as forças interessadas do país.

Um inimigo para o 'Terceiro Mundo'

Francisco V. Portela

Prensa Latina

O mundo é actualmente testemunha duma batalha final, tudo leva a crer, em que o chamado «Terceiro Mundo» tenta conquistar a sua independência total e o seu desenvolvimento.

Para fazer face aos avanços das forças do progresso e da independência, os Estados Unidos levaram à Casa Branca o ex-actor do celulóide de classe «B» e ex-locutor de publicidade da televisão Ronald Reagan.

Sua missão específica: manter de pé a tese do «livre empenhamento» e defender no campo político e militar os sagrados interesses do seu sistema «onde quer que se encontrem».

A atitude de Washington neste momento crucial do seu destino manifesto tem duas vertentes: a da «linha dura» que segue a pauta do Pentágono e a das falácias e conceitos mentirosos.

A par do «Terceiro Mundo», a América Latina e as Caraíbas constituem um cenário propício a essa batalha.

A breve mas meteórica história ascendente dos Estados Unidos levou a que os países em vias de desenvolvimento não se precavêssem contra o seu poder e a sua influência.

A derrota experimentada no Vietname e o desoertar das Caraíbas e da América Central alteraram não só a geografia político-militar do até então chamado mundo ocidental mas também fizeram estremecer seriamente as portas do Pentágono e do Departamento de Estado americano.

A política unilateral e o monólogo intervencionista de Washington desenharam-se estrepitosamente enquanto novas vozes de protesto se faziam ouvir onde anteriormente predominavam as venias.

«Vocês continuam a tratar os governos do Terceiro Mundo como se dependessem da vossa política. Quando mudarem de perspectiva e vão reconhecer que a independência se assim lhe quiserem chamar implica uma verdadeira participação no poder no processo de tomada de decisões?».

Assim falou Iqbal Akhmed, representante permanente do Paquistão nas Nações Unidas, ao intervir num seminário de estudo da Comissão Trilateral a que assistia um grupo privado de analistas integrado por políticos, professores e executivos de multinacionais que proporcionaram ao presidente Carter boa parte da assessoria e do pessoal para a sua política externa.

No outro campo de confronto dos Estados Unidos com os países do Terceiro Mundo temos outro exemplo desta nova situação.

Os países em desenvolvimento acusaram em Genebra Washington de tentar obter o controlo efectivo de uma convenção mundial sobre a exploração e divisão da riqueza dos oceanos.

Numa declaração entregue ao delegado americano pediu-se que os Estados Unidos aceitassem o esboço do tratado na

forma em que estava. «Ja fizemos todas as concessões possíveis. Não nos podem pedir mais» fizeram constar na Conferência das Nações Unidas sobre Direito do Mar.

No boletim de Janeiro de 1979, do Departamento de Estado americano aparecem dados influentes nas políticas do governo dos Estados Unidos relativas ao Terceiro Mundo e aos países em vias de desenvolvimento.

Constaram dum discurso de David D. Newson, naquela época subsecretário de Estado para os Assuntos Políticos no governo do presidente James Carter.

Segundo essa fonte, em 1977 35 por cento do total das exportações dos Estados Unidos — que ascendiam a 42 mil milhões de dólares — foi destinado a países em vias de desenvolvimento.

Os Estados Unidos venderam mais produtos industriais ao Terceiro Mundo que a Europa Ocidental, o Japão e os países socialistas juntos.

Os países em vias de desenvolvimento adquiriram mais de metade de todas as exportações dos Estados Unidos no sector de maquinaria industrial, eléctrica e aviação.

Compraram 50 por cento de todas as exportações de trigo dos Estados Unidos, 60 por cento do algodão, 70 por cento do arroz e 90 por cento do carvão.

Por outro lado, os Estados Unidos importaram do Terceiro Mundo produtos avaliados num total de 67 milhões de dólares em 1977 ou seja, 45 por cento do total das importações daquele país.

Esta realidade económica em que as matérias-primas têm um papel preponderante fez da América Latina um campo muito propício à propagação e aplicação de posições tendentes a dominar o mercado.

Assim se ligaram e vincularam historicamente os interesses políticos, os económicos e os das grandes empresas multinacionais para cooperar com os interesses militares na tarefa de manter as condições de sobrevivência do colonialismo, o neocolonialismo, o sionismo e a reacção.

Esse é o grande edifício que tiveram e têm de escorar os que

forjam a política exterior da Casa Branca. Ai encontramos as chamadas «doutrinas» que se baseiam num denominador comum: o sistema da livre empresa.

Por trás deste processo adquiriu forma o chamado sistema trilateral (Estados Unidos-Europa Ocidental-Japão) que chegou a constituir o facto dominante do desenvolvimento da economia internacional.

No início da década de 70 agudizaram-se as tensões que se vinham a desenvolver no seio do sistema trilateral que entra em crise. Isto acarretou tensões insuportáveis no funcionamento do sistema monetário internacional estabelecido em Bretton Woods.

Começam análises rápidas e estudos profundos que levam a modificações de políticas e posições do governo dos Estados Unidos.

Quando os produtores de petróleo se dão conta do impacto provocado pelo seu boicote a esse importante recurso natural, as alterações políticas aceleram-se ainda mais. Falou-se então de um «diálogo» para a cooperação e o desenvolvimento e a América Latina que a hegemonia dos Estados Unidos mantinha como um trampolim para a defesa eventual dos seus anos veio subitamente à superfície.

Em 1975 reuniram-se em Paris representantes de 27 países para começar um «diálogo» entre países capitalistas e subdesenvolvidos.

A ideia foi originalmente proposta pelo ministro do petróleo da Arabia Saudita Ahmed Zaki Yamani e apoiada o então presidente da França Valéry Giscard d'Estaing. Realizaram-se depois várias reuniões mas o resultado foi o aparecimento de um ceticismo cada vez maior.

Em Maio de 1980 avistaram-se em Bonn o presidente do México José López Portillo, o primeiro-ministro austríaco Bruno Kreisky e Willy Brandt, presidente da comissão a que tem o seu nome. Ai decidiu-se convocar uma conferência cimeira com o objectivo de concertar vontades políticas e estimular o diálogo que se encontrava obstruído pela diferença de pontos de vista.



A «sombra» do «Terceiro Mundo»

Em Março de 1981, os ministros dos Negócios Estrangeiros de onze países reuniram-se em Viena para estabelecerem uma lista de participantes. Primeiro, fixou-se o número 15 mas depois subiu para 23. A União Soviética decidiu não assistir e afirmou que a solução dos desajustamentos económicos dos países industrializados é da responsabilidade deles próprios.

Realizou-se na ilha de Cancun, México uma reunião preparatória de ministros das Relações Exteriores para convocar a Conferência Internacional sobre Cooperação e Desenvolvimento nos dias 1 e 2 de Agosto passado.

A reunião internacional realizou-se naquela mesma ilha a 22 e 23 de Outubro. Esta reunião teve o seu pecado original na condição imposta pelo presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan, de que não participava se fosse convidado o presidente de Cuba Fidel Castro, que é presidente do Movimento dos Países Não-Alinhados.

Um senador americano, Mickey Leland, classificou de «grave erro histórico» a exclusão de Cuba da reunião de Cancun. Em declarações que produziu na Cidade do México, o senador acrescentou: «Fidel Castro por muito que pese a certas pessoas e um dos principais expoentes dos interesses e da política do Terceiro Mundo».

Essa ausência da conferência terá efeitos retroactivos que limitarão os resultados dos trabalhos acrescentou Leland que é representante negro do Texas e presidente da coligação hispano-negra no Partido Democrata dos Estados Unidos.

Poucos dias depois da reunião preliminar em Cancun, visitou Cozumel no México a convite do presidente López Portillo o presidente de Cuba Fidel Castro.

Do comunicado conjunto das reuniões celebradas na ilha de Cozumel os três últimos parágrafos rezam assim:

«O presidente López Portillo explicou ao presidente Fidel Castro o largo processo de negociações que tornou possível a realização dessa reunião e expôs as razões pelas quais a insistência dos países em desenvolvimento o México incluído que comorendem e defendem o direito de Cuba estar presente nessa conferência determinaria dada a conhecida posição dos Estados Unidos a cancelação da mesma com prejuízo do processo de negociação entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento para o qual tanto contribuiu o presidente Fidel Castro».

«O presidente de Cuba agradeceu a leal e espontânea explicação do presidente López Portillo e manifestou a sua disposição de libertar os países amigos de Cuba comprometidos nessas negociações de qualquer compromisso moral a que se sentissem inclinados por motivo da ausência de Cuba».

Reservou-se naturalmente o direito de analisar em momento oportuno as causas que estão na origem desta ausência».

DESPORTO

UEFA rodou

Resultados dos jogos da 1.ª «mão» dos oitavos de final da Taça UEFA de futebol: Radnicki (Jugoslávia) - Feyenoord (Holanda) 2 - 0; Lokeren (Bélgica) - Kaiserslautern (RFA) 1 - 0; Rapid Viena (Áustria) - Real Madrid (Espanha) 0 - 1; Goteborg (Suécia) - Dinamo Bucareste (Roménia) 3 - 1; Sporting - Neuchatel (Suíça) 0 - 0; Winterslag (Bélgica) - Dundee United (Escócia) adiado para 1.º Dez; Aberdeen (Escócia) - Hamburgo (RFA) 3 - 2; Valência (Espanha) - Hajduk Split (Jugoslávia) 5 - 1. Os jogos da 2.ª «mão» disputam-se em 9 de Dezembro.

O Sporting, único representante português na Taça UEFA, empatou sem golos em Lisboa com o Neuchatel Xamax (Suíça) talvez comprometendo as suas aspirações de continuidade na competição. Foi o único nulo registado nos sete jogos da 1.ª «mão» da 3.ª eliminatória, em que estiveram em foco as duas equipas espanholas: Real Madrid e Valência. O «internacional» espanhol Carlos Santillana marcou o único tento do triunfo do Real Madrid sobre o Rapid em Viena, abrindo boas perspecti-

vas à sua equipa. O Valência obteve a maior «goleada» da jornada, derrotando os jugoslavos do Hajduk Split por 5-1, com golos de Tendillo, Pablo (2), Welzl e Arnesen pelos locais e de Todol pelo Hajduk.

O veterano polaco Lato marcou no 1.º minuto do 2.º tempo o golo da vitória do Lokeren sobre o Kaiserslautern, que parece escasso e não dá grande margem de segurança à deslocação da equipa belga à RFA. Também o Aberdeen, apesar do seu triunfo por 3-2 não vai certamente passar por facilidades na RFA, frente ao Hamburgo. Black, Watson e Hewitt marcaram pelos escoceses e o «internacional» Horst Hrubesch apontou os dois golos da equipa germânica.

Os suecos do IFK Goteborg e os jugoslavos do Radnicki Nis obtiveram resultados positivos, alcançando dois tentos de vantagem. O IFK bateu o Dinamo Bucareste por 3-1 com golos de Holmgren e Nilsson (2) e de Muldescu pelos romenos, enquanto o Radnicki ganhou por 2-0 aos holandeses do Feyenoord (Roterdão), com tentos de Radosavljevic e Savic.

UPI escolhe melhores

O atleta britânico Sebastian Coe e a tenista norte-americana Chris Evert Lloyd foram eleitos «Desportistas do Ano» segundo um inquérito da UPI junto dos jornalistas desportivos das agências noticiosas europeias. Coe (25 anos) campeão olímpico dos 1500 metros e medalha de prata nos 800, baixou o seu recorde da milha para 3.47.33 minutos, melhorou o seu máximo mundial dos 800 metros para 1.41.72 e retirou mais de um segundo ao recorde dos 1000 me-

tros (2.12.18). Já 1.º classificado no inquérito da UPI (em 1979) Coe recebeu a 1.ª posição em 17 dos 26 votantes e nunca ficou abaixo da 3.ª posição.

A votação feminina foi mais renhida tendo Evert Lloyd batido a nadadora Ute Geweniger por 14 votos: 193 da norte-americana, vencedora de Wimbledon pela 3.ª vez, contra 179 da alemã democrática, a grande triunfadora dos Europeus, disoutados em Setembro, em Solit (Jugoslávia).

Os melhores homens: 1.º - Sebastian Coe (Grã-Bretanha), atletismo, 249; 2.º - John McEnroe (EUA), ténis, 210; 3.º - Steve Ovett (Grã-Bretanha), atletismo, 104; 4.º - Nelson Piquet (Brasil), automobilismo, 94; 5.º - Sugar Ray Leonard (EUA), boxe, 83; 6.º - Bernard Hinault (França), ciclismo, 73; 7.º - Edwin Moses (EUA), atletismo, 70; 8.º - Carl Lewis (EUA), atletismo, 66; 9.º - Phil Mahre (EUA), esqui, 48; 10.º - Rowdy Gaines (EUA), natação, 32; 11.º - Henry Rono (Quênia), atletismo; Ingemar Stenmark (Suécia), esqui e Vladislav Tretyak (URSS), hóquei no gelo, 29; 14.º - Diego Maradona (Argentina), futebol, 25; 15.º - Konstantin Volkov (URSS), atletismo, 22.

Elas: 1.ª - Chris Evert Lloyd (EUA), ténis, 193; 2.ª - Ute Geweniger (RDA), natação, 179; 3.ª - Mary Meagher (EUA), natação, 124; 4.ª - Evelyn Ashford (EUA), atletismo, 120; 5.ª - Jarmila Kratochvílová (Checoslováquia), atletismo, 99; 6.ª - Antoneta Todorova (Bulgária), atletismo, 93; 8.ª - Denise Biernacki (Suíça), patinagem, no gelo, 54; 9.ª - Tracy Austin (EUA), ténis, 48; 10.ª - Nadia Comaneci (Roménia), ginástica, 40; 11.ª - Martina Navratilova (EUA), ténis, 33; 12.ª - Hana Mandliková (Checoslováquia), ténis, 28; 13.ª - Alison Roe (Nova Zelândia), atletismo, 27; 14.ª - Maxi Gnauck (RDA), ginástica, 24; 15.ª - Grete Waitz (Noruega), atletismo, 20.



Oliveira (no centro do furacão) foi o melhor sportinguista

Alvalade: Sporting, 0-Neuchatel, 0

Corcéis cercados por rafeiros

Para dar uma ideia: o Sporting beneficiou de 10 pontapés de canto, de 20 livres (oito por fora de jogo) e atirou 15 bolas perto das redes de Engel, sujeitando ainda o guarda-mão empregado segurador a um prémio extra por ter mantido incólumes as malhas helvéticas. Durante uma dilatada hora, foi um exercício de pontaria: desordenado (é certo) mas constante. De tal sorte que, desde o primeiro segundo mostrando a sua «táctica» (atrasar a bola, enrolar o tempo, provocar lançamentos laterais depois da bola ir viajar até aos confins do mundo) os simpáticos e muito correctos suíços do Neuchatel não se eximiram a, por 35 vezes, endossarem (de perto ou longe) a esférinha para o seu número um.

Fica, portanto, a imagem imediata: Sporting tudo tentando para conseguir um golo (Oliveira, um talento, serpenteou entre a selva e esteve três vezes com o pé em riste, mas também tirou um lance que era do lavadário de Inácio; Jordão cabeceou a um palmo da barra; Manuel Fernandes só não entrou com o couro no extremo reduto do Neuchatel porque ficou à espera de mais um drible para a colecção). Por aqui se infere como foi, ao longo de todo o tempo de abertura e até a um (aparente pelo menos) cair de braços, a pressão verde-branca sobre a rapaziada carmesim que, mal viu seguro o nulo acreditou que poderia chegar a um êxito que seria surpreendente para a produtividade de situações: foi aí, então, que Robert Luthi (desenhador, de 23 anos) traçou duas jogadas com esquadro e compasso, apenas não resultando porque saiu perfeita uma «mancha» de Meszaros e também Xavier apareceu a toque de caixa no outro instante de tremer o coração luso.

Acentemos, claro, que como toda a gente esperava, o Neuchatel veio enrolar a manta para a desbobinar quando o frio e a neve imperaram no seu reduto. O Sporting, salvaguardando embora a sua



Jordão: mal a finalizar, complicado a fintar

invencibilidade (e vão 23 jogos sem perder) fica, todavia, com o paladar da frustração, ainda que (se tudo correr normalmente) lá, na gélida Suíça, os Xamaxes tenham de fazer jogo diferente, partir para a frente, arrancarem do seu castelo, eventualmente desguarnecendo uma cortina defensiva que chegou ontem a ter nove intérpretes. Aí, então, terá de valer maior velocidade ao Sporting, mais rapidez geral, muito especialmente no endosse e no tiro, certo e sabido que o joguinho terá de ser rasteiro e não, como ontem, viu uma multidão (que principiou totalmente vestindo camisetada listada e acabou, em certa medida, por despedir os embaixadores de carmesim com uma bonita e respeitosa ovação) ao acaso, por alto, sem alça nem calibre.

Poderá dizer-se que Allison teve um lapso de todo o tamanho: aquela de meter Barão já era altamente contestável, mas pior ainda foi a sua manutenção no relvado, visto (como foi) que ao quarto de hora já o rapaz não cortava, não passava, não corria, não dava uma para a caixa, arrastando logo na turbulência do inesperado suas desconcertantes intervenções Virgílio e Ademar que não sabiam como acudir ao colega que andava à tona de água sem (eles próprios) ficarem também marcados pelo fracasso.

Claro que dispendo do possante Nogueira no banco, todo



contemplado pelo Totobola que os reis do cartaz a sério.

Fez bastante falta Freire: é um facto, mas Mário Jorge também está ali para as curvas e convém ir tendo nele o mesmo olho que é forçoso posar demoradamente em Carlos Xavier, do melhorzinho que saiu desta última fornada alvaladiana. Depois, é justa a referência ao labor de Eurico e Inácio, de Ademar e (obviamente) de Oliveira, o tal parelha para Alves que queremos urgentemente ver na primeira selecção de todos nós que seja reconciliação com a verdadeira imagem do futebol português.

Chegou a ser um festim, sempre se confiando no champagne do golo. Mas, erros, pagam-se caro: metade fica nos ombros de Allison (por fazer orelhas moucas) outro tanto é endossado aos atiradores da mais fina água deste nosso futebol que, querendo trabalhar em alta escola, andaram de smoking e de caveira na lua, quando tudo o que se requeria era serenidade, cabecinha fria, toque rápido e remate imediato. Essa, a lição que, em fato de trabalho, o pintor Parret, o estudante de advocacia Forestier e o caixa Moret aviarão no solar leonino, como receita de humildade e devoção.

Esperemos que o Sporting tenha aprendido a lição: nem os ciganos acreditam em bons princípios nos filhos nem as cadelas por muito darem à luz têm honras de lançarem ao mundo galgos de raça. A próximas Callas já era a maior e ainda ensaiava vocalizos duas horas por dia. Mesmo com os bolsos atulhados de ouro.

Neves de Sousa

Com uma magnífica arbitragem de Kirchan (RDA) alinharam: SPORTING: Meszaros; Ademar, Carlos Xavier, Eurico e Inácio; Virgílio, Barão, Oliveira e Mário Jorge (Lito, 80m); Manuel Fernandes e Jordão.

NEUCHATEL: Engel; Forrestier; Hasler, Rincher, Bianchi e Kuffer; Pellegrini, Andrey e Perret; Luthi e Givens (Moret, 80m).



O «Grande Mestre» Soviético Anatoli Karpov, que acaba de defender com êxito o seu título mundial de xadrez, foi condecorado com a Ordem de Lenine. Karpov, que pela 2.ª vez derrotou na final o apátrida de origem soviética Viktor Korchnoi, recebeu uma das mais elevadas distinções da URSS pelas suas extraordinárias actuações e pela sua grande contribuição para o desenvolvimento da escola soviética de xadrez

Enciclopédia
Mundial de
futebol



dirija-se ao seu vendedor habitual
COMPRE JÁ!

DESPORTO

Vatanen campeão mundial de ralis

O finlandês Ari Vatanen, ao obter o 2.º lugar final do «rali RAC», ganhou pelo seu compatriota Hannu Mikkola, tornou-se campeão mundial de ralis. De acordo com os resultados provisórios do RAC, Mikkola, em Audi Quattro, venceu (com 510 minutos) seguido de Vatanen, Ford Escort (521.05) e de Stig Blomqvist, Suécia, em Talbot Sunbeam Lotus. O francês Guy Frequelín, que liderava o mundial de ralis, teve que desistir do RAC, por avaria mecânica, deixando o título à mercê de Ari Vatanen. Vatanen somou 101 pontos, seguido de Frequelín com 89 e de Mikkola com 62.

Classificação final provisória do Rali RAC: 1.º Hannu Mikkola, Finlândia, Audi Quattro, 510 minutos 00 segundos; 2.º Ari Vatanen, Finlândia, Ford Escort, 521.05; 3.º Stig Blomqvist, Suécia, Talbot Sunbeam Lotus, 524.49; 4.º Pentti Airikkala, Finlândia, Ford Escort, 528.43; 5.º Jena Ragnotti, França, Renault R5 Turbo, 533.55; 6.º Per Eklund, Suécia, Toyota Celica, 534.54; 7.º Soren Nilsson, Suécia, Datsun, 537.20; 8.º Anders Kullang, Suécia, Lancer 2000 Turbo, 544.02; 9.º Terry Kaby, G. B., Toyota Celica GT, 548.18 e 10.º Roger Clark, G. B., Ford Escort, 548.24.

Classificação final provisória do mundial de ralis: 1.º Vatanen, Finlândia, 101 pontos; 2.º Guy Frequelín, França, 89; 3.º Mikkola, Finlândia, 62; 4.º Markku Allen, Finlândia, 56; 5.º Shekhar Mehta, Quênia, 55; 6.º Timo Salonen, Finlândia, 10; 7.º Henri Toivonen, Finlândia, 38; 8.º Michele Mouton, França, 30 e 9.º Eklund, Suécia, 29.

Automobilismo: portugueses à aventura

Três portugueses (um músico rock e dois técnicos de publicidade) anunciaram ir tentar bater no início do ano dois recordes do «Guinness Book».

Com uma furgoneta especialmente preparada para o efeito, os três portugueses tentaram destronar o casal britânico que em 1976 atravessou 113 países.

Os portugueses procuraram igualmente bater o recorde da máxima distância percorrida numa viagem de automóvel, ou seja os 270 mil quilómetros feitos há alguns anos por dois japoneses.

Os candidatos a estes dois novos recordes do «Guinness Book» são José António Capristano, de 35 anos, técnico de publicidade, José Miguel Santiago Gomes, de 22 anos, com a mesma profissão e Luís Areias, guitarrista do grupo «Sidercars».

Numa primeira etapa, que começará dia 2 de Janeiro na Praça Marquês de Pombal, em Lisboa, os três portugueses programaram fazer 85 mil quilómetros através da Europa, América do Norte, América Central e Sul e Antártida.

Nesta fase, feita à média de cerca de 450 quilómetros por dia, os caravanistas gastarão oito meses e atravessarão 55 países.

Nalguns destes países, designadamente El Salvador, a caravana portuguesa, pintada com as cores nacionais e os anúncios das empresas patrocinadoras, tem já assegurada protecção militar.

Na segunda fase, que compreenderá a África, a Ásia e a Austrália, os portugueses atravessarão 65 países, o que fará no total 120 países.

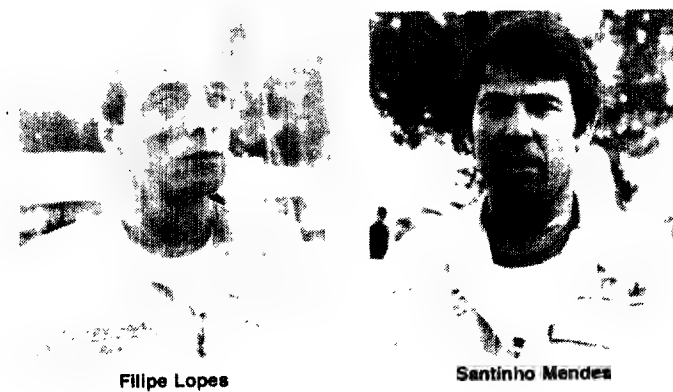
A carrinha, com uma carroçaria especial fabricada em França está equipada para trabalhar com quatro fontes de energia: gás, energia solar, electricidade de 12 volts e electricidade de 220 volts tirada do exterior.

O pequeno almoço, um pequeno almoço bem reforçado, disse José Capristano, bem como o almoço serão confeccionados na carrinha, que para o efeito dispõe de frigorífico e fogão a gás.

Homenageados campeões nacionais

O Entrepósito Comercial homenageou com um jantar o campeão nacional de «Rallies» de 1981, Santinho Mendes e o seu navegador Filipe Lopes. Esta equipa encerraria o nacional desta temporada com chave de ouro ao vencer o «Rallye do Algarve» e revalidar também o seu título.

Oriundo do Troféu Datsun (1971) que viria a ganhar, Santinho Mendes era desconhecido do grande público iniciando nesse ano uma carreira a todos os títulos notável.



Filipe Lopes

Santinho Mendes

Em 1973 foi campeão na classe 1300 (em Datsun) vencendo o Circuito de Vila do Conde e do Estoril. No ano seguinte renovou o título ao volante de um Simca Rally 2, vencendo igualmente o Circuito de Vila do Conde e o Grande Prémio do Estoril.

Em 1975 abandona praticamente as provas de velocidade para se dedicar mais intensamente aos «rallies». Nesse ano, ao volante de um Datsun 1200 GX venceu a Volta a Portugal. Em 1976 obteve a sua melhor classificação de sempre no «Rallye Vinho do Porto» (5.º da geral) ao volante de um Opel 1900 SR.

Nas temporadas de 1977 e 1978 Santinho Mendes tem apenas algumas participações esporádicas. Reaparece em 1979 acompanhado por Filipe Lopes, obtendo o 3.º lugar da classificação geral do «Rallye do Centro». 4.º da geral do «Rallye do F. C. Porto» e 4.º da geral do «Rallye do Benfca», tripulando um Datsun Sunny B210.

Em 1980 sagrou-se finalmente campeão, ao vencer o «Rallye da Figueira da Foz» e a Volta a Portugal, obtendo o 2.º lugar na Volta à Ilha de S. Miguel e no «Rallye do Algarve». Tripulou nessa temporada um Datsun 160 J-, Grupo 2, cedido pelo Entrepósito.

Este ano revalidou o seu título nacional com vitórias absolutas no «Rally do Centro», «Rallye do F. C. Porto», «Rallye Rota do Sol», Volta à Ilha de S. Miguel, «Rallye da Serra da Estrela» e «Rallye do Algarve». Foi ainda 2.º da geral no «Rallye Douro Sul» e 3.º no «Rallye da Madeira».



Bogdan Makuts: 2.º homem da URSS

Ginástica: URSS campeã mundial

A equipa masculina de ginástica da União Soviética, com duas marcas perfeitas de 10 pontos, revalidou (em Moscovo) o título mundial da modalidade, impondo-se à forte equipa do Japão. Tal como dois ginastas soviéticos, também um chinês (Fei Tong) alcançou 10 pontos na barra olímpica, o que permitiu à sua equipa a obtenção da medalha de bronze, após um renhido despique com a República Democrática Alemã, que apenas foi decidido no derradeiro aparelho.

Disputadas as provas livres nos seis aparelhos, os cinco ginastas soviéticos totalizaram 588.95 pontos, onde se incluem marcas perfeitas de Arthur Akopyan e de Alexander Tkachev. A equipa da URSS reteve assim o título conquistado em 1979 em Fort Worth (Texas) onde quebrou um longo domínio japonês na ginástica masculina a nível mundial. Os nipónicos ficaram a mais de três pontos de distância da equipa da URSS (somando 585.85) enquanto a China totalizava 583.90 mais quinze centésimos de ponto do que a RDA. O 5.º lugar deste torneio mundial por equipas pertenceu aos Estados Unidos (577.30 pontos) ultrapassando a RFA (576.10).

A superioridade soviética na ginástica masculina nunca foi posta em causa nestes 21.ºs campeonatos mundiais. Mantendo a liderança logo obtida segunda-feira nos exercícios obrigatórios os ginastas soviéticos somaram nada menos do que dez marcas de 9.90 pontos e uma de 9.95, além das duas da perfeição (10 pontos).

Nos diferentes aparelhos, os soviéticos terminaram em 1.º lugar no cavalo com arções e na barra, ficando «ex-aequo» com os chineses no 1.º lugar dos exercícios no tapete e com os japoneses no salto de cavalo.

As paralelas foram ganhas individualmente pelos japoneses e os chineses terminaram em 1.º lugar nas argolas. Yuri Korolev (19 anos) o mais jovem atleta da equipa soviética, foi o ginasta melhor classificado, com um total de 118.05 pontos.

Os quatro primeiros lugares da classificação individual foram ocupados por ginastas da URSS, depois de Korolev, ficaram respectivamente Bogdan Makuts, Alexander Dityatin, e Alexander Tkachev. O chinês Fei Tong

ocupou o 5.º lugar e o japonês Nabuyuki Kajitani o 6.º.

O treinador soviético Nikolai Arkayev, manifestou-se satisfeito com a actuação da sua equipa. Korolev foi o melhor, mas devo referir igualmente Dityatin, que apesar de uma grave lesão em vésperas do campeonato, teve uma actuação decisiva no triunfo da equipa, afirmou.

Apenas os três melhores classificados de cada selecção se qualificam para o torneio individual, donde os 36 finalistas não incluirão o campeão europeu Tkachev.

Classificação

Classificação final da competição masculina por equipas: 1.º União Soviética, 588.95 pontos; 2.º Japão, 585.85; 3.º China, 583.90; 4.º RDA, 583.75; 5.º Estados Unidos, 577.30; 6.º RFA, 576.10; 7.º França, 573.25; 8.º Hungria, 572.55; 9.º Roménia, 570.60; 10.º Bulgária, 569.80; 11.º Coreia, 566.70; 12.º Cuba, 566.05; 13.º Suíça, 563.95; 14.º Canadá, 563.10; 15.º Itália, 559.30; 16.º Checoslováquia, 555.90; 17.º Inglaterra, 552.25; 18.º Espanha, 549.95; 19.º Polónia, 545.95; 20.º Noruega, 539.65; 21.º Austrália, 536.70; 22.º Brasil, 529.15; 23.º Suécia, 529.50; 24.º Áustria, 519.50; 25.º Israel, 514.35; 26.º Venezuela, 492.20 e 27.º Nova Zelândia, 490.70.

Individual

Após o torneio masculino por equipas os 36 finalistas apurados para o título individual a disputar amanhã são os seguintes: 1.º Yuri Korolev, URSS, 59.025 pontos; 2.º Bogdan Makuts, URSS, 58.950; 3.º Alexander Dityatin, URSS, 58.875; 4.º Fei Tong, China, 58.800; 5.º Nabuyuki Kajitani, Japão, 58.725; 6.º Koji Gushiken, Japão, 58.725; 7.º Michael Nikolai, RDA, 58.650; 8.º Li Ning, China, 58.450; 9.º Koji Sotomura, Japão, 58.375; 10.º Roland Bruckner, RDA, 58.325; 11.º Bart Conner, EUA, 58.250; 12.º Jurgen Nikolai, RDA, 58.225; 13.º Li Xiaopin, China, 58.125; 14.º Peter Idmar, EUA, 57.900; 15.º Gerd Gucogi, Hungria, 57.875; 16.º Jim Hartung, EUA, 57.875; 17.º Jurgen Geiger, RFA, 57.875; 18.º Stelian Delchey, Bulgária, 57.725; 19.º Jean-Luc Cailon, França, 57.700; 20.º Kurt Szilier, Roménia, 57.675.

Ténis: lucros milionários

A edição deste ano do Torneio de Wimbledon de ténis atingiu uma soma recorde de mais de um milhão de libras, que será investida no desenvolvimento da modalidade na Grã-Bretanha. Sir Brian Burnett, presidente do organismo que gere o Torneio de Wimbledon, revelou que a receita líquida tinha atingido um milhão 86 952 libras (cerca de 135 mil contos), acrescentando que todo o dinheiro será entregue à Associação Britânica de Ténis.

No próximo ano as receitas devem ser superiores, porque a Televisão pagará pelas transmissões uma verba consideravelmente superior — disse Burnett. Isso acontecerá porque o torneio encerrará com a final de singulares masculinos ao domingo, em vez de sábado, acrescentou.

Wimbledon tem-se disputado sempre em 12 jornadas: de 2.ª a sábado durante duas semanas.

Em 1982 haverá uma jornada extra.

Basquetebol: tormentoso nacional

Presentemente, o nosso basquetebol está cheio de vida, que lhe foi insuflada por sangue (algum muito puro) americano (do Norte e do Sul). Não há, nos onze clubes da 1.ª Divisão, em prova, nenhum que não esteja «injectado» de basquetebol «importado», «Comprado», para usar um termo mais linear e realista.

Com o recurso ao processo de importação, que implica, naturalmente, a saída de divisas do nosso país para o estrangeiro da ordem dos mil contos/mês (sem exageros) temos um basquete de elite a nível de 1.ª Divisão. Atente-se só nisto: há, presentemente, oito clubes com possibilidades idênticas ou semelhantes. Claro que os outros três (não é preciso vestir a pele de Hercúlio Quintanilha do «Astro» para saber quais serão) vão ficar de

fora da série dos primeiros, embora também esses discutam os resultados nos seus recintos, na sequência de uma ideia que temos defendido de que efectivamente, há uma quase generalizada aproximação de capacidades. Porém, mais do que nunca, o Nacional da 1.ª Divisão, nos moldes actuais, transformou-se numa prova de regularidade absoluta, do ponto em que os resultados desta fase apuram para a «poule» seguinte e podem influenciar a classificação final (consequentemente o título) na 3.ª fase da prova, que é a decisiva. No figurino actual, cada jogo tem efeitos (ou poderá ter) na «esgrima» pelo trono. Por outro lado: cada jogo também pode «mexer» com o futuro de grupos que, não tendo bases suficientemente sólidas, irão ser

despromovidos para a 2.ª Divisão. Dos três últimos desta fase um sofrerá (inevitavelmente) o desencanto da descida.

Pois a jornada dupla deste fim-de-semana insere-se, mais do que até agora, naquele contexto da semelhança de valor a não aconselhar vaticínios quanto aos vencedores. Num ou noutros casos isolados (mas cremos que só um: Porto-Olivais), poder-se-ia quase vaticinar o vencedor. No resto, duas mãos cheias de jogos (em dez) em que se afigura realmente difícil, para não correr riscos de mau «adivinhador». Repare-se nos nomes dos adversários, adicionando-lhes, claro está, a sua condição de visitados e visitantes.

Sábado (13.ª jornada): Ovarense-Ginásio, FC do Porto-Olivais, Sporting-Benfca, CAC-

-Queluz e Atlético-Barreirense, este às 17 horas e os restantes às 17 e 30. Descansa o Sangalhos. Domingo (14.ª jornada): FC do Porto-Ginásio, Ovarense-Olivais, Sporting-Barreirense, Sangalhos-Queluz e Atlético-Benfca, este às 18 horas e os restantes às 17 e 30. Descansa o CAC.

António Abel

Americano despedido

Ricky Head, um dos basquetebolistas norte-americanos ao serviço do Olivais, foi dispensado pela direcção do clube, baseada no facto de Ricky não estar a corresponder (em nível exibicional) às referências que lhe eram feitas. O Olivais pensa contratar até ao final da corrente época um jogador brasileiro que reforce (realmente) as suas fileiras.



Rogério Vieira num ensaio de «Memórias de Uma Mulher-Fatal»

“Mulher-fatal” prestes a estrear

Decorre neste momento a última fase de ensaios de um novo original português que subirá à cena brevemente na Sala Manuela Porto do Teatro do Bairro Alto. Trata-se de «Memórias de uma Mulher-Fatal» de Augusto Sobral, autor de quem o público português já viu representar O Consultório e o Borrão e de quem será brevemente publicada mais uma peça pela Moraes Editores: «Quem Matou Alfredo Mann?».

Desta vez o público verá uma estranha personagem dar o espectáculo de si própria, tentando escrever as suas memórias e a braços com um computador, lutando com diferentes imagens e

tentando louca e desesperadamente reconstruir-se.

A interpretação do espectáculo é de Rogério Vieira, actor que vimos estrear-se em «A Festa dos Alunos do Colégio dos Alfinetinhos de Segurança do Colchão de Molas do Sagrado Coração» encenado por João Perry e que depois de ter feito parte do grupo Proposta, tem — desde 1976 — vindo a integrar o elenco do Teatro da Cornucópia.

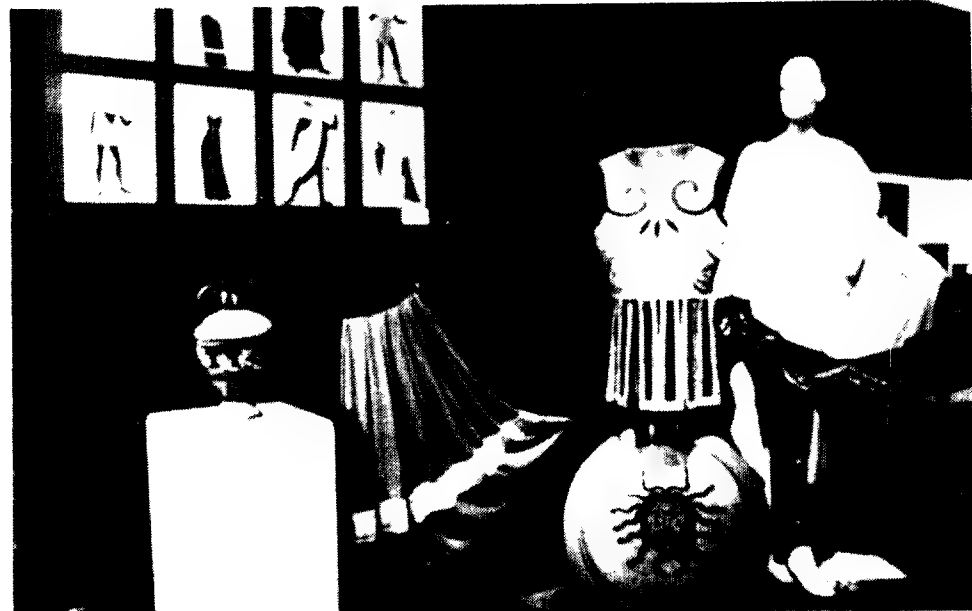
A cenografia deste espectáculo é de António Alfredo e o tratamento sonoro e trabalho de síntese de voz da autoria de Carlos Zingaro.

«Ao convite que me fizeram Eugénio de Andrade e Alexandre Babo, ainda podia resistir; mas ao ambiente de amor e de dedicação pelo teatro que vim encontrar aqui é que não. Aqui venho portanto, desinteressada e propositadamente duas vezes por semana (...) com entusiasmo e com medo. Sabe-se lá o que pode vir de um grupo de 'furiosos' descomprometidos»

Estas palavras são de António Pedro, em entrevistas dadas nos anos 50, quando o Teatro Experimental do Porto dava os seus primeiros passos num percurso que hoje se recorda na exposição dos seus 30 anos de actividade e dos seus primeiros 50 espectáculos, patente na Cooperativa Árvore, do Porto. Esse período de viragem no nosso teatro, o que fizeram esses «furiosos desconhecidos» e a luta travada durante vários anos contra a comissão de censura que «emendava» peças e cor-

Na Cooperativa Árvore

Exposição do TEP só até domingo



tava outras, quando a sigla TEP e os nomes de António Pedro, Augusto Gomes e de dezenas de actores encheram de esperança milhares de espectadores de teatro por esse País fora, pode agora ser «lido» na exposição da Árvore. As peças, as cartas da censura, os figurinos, os desenhos, o guarda-roupa, os traba-

lhos de ensaio, as fotografias e o amor ao teatro que se desprende de tudo aquilo. Uma pequena amostra, aliás, porque a maior parte do património do TEP não encontrou ainda espaço — o espaço para o teatro, na sua história mais recente e no passado, poder servir a todos, começando pelas escolas, na descoberta

viva da cultura e do nosso património. Fala-se num Museu do Teatro. A exposição do TEP é também uma afirmação da sua necessidade. Para já aqui fica o aviso: a exposição encerra no próximo domingo.

J. G. B.

ELA FEZ DELE O AMANTE,
O HERÓI, O HOMEM RICO
... E O ASSASSINO!



amor e violência!

ATLANTIC CITY, U.S.A.

um filme de LOUIS MALLE
com

BURT LANCASTER · SUSAN SARANDON
MICHEL PICCOLI

HOLLIS McLAREN · ROBERT JOY · AL WAXMAN

argumento JOHN GUARE produção DENIS HEROUX música MICHEL LEGRAND

FILMES OCIDENTE • NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

estúdio
444

4.^a SEMANA

Uma espada forjada por um Deus Semente do Futuro Força viva de um Rei



EXCALIBUR

Um filme de John Boorman "EXCALIBUR"

Nigel Terry · Helen Mirren · Nicholas Clay · Cherie Lunghi · Paul Geoffrey · Nicol Williamson

Produtores executivos Edgar F. Gross e Robert A. Eisenstein · Realização e Produção de John Boorman

Argumento de Rospo Pallenberg · John Boorman

Adaptação do roteiro de Malory · Le Morte D'Arthur por Rospo Pallenberg

ORION

MONUMENTAL

5.^a SEMANA
DE NOTÁVEL ÊXITO

TERMINAL

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Para as crianças: sim e não

«CONCERTO DE CONTAS» pelo Teatro do Nosso Tempo. Colaboração: Ana Cristina, Ana Paula, Delfim Braz, Eurico Pires, Isa Pedro, Manuel Bollinhas, Marta Mendes, Octávio Gameiro, Pedro Brites, Teresa Gata, Vítor Andrade, Vítor Sousa. T.N.T. 10-1981.

«UM DOIS TRÊS» pelo grupo Máscara. Autores e intérpretes: Rui Pisco e Pedro Wilson. T.N.T. 10-1981.

É fatal: falar de espectáculos para crianças impõe inevitavelmente uma palavra prioritária de advertência. O crítico é um felizardo já que é, salvo exceções, às mães, papás e outros encarregados de educação, que se dirige. Daí o poder usar, na circunstância sem grande receio, a dicotomia. Este Sim e este Não, que não servem para as crianças menos interessados no preto e branco do que nas mil cores do arco-íris, podem aqui funcionar como aviso.

Continuo a pensar que a imaginação é o principal atributo do

espectáculo infantil mesmo quando este quer agarrar o facto miúdo do quotidiano, mesmo quando quer didacticamente problematizar o relacionamento da criança com o mundo que a rodeia.

Apesar das dificuldades de uma actividade tão desamparada como é o nosso teatro infantil, têm aparecido, como aqui temos dado notícia, espectáculos muito ricos de invenção, sem deixarem o campo do concreto sob o ponto de vista pedagógico.

Os dois espectáculos apresentados na sala do TNT situam-se em pólos opostos, como já se entendeu. O do TNT propriamente dito, «Concerto de Contas», é um espectáculo pretensioso cujas boas intenções são esmagadas pela pobreza de imaginação, ao nível da palavra e da passagem da palavra ao acto. Um texto em verso, pretensamente popular, marcado por um humor de gosto duvidoso, um texto de que naturalmente as crianças se distanciam guar-

dando a sua atenção para os momentos cénicos menos mortos, que não são muitos. A encenação é pobre de inventiva, a chispa raramente acontece, é demasiado raro o momento de festa ou de simples alegria.

E, no entanto, o ponto de partida prometida. Os números que são ao mesmo tempo músicos e por isso, para poderem trabalhar, devem fazê-lo em equipa — poderia ser uma ideia aproveitável. O resultado é um espectáculo insuficiente, tanto a nível de texto como de encenação e interpretação, para qualquer público e sobretudo para o público mais jovem.

«Um Dois Três» é um espectáculo menos pretensioso — é um belo espectáculo. Apenas dois actores num espaço quase vazio. O segredo não chega a ser: trata-se não de representar mas de jogar tal como jogam as crianças desinteressadas dos cubos mágicos e dos monopólios. É por isso sob o signo do ilógico que o espectáculo, como uma brincadeira sem regras, decorre. Nin-

guém estranha por isso, que os actores comecem e acabem a trabalhar com pequenas cabeças enfiadas nos dedos, e entre isso finjam de roupa dependurada numa corda, de galinhas, automóveis, balões vogando no espaço, e de muitas outras coisas.

Este jogo se é ilógico não é gratuito porque os dois actores ensinam a descobrir o corpo, os gestos, os sons. Simplesmente, essa descoberta não é académica, faz parte do próprio jogo. Eis a razão da superioridade deste espectáculo. Mas a sua qualidade resulta também da preparação dos dois actores, da capacidade, que já dominam, em utilizar o corpo e a expressão corporal, a voz e a expressão vocal (não há palavras, apenas sons). Não foi por acaso, claro, que Rui Pisco e Pedro Wilson passaram pela Comuna. Os resultados estão à vista. Um belo espectáculo, repete-se, que todas as crianças deviam poder ver.

Editorial «Caminho»:

Cem contos de prémio para policiais e ficção

A Editorial Caminho abriu concurso para obras inéditas de literatura policial ou ficção científica, cujo vencedor receberá um prémio de 100 contos.

O prémio de 100 contos será atribuído a cada uma das modalidades, devendo as obras concorrentes ser escritas em língua portuguesa e obedecer à forma de romance ou colectâneas de contos.

Os originais deverão ser enviados até 31 de Maio de 1982, para «Editorial Caminho, Prémio Editorial Caminho, Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B, 1100 Lisboa». O júri, constituído por António Lobo Antunes,

António Luís Moita, da Associação Portuguesa de Escritores, Fernando Assis Pacheco, Manuel Gusmão, Margarida Barahona da Fonseca, Salvato Teles de Menezes e um representante da Editorial Caminho. divulgará a sua decisão até 15 de Outubro seguinte.

Os exemplares enviados a concurso em número de três, deverão ter um mínimo de 160 páginas dactilografadas a dois espaços em papel formato A4, e deverão ser assinados com pseudónimo e acompanhados de um envelope lacrado com a identificação do respectivo autor.

A próxima estreia de «A Barraca»

O grupo de teatro «A Barraca» estreia quarta-feira a peça «Fernão, Mentos?», de Hélder Costa.

O texto, encenado também por Hélder Costa, é uma versão livre da peregrinação de Fernão Mendes Pinto.

A música do espectáculo, de que haverá segunda-feira uma representação especial para a classe teatral é de José Afonso, Orlando Costa e Fausto, que é também o responsável pela direcção musical.

O elenco é composto por António Cara D'Anjo, Carla Osório Mourão, Clara Rocha, João Maria Pinto, João Soromenho, Madalena Leal, Manuel Marcelino, Maria do Céu Guerra, Orlando Costa e Santos Manuel.

«UM FILME EXCEPCIONAL»

New York Times, Vincent Canby

«UMA OBRA-PRIMA... UM TRIUNFO»

Los Angeles Times, Sheila Benson

«UM FILME MARAVILHOSO»

Newsweek, Jack Kroll

«MEDALHAS DE OURO PARA TODOS»

Sunday People

SELECÇÃO OFICIAL INGLESA
CANNES 1981MOMENTOS
DE GLÓRIA

(Chariots of Fire)

BEN CROSS · IAN CHARLSON · NIGEL HAVERS · CHERYL CAMPBELL · ALICE KRIGE
LINDSAY ANDERSON · DENNIS CHRISTOPHER · NIGEL DAVENPORT · BRAD DAVIS
PETER EGAN · S. JOHN GIELGUD · IAN HOLM · PATRICK MAGEE

Argum. COLIN WELLAND Mus. VANGELIS Prod. Execut. DODI FAYED
Prod. DAVID PUTTNAM Realização de HUGH HUDSON

Não aconselhável
a men. 13 anos



Colorido

FILMES CASTELLO LOPES



apresenta

ESTREIA HOJE
ÀS 21.30 H.

estúdio
MUSICMUSICMUSIC

UM
GRANDE CONCURSO
merece
uma grande obra
O
CÍRCULO DE LEITORES
ESCOLHEU
CAMILO
CASTELO BRANCO para o
Grande Concurso do 10º Aniversário

Comece a sua colecção das
obras deste genial romancista
com uma edição de
qualidade,
em exclusivo para
os sócios do
Círculo de Leitores

Adquirindo
os primeiros 2, 4
ou 8 volumes
desta colecção,
participa no

GRANDE CONCURSO
10.º ANIVERSÁRIO
— CÍRCULO DE LEITORES

15 mil contos em prémios

- Um apartamento no Algarve
- 10 automóveis Fiat
- Câmara de cor + Video-Tape
- Conjuntos de alta fidelidade
- Televisores
- Rádios, etc, etc, etc,

FALTAM 7 DIAS

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS



Cabeleireiro Eva

Praça Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

AS SUAS SECÇÕES DE:

mise • brushing • corte • manicure • pedicure • depilações

FUNCIONAM DAS

8.30 h. às 20.30 h.

CONSTANTINO DA COSTA LOPES, LDA.

CONVOCATÓRIA DE ASSEMBLEIA GERAL

É convocada a Assembleia Geral extraordinária da sociedade por quotas de responsabilidade limitada «Constantino da Costa Lopes, Lda.», para se reunir no dia 29 de Dezembro de 1981 pelas 10 horas, na sede social na Rua do Alto de Carvalhão, n.º 4, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Deliberar sobre o pedido para a divisão da quota da sócia Lucinda Jorge dos Reis Lopes e sobre o pedido para cessão da quota da mesma sócia e das quotas dos sócios Elisário Joaquim Lopes, Martinho Anselmo dos Reis Lopes e Telmo Jorge dos Reis Lopes a favor de António Maria Marques.
2. Deliberar sobre a proposta de alterações aos Estatutos da Sociedade.

Lisboa, 18 de Novembro de 1981

O GERENTE

Joaquim Luis Salgueiro

“Sulbar - Comidas e Bebidas, Limitada”

17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua Alexandre Herculano, 29-1.º Esq.º NOTÁRIO, Lic. António Manuel Gonçalves Saldanha

1 — Certifico para fins de publicação que por escritura deste Cartório de treze de Julho do ano corrente, lavrada de folhas vinte e seis a folhas vinte e nove do livro 205-A, foi constituída a sociedade em epígrafe, que adoptou o pacto constante dos seguintes artigos:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de SULBAR — COMIDAS E BEBIDAS, LIMITADA, durará por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

SEGUNDO

A sua sede e em CASCAIS, na Rua Visconde da Luz, número um-A, podendo ser alterada por simples deliberação da gerência.

TERCEIRO

O objecto da sociedade consiste na actividade de bar e restaurante e qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os socios resolvam explorar.

QUARTO

O capital social e de CENTO E CINQUENTA MIL ESCUDOS, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e corresponde a soma das seguintes quotas: uma de CINQUENTA MIL ESCUDOS do socio BRIAN THOMAS HARRIS, uma de CINQUENTA MIL ESCUDOS do socio JOHN DAVID HUGHES e uma de CINQUENTA MIL ESCUDOS da sócia SUSAN MAREE LANSEADEL.

QUINTO

UM — É proibida a cessão de quotas a estranhos sem consentimento da sociedade, mas é livremente permitida entre os socios.

DOIS — O sócio que pretender alienar a sua quota a estranhos prevenirá a sociedade com a antecedência de trinta dias, por carta registada, indicando o nome do adquirente e as condições da cessão.

TRES — A sociedade reserva-se o direito de preferência nesta cessão, dentro do prazo de trinta dias, e quando não quiser usar dele e este direito atribuído, por um prazo idêntico, aos socios.

QUATRO — Se mais de um sócio pretender adquirir a quota, será ela dividida por todos os pretendentes na proporção das suas quotas.

SEXTO

Para efeitos do disposto no número anterior, será semestralmente fixado em assembleia geral um valor da sociedade bem como das quotas de cada sócio.

SÉTIMO

A sociedade reserva-se o direito de amortizar, pelo valor resultante da aplicação do artigo anterior, a quota de qualquer dos socios que não cumprir o disposto no artigo quinto.

OITAVO

UM — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, é confiada a todos os socios que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução.

DOIS — É no entanto obrigatória a assinatura de dois dos gerentes para

obrigar a sociedade em aceites, saques e endossos de letras e negócios de valor superior a trinta mil escudos.

TRES — Para os actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer dos gerentes.

NONO

UM — É proibido aos gerentes assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos que digam respeito a negócios estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e actos semelhantes ou assumirem obrigações ou responsabilidades estranhas aos interesses da sociedade.

DOIS — O gerente que infringir o disposto neste artigo, perde o direito aos lucros referentes ao ano em que se der a infracção e às retribuições que, porventura, lhe devessem ser atribuídas e ficará, além disso, responsável para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar.

DECIMO

UM — As assembleias gerais, nos casos em que a lei não determinar formalidades especiais para a sua convocação, serão convocadas pela gerência por carta registada, expedida com catorze dias de antecedência, pelo menos.

DOIS — Qualquer dos socios pode, com a antecedência mínima de quinze dias, convocar uma assembleia geral extraordinária, com uma proposta de ordem de trabalhos específicos.

DECIMO PRIMEIRO

A sociedade dissolve-se nos casos determinados na lei e pela resolução da maioria qualificada dos socios tomada em assembleia geral expressamente convocada para o efeito.

DECIMO SEGUNDO

A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio e continuará com os restantes e com o representante ou herdeiros do sócio falecido ou interdição, salvo se estes preferirem apertar-se da sociedade. Nesse caso proceder-se-á a balanço e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdição receberão o que, de acordo com o disposto no artigo sexto, se apurar pertencer-lhe e que lhes será pago em quatro prestações trimestrais, iguais e sucessivas, as quais vencerão juro igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

DECIMO TERCEIRO

Os anos sociais serão os civis, e os balanços serão dados com relação a trinta e um de Dezembro, devendo estar aprovados e assinados até fins de Março imediato.

DECIMO QUARTO

UM — Surgindo divergências entre a sociedade e um dos mais socios, não poderão estes recorrer a resolução judicial sem que previamente o assunto tenha sido submetido à apreciação da assembleia geral.

DOIS — Igual procedimento será adoptado antes de qualquer sócio requerer liquidação judicial.

3 — Mais certifico que a presente fotocópia que se contém em cinco folhas vai conforme ao original assim como a parte certificada e nada contém em contrário do que fica certificado.

Lisboa e Décimo Sétimo Cartório Notarial aos 18 de Outubro de mil novecentos e oitenta e um.

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A 1200 LISBOA Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia

teatro da Cornucópia

NÃO SE PAGA! NÃO SE PAGA! de Dario Fo

10.º MÊS ÚLTIMAS SEMANAS Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

ESTREIA AMANHÃ

(Domingo às 16h.)

AV. DA REPÚBLICA, 31 QUINTAS, SEXTAS E SÁBADOS ÀS 21,15 H.

BILHETES NO TEATRO, NOS DIAS DE ESPECTÁCULO A PARTIR DAS 20 H. - OU NA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS SERVIÇOS SOCIAIS

Encenação de Rogério de Carvalho Cenografia de José Castanheira

teatro na caixa

caixa geral de depósitos serviços sociais



Otíó vânia anton tchekov

... a mais genial imagem do teatro de Tchekhov...
... um espectáculo que é uma raridade no nosso teatro...
Carlos Porto

... excepcional... criação global de qualidade rara...
... que belo espectáculo, quase um sonho...
Jorge Listopad

POUPE COMBUSTÍVEL

17.ª SEMANA

um "best-seller" de Jeanne Cordelier baseado na sua própria experiência

MIOU-MIOU MARIA SCHNEIDER



corpo e prazer, entrega e ilusão, sorrisos sem vida.

um filme de DANIEL DUVAL la dérobade

CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

UMA DAS MAIS BELAS HISTÓRIAS DE TODOS OS TEMPOS

AGORA INTERPRETADA POR DOIS MONSTROS DO CINEMA

RICKY SCHRODER

O FABULOSO GAROTO DE "O CAMPIÃO"

E O GRANDE ALEC GUINNESS



UM FILME ENCANTADOR! UMA PRODUÇÃO DE ALTO NÍVEL

COM UM GRANDE ELENCO

ERIC PORTER • COLIN BLAKELY • CONNIE BOOTH RACHEL KEMPSON MÚSICA DE ALLYN FERGUSON

Realização de JACK GOLD

Não acons.

men. 13 anos

Mundial Filmes

HOJE ESTREIA

CITY e VOX

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

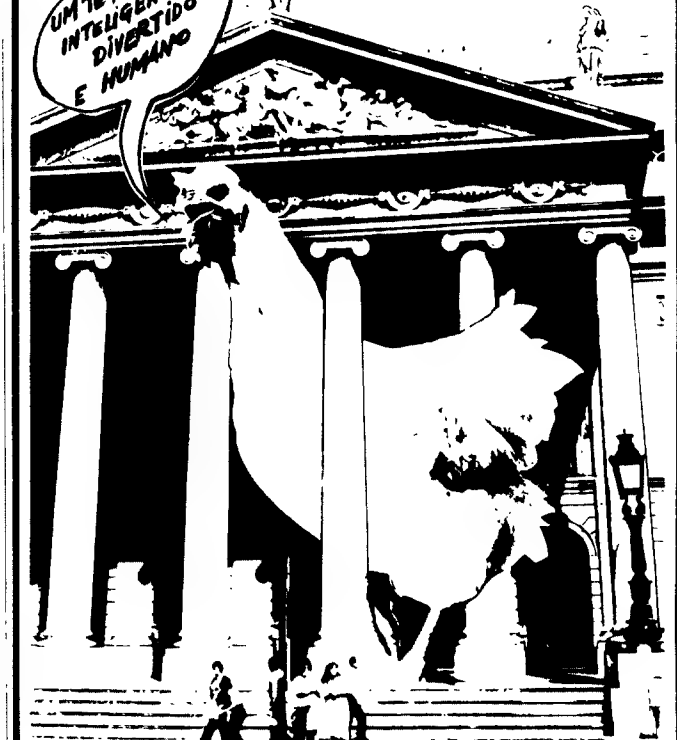
HOJE, às 21,30 h

Rómvlo o grande

DE DÜRRENMATT

com MANUEL COELHO-IGOR SAMPAIO-VICTOR RIBEIRO-FERNANDA BORSATTI-MARIO PEREIRA-ALBERTO VILAR-RUY DE MATOS-ANTONIO SARMENTO-CARLOS CABRAL-CARLOS PIMENTA-LUIS BANDEIRA-MENDES DA SILVA-ETC.-E RUI DE CARVALHO NO PROTAGONISTA

UM TEATRO INTELIGENTE DIVERTIDO E HUMANO



Matinées • Sábados e Domingos às 16.00 Preço de 100\$00 (3.ª Balcão) e 200\$00 (Plateia)

Redução de 50% a estudantes e Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos Descanso da Companhia à Segunda-Feira

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Bacalhau: amigo, mas de quem?

Disseram-me que, à quarta-feira, há noite no segundo canal. Lá estive, para ver a noite e também para assistir às imagens do campeonato mundial de ginástica, em Moscovo.

Estas imagens foram em diferido o que, como é lógico, lhes retira grande impacto mas, ao mesmo tempo, apura a atenção do espectador, despojando-a de elementos emocionais que perturbam e prejudicam a «aprendizagem» da realidade. O excesso de emoção, como o excesso do sal ou pimenta, tira ou deforma o sabor dos alimentos. Como regra, o clubista prefere o directo, o amador, o diferido. Aquele, quer participar na competição, este quer competir na compreensão.

Confesso que pequei, ou seja, que generalizei. Quem poderá dizer que os «clubistas» são isto, os «amadores» aquilo? Lérias. Viver em diferido é uma especialidade a que os portugueses deram o nome certo: saudade.

Sou pelo directo, pelo corpo-a-corpo. TV directo é que é, tudo o mais é remendo.

Por que estas imagens nos vieram em diferido e não em directo, ignoro. Talvez por causa dos fusos horários. No entanto, os fusos horários não impediram a transmissão em directo da partida do Columbia (desculpem: do Calábria) o que me leva a crer que, neste mundo, até para ser fuso horário é preciso ter sorte.

Bom. A respeito da ginástica (que cujos resultados o **Telejornal** ignorou e compreende-se porquê) e do maravilhoso recinto onde ela se realiza, teremos ainda ocasião de conversar. Façamos do «Quarta há noite».

Meto-me em cada alhada! Mas falar de quê, santo Nome? Não daquele «Egipto após Sadat» que se limitou a coser imagens de arquivo, quase todas nossas conhecidas, com as frotas do Begin, do Mubarak e dos ressuscitados Ford, Carter e

Nixon (olhem que trio!) a provar que certas pessoas são tão, tão cadáveres que não há ressurreição que lhes valha.

Nem falar daquele primeira parte referente à chamada «crise do Suez» de 1956. Ou fazê-lo apenas para evidenciar o carácter desinformativo de certas formas de informar.

E verdade que a invasão franco-britânica do Egipto para repor o domínio sobre o canal de Suez, após a nacionalização feita por Nasser, se saldou por um fracasso. E verdade também que tal fracasso marca o fim da «era das canhoiras» em que Portugal foi uma vítima - mas esqueceram-se de dizer que tal só foi possível graças à ajuda que a União Soviética prestou ao «Terceiro Mundo». De facto, a França e a Inglaterra viram-se coagidas a retirar suas forças por intimidação, sem rendilhados, daqueles pais socialistas. Se os Estados Unidos acrescentarem depois alguma influência, foi apenas para salvar a honra do convento...

Mas há mais. A vitória do Egipto de Sadat sobre os sionistas de Israel deve-se **exclusivamente** ao auxílio da União Soviética. Dessa vitória derivou o prestígio de Sadat e daí que o corte de relações com URSS (aliado do povo egípcio) e a aliança com os Estados Unidos (aliados dos sionistas) assumisse aos olhos dos povos árabes o carácter de uma verdadeira traição.

Não se trata aqui de uma apreciação género «puxar a brasa à sua sardinha». O ano de 1956 não fica assim tão longe que qualquer memória, mesmo curta, desdenhe do concreto histórico. Quanto à prosa do documentário em questão, se não se desviou grandemente de certos factos, falhou no essencial, ou seja, ao esquecer-se do sujeito da oração. Se alguém ignora

que, no nosso século, o sujeito da oração histórica se chama Socialismo, então ainda não apreendem da sintaxe o essencial. E a informação transforma-se em deformação.

Daqui à degradação vai o passo de uma cobra.

Reparem no telejornal: Brejnev procura em Bona os caminhos para a paz - e no pequeno visor aparece-nos o mapa do Afeganistão... e a tónica é posta sobre a manifestação, em Bona, de «milhares de manifestantes» (antes de ontem eram dezenas de milhares de) afegãos refugiados na Alemanha... e repete-se que as grandiosas manifestações em toda a Europa contra a instalação de mísseis são de inspiração soviética (!)... e repete-se que a União Soviética recusou a «opção zero» de Reagan, sem dar as razões dessa atitude...

Chama-se a isto fazer campanha política, isto não se chama informar. Pelo que Telejornal se parece cada vez mais com a bofetada interna de uma empresa multinacional e cada vez menos com um órgão de grande informação nacional.

Em 24 horas, para a sossega, diz-se que há bacalhau com fatura. Não haverá especulação, diz-se. Mas há, sim senhores. Há mercado negro e quem o faz é o próprio governo.

Se não repare-se. Quando o bacalhau custava 200 escudos, vendia-se no mercado negro a 400. Como o governo o vende agora a 400, desapareceu o mercado negro. Desapareceu, não: deixou de ser privado, para ser oficial...

O governo teria outras soluções, se quisesse defender o direito das bolsas magras. Estas, segundo o locutor, têm uma: comprar pouco e fazer bolinhos de bacalhau.

Poupassem-nos ao menos este humor negro.

VÉNUS FILMES

Ultrapassada a última barreira no mundo do sexo!

taboo

“O INCESTO”

FILME PORNOGRÁFICO HARD CORE 1. Escalão

COM KAY PARKER

Realização de KIRBY STEVENS

AMANHÃ ESTREIA ÀS 12.30H

CINEPOLSO

INTERITO A MENORES DE 18 ANOS

Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO

FORNECIMENTO E INSTALAÇÃO DE UMA REDE DE TELE-INFORMÁTICA DE EXPLORAÇÃO

A C.P. aceita inscrições de firmas para a pré-qualificação a este concurso.

As firmas interessadas poderão dirigir-se, até ao dia 30 do corrente mês, à Secretaria do Departamento de Instalações Fixas, na Estação de Santa Apolónia, onde lhes serão indicadas as condições a que, necessariamente, deverão satisfazer para virem a ser seleccionadas.

2 RODAS

2 vezes mais atenção!

Café-Teatro da COMUNA

SEXTAS E SÁBADOS ÀS 23H DOMINGOS ÀS 17.00

CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS

ISTO É MAGIA

Pelo GRUPO DE VÍDEO CONTEMPORÂNEA

JANTE OU CEIE NO CAFÉ-TEATRO

PRAÇA DE ESPANHA - TEL. 762624

O GRANDE ÊXITO DO ANO!

A FORÇA DO AMOR NO MUNDO DA TIRANIA

Hanna Schygulla

Lili Marleen

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

O MELHOR CINEMA DE

R.W. Fassbinder

COM

Giancarlo Giannini · Mel Ferrer

ARGUMENTO DE MANFRED PURZER JOSHUA SINCLAIR e R.W. FASSBINDER DO ROMANCE DE LALE ANDERSEN Não acons. men 13 anos Colorido

FILME DE QUALIDADE

5ª SEMANA LONDRES

Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO

TV, DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) 1-371001/2

Hoje

1 RTP

2 RTP

18.15 País, País

18.45 Sítio do picapau amarelo

19.10 Êxitos de ontem na RTP - Biografia de Pina Manique

19.30 Fados - Com Fernando Gomes e Aurélia Adelaide. Produção de Isolino de Sousa

20.30 Museu do cinema - Com António Lopes Ribeiro e Maestro Resende Dias

21.00 Complemento directo

21.50 O exército secreto - (7.º episódio)

18.15 País, País

18.45 Sítio do picapau amarelo

19.10 Eurovisão - Campeonato do Mundo de Ginástica

20.00 Informação/2

20.30 Os grandes maestros - Otto Klemperer

21.30 Animação/2

21.50 Pare escute e olhe

22.20 Lugares na Europa - «Escócia»

22.45 24 Horas

Das 13.20 às 17.20: Ciclo Preparatório TV, 17.37: Sumário, 17.42: Tempo dos mais novos, 18.15: País, País, 18.45: A costa do mar, 19.15: Olhai os lírios do campo (episódio n.º 33), 19.55: O Tempo, 20.00: Telejornal, 20.30: Direito de antena com Ass. Port. dos Gestores e Técnicos dos Recursos Humanos, 20.40: A Balada de Hill Street (6.º episódio), 21.40: Concurso «Noves fora nada», 22.45: 24 Horas.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!

1 RTP

Segunda oportunidade (20.45)

Pina Manique (19.10)

2 RTP

Alem de um programa à escolha oferece-lhe

Resumo do episódio de hoje

Eugénio diz ao irmão que, por enquanto, ainda não há lugar para ele na fábrica e Ernesto responde-lhe sem sequer acreditar que se tenha interessado por tal assunto.

Pouco depois, Ernesto desabafa com o dr. Seixas a quem diz sempre ter sido prejudicado, durante toda a vida, em favor do irmão.

Durante a viagem, Carlo trata Olívia de forma rude e diz-lhe que a sua presença é desnecessária em Nova Itália.

Eugénio convida Mário para trabalhar com ele no posto médico da fábrica, convite que é aceite de imediato.

Entretanto, sob chuva torrencial, prossegue a viagem de Olívia e de Carlo para Nova Itália, que é interrompida por motivo de uma avaria no motor do automóvel.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO Rua B. Jesus Caraga 17 Cruz Quebrada - Tel. 2112871

GRUPO DE CAMPOLIDE - ACADEMIA ALMADENSE TEL. 2752175
BREVEMENTE
"A EXCEÇÃO E A REGRA"
de B. BRECHT
Encenação de Peter Schrotz e Peter Kleinert do Theater IM PALAST de Berlin

PAPEIS de parede

Campanha de Outono

PAPEL

230\$ 180\$^{ROLO}

BARROS & BARROS, LDA.
R. JOSÉ DURO 22 E TEL. 892057
1700 L. SBOA (Alvarado)

Um móvel no sapato

Até é possível no sapato do Natal.
Para isso criámos uma grande Campanha de Natal.
Escolha connosco o móvel que vai pôr no seu sapato um quarto de Casal S/R 16.000\$00
um quarto de Criança S/R 12.000\$00
um quarto de Casal Luxo 22.500\$00
um quarto de Criança Luxo 18.500\$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 45.000\$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 55.000\$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 67.500\$00

Móveis de Sala modernos
23.500\$00
Móveis de Sala modernos
27.500\$00
Mesa de Vidro e 6 Cadeiras 20.000\$00
Jogo de Maples Veludo Luxo 23.000\$00
Jogo Maples Cama Francesa Luxo 38.000\$00
Jogo de Maples de Canto Luxo 25.000\$00
e muitos outros modelos.
Esperamos por si até 31 de Dezembro.
Em Dezembro estamos abertos até às 21 horas e aos sábados à tarde.

ALVERCA • R. Proj. a Cap. Meleças Lote 1 junto as escolas
LISBOA • Est. de Benfica 174 1a 500 m. de Sete Rios
ALMADA • Av. 25 de Abril 45 Telef. 276 90 01
BAIXA DA BANHEIRA • R. V. e P. 23-B (Antiga R. 5)

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	60\$20	65\$20
ALEMANHA FED. (marco)	28\$40	29\$50
AUSTRIA (xelim)	3\$95	4\$15
BELGICA (franco)	1\$533	1\$733
BRASIL (cruzeiro)	\$307	\$557
CANADA (dolar - notas de 1 e 2, notas de 5 a 1000)	53\$50	55\$50
DINAMARCA (coroa)	54\$00	56\$00
ESPAÑA (peseta)	8\$85	9\$25
EURO (dolar - notas de 1 e 2, notas de 5 a 1000)	63\$05	65\$05
FINLANDIA (marka)	63\$55	65\$55
FRANÇA (franco)	14\$60	15\$20
HOLANDA (florim)	11\$15	11\$85
INGLATERRA (libra)	25\$95	26\$95
IRLANDA (libra)	12\$75	12\$85
ITALIA (lira)	101\$30	105\$30
JAPÃO (yene)	\$048	\$058
NORUEGA (coroa)	\$266	\$301
SUECIA (coroa)	11\$00	11\$50
SUIÇA (franco)	11\$55	12\$15
VENÉZUELA (bolivar)	35\$55	36\$55
	12\$40	13\$10

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

Teatro

"Ai a tola!", primeira realização da nova companhia profissional Teatro Mestre Gil, estreia-se amanhã na sala da Sociedade Filarmónica da Amadora (R. Elias Garcia, 142).

O espectáculo, construído nos moldes da tradicional revista à portuguesa mas com inovações sensíveis, é um original de José Jorge Letria e Pedro Pinheiro, com música de Carlos Mendes, Carlos Alberto Moniz, Samuel, Nuno Gomes dos Santos e José Jorge Letria.

O elenco é encabeçado pela actriz Maria Dulce, que regressa ao teatro de revista, estreando-se, entretanto, como encenadora do espectáculo.

Pedro Pinheiro, Helena Isabel, Fernanda Coimbra, José Manuel Rosado ("Lydia Barloff") e Manuel Mendonça completam o elenco que surge reforçado com a presença da cantora Teresa Paula Brito.

O corpo de baile, dirigido pelo coreógrafo Marcelo Filipe, integra Ana Viçoso, José Vicente, Ana Mathiotte, João Dinis e Anabela Louro.

A cenografia leva a assinatura de Francisco Ferreira d'Almeida, sendo a direcção musical da responsabilidade do maestro Fernando Correia Martins. Helena Isabel es-

treia-se como figurinista. A luminotécnica é da responsabilidade de António Mileu.

Cinema

A Cooperativa Árvore, agora a sala remodelada e com nova aparelhagem de

domingo, pelas 21.30, será apresentado o filme "O Chacal de Nahueltoro", de Miguel Littin.

"O Cinema e a História" é um breve ciclo de quatro filmes seguidos de debate organizado pela Associação de Professores de História. Inicia-se hoje, às 21 horas, no

de debate com José de Matos Cruz e Borges Coelho.

Ballado

Como encerramento da Exposição "Homenagem a Picasso", que decorre na S.N.B.A. desde o passado dia 25 de Outubro, realizam-se amanhã (21.30) e no sábado (18.30) dois espectáculos de bailado pelo "Dança Grupo", concebido e inspirado na obra deste pintor e intitulado "na palma da mão a lâmpada de guernica". A coreografia é de Elisa Worm e Paula Massano, a música original e colagens de Constança Capdeville, a realização plástica esteve a cargo de Nuno Carinhas e Elisa Worm. Este espectáculo fez a sua estreia nacional no passado dia 15 no Porto integrado no FITEI.

Exposições

O "Culto de Santo António na região de Lisboa" é o tema de uma exposição na Sé Catedral de Lisboa, que pode ser visitada até meados do próximo ano.

Obras de seis artistas da região Centro estão a partir de segunda-feira expostas num pavilhão do Largo da Portagem em Coimbra, por iniciativa do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro (GAAC).



"Na palma da mão a lâmpada de Guernica", bailado do "Dança-Grupo", encerra a exposição de homenagem a Picasso, patente na SNBA

projectação, tem vindo a apresentar, com certa regularidade, alguns filmes inéditos na cidade do Porto. Hoje e no

Audatório da Biblioteca Nacional, com a exibição do filme "Giordano Bruno, o Rebelde", de Giuliano Montaldo, seguida



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

"ANTENA UM"

16.00 Noticiário Intercalar; 17.00 Ovo de Colombo; 17.05 Figuras e figurantes; 17.30 Ontem, amanhã e depois; 18.15 A década prodigiosa; 19.00 Bloco informativo; 20.00 Ler, Ouvir e Falar - poesia, ciclos musicais; 21.00 Educando... (programa do Ministério da Educação e Universidades); 21.30 Livre e Directo - programa do Núcleo de Programas Desportivos - Romeu Correia; 23.30 Último jornal; 24.00 Sinal horário.

Programa 2

16.30: Concerto n.º 2, em mi bemol, op. 19, de Beethoven; 17.00: Os olhos férteis, 18.05 Música, 19.00: Para além da leitura, 19.45: Tocata, em ré menor BWV 93, de Bach, 20.10: Música portuguesa; 21.00: Mesa redonda, 22.30: Música, 00.00: Sinfonia n.º 90, em dó maior, de Haydn, 00.30: Intérpretes portugueses, 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283.290 e 397 m)

15.45 Teatro trágico, 17.03 Todos no TOP, 18.08 Hora de ponta; 18.10 Espaço 3P; 20.30 Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30 As cidades e as serras; 21.03 Telefone TOP; 21.30 Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03 Portugal na CEE; 22.15 Hora literária; 22.30 Tempo de desporto; 22.08 24.ª Hora, Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03 Rock em Stock, 18.03 Circulo em FM, 19.03 Em Órbita, 20.03 Rolls rock, 21.03 Abandajazz; 22.03 Café Concerto; 00.03 O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora

RADIO RENASCENÇA

16.00 "Aqui e agora"; 17.00 "Jornal da mulher"; 18.15 Igreja em Notícia; 18.25 Palavra do Dia; 18.30 Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; 19.00 "Programa da LAR"; 19.30 Revista de Imprensa; 20.00 "Dê no vinte"; 21.00 "O Som da noite"; 21.30 "Diálogo e vida"; 22.00 "Quando o telefone toca"; 22.30 "Revisão constitucional"; 23.10 "Programa cultural"; 23.30 Nota de Abertura; 23.55 Meditando; Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30. "Flashs" - noticiários de hora a hora

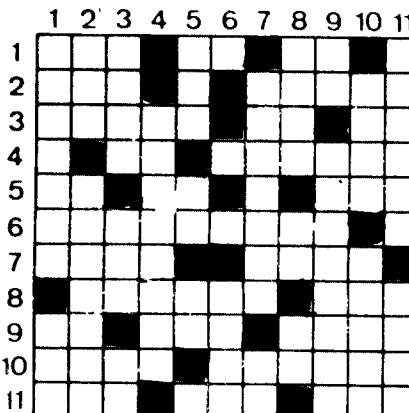
Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 289

HORIZONTAIS

- Recusa. Tempo do verbo haver. Gálio (s.q.).
- Arara. Paladar.
- Mulato. Antigo Testamento. O lado do vento. (inv.).
- Hospedaria oficial na China. Ar. ruínas.
- Nota musical. Senhor. Ave pernalta.
- Adoptar.
- Curo. Pronome demonstrativo.
- Antiga medida agrária. Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curada.
- Apelido. Acento. Prender com elos.
- Engano. Acima.
- Conjunção. Emprega. Preposição e artigo (pl.).



VERTICAIS

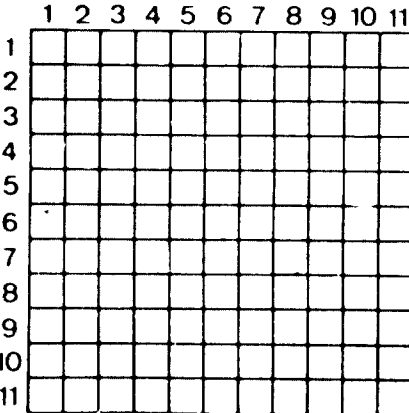
- Cidade de Itália. Preposição.
- Arara. Ocultara.
- A Pérsia (inv.). Época. Reis.
- Mágoa.
- Tempo do verbo haver. Nota musical. Solitário.
- Gostas muito de.
- Arcanjo que anunciou à Virgem haver ela de ser a mãe do Salvador. Batráquio.
- Pingo. Carta de jogar. Érbio (s.q.).
- Artigo definido. Região da Grécia setentrional, limitada pelo Olimpo, o Pindo, o monte Eta, o Ossa e o Pelion.
- Levem à toa. Termina.
- Gigante filisteu que tinha de altura seis côvados. Lavras

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 149

HORIZONTAIS

- Veio de metal em rocha. Afilar.
- Insecto que rói a madeira. Sapo do Amazonas.
- Agência de Imprensa hoje ANOP. Rei.
- Gálio (s.q.). Va. Levantar.
- Amuralha.
- Amadurece.
- Cento e um em romano. Viscera dupla. Irma.
- Composição poética. Macacos americanos.
- Lodo. Vagueiras.
- Antes de Cristo. Nota musical. Chefe etíope.
- Artigo definido. Patrao. Assunto.



VERTICAIS

- Cidade de Portugal. Caule das plantas poáceas.
- Em a. Ópera de Verdi.
- Prefixo que designa três. Antes do meio-dia. Ave pernalta.
- Preposição e artigo. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Fedor.
- Abalar.
- Actino (s.q.). O mesmo que arao (planta). Gavinha.
- Desgraça. Clima. Pedra de altar.
- Segundo. Grande afeição.
- Estilhaço. Prendera.
- Cidade da Grécia. Velhas.
- Saira frequentemente à rua. Carta de jogar. Solitário.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 288

HORIZONTAIS

- Cod. UMA Com
- Ocasinou
- Leve Ura
- Sai Aditara
- Aai Marruaz
- Ras Aa
- Ea Ala Aso
- Lamber
- Cebic. MIV
- Er. Miado. Ai
- Rubecila. Mor

VERTICAIS

- COISA E VER.
- Oc. Aarau Ru.
- Dalia
- Se Salome
- Uvam Labio
- Moeda Amial
- An. Ira. Boda
- OUTRA E
- Curau. Arm
- Araos. fac.
- ME. Az. OUVIR

PROVERBIO: UMA COISA E VER OUTRA E OUVIR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 148

HORIZONTAIS

- Sófia.
- As. São Foca
- Fão. Aíras.
- Implanta. As
- Raia. Eure
- Ogiva. Ms
- Am. Am
- Sam. Árabe
- Abanaríamos
- Inda. Eng. ia
- Sr. Sos

VERTICAIS

- Safra. Sais
- Sama. Labor
- Ópio. Mad
- Os. Laga. Nas
- Fama. Impa
- lo. Neva. Res
- Atua. Air
- Fiar. Braga
- Mor. Em. Uma
- Caa. Saboa
- Passa. Mesa

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
- Int. men. 13 a.
O TERRAÇO
c/ Ugo Tognazi

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CARNIVAL SANGRENTO
c/ Paul Kellman, Lori Hallier
e Neil Affleck
Um filme de George Mihalka
Colorido

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
e 23.30 - N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO
e Roger C. Carmel
Um filme de Jerry Lewis
Colorido

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Uma história só para maiores
Ainda que não pareça Glória Guida é
A MENOR

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PAI PRECISA-SE
c/ Treat Williams, Lisa Eichhorn
Um filme de Larry Pearce
Metrocolor

CASTIL 530194

Rua Castilho

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a.
Um ser de corpo e alma, entre o amor, as
paixões, o dinheiro, o poder, a im-
pressão...
A BANQUEIRA
c/ Romy Schneider
Às 15.30 e 18.30 - 13 anos - Últimas
VAMOS VOLTAR A VIVER

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A DAMA DAS CAMELIAS
c/ Glio Goldsmith e Fernando Rey
Um filme de Mammo Bolognini
Às 24 - Int. men. 13 a.
A ARMA DA JUSTIÇA

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
DEGRADAÇÃO DE UMA MULHER CASADA
Pornográfico - Hardcore
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
UMA MULHER FURACÃO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.

O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
DUELO NO ESCURO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A GRANDE FAMÍLIA
c/ Shin Chien e Kuan Shan
Um filme de Steve Chan

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
EU TE AMO
c/ Sônia Braga
A grande revelação do Festival de Can-
nes de 1981

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Estreia às 21.30 - Int. men. 18 a.
CALÍGULA
c/ Malcolm McDowell, Peter O'Toole
Um filme de Tinto Brass
Colorido
Às 14, 16.30 e 19 - Últimas
HÉRCULES CONTRA OS BÁRBAROS

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
Uma epopeia de campeões. Polémico.
Arrasante. Superior.
MOMENTOS DE GLÓRIA
Um filme de Hugh Hudson
Às 15.30 e 18.30 - Últimas
BOMPOVO PORTUGUÊS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Ela fez dele o amante, o herói, o homem
rico... e o assassino!
ATLANTIC CITY
c/ Burt Lancaster e Susan Sarandon
3.ª Seman

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a.
A BANQUEIRA
c/ Romy Schneider
Às 15.15 e 18.30 - Int. men. 13 a.
- Últimas
MALEVIL

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade
4.ª Seman

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Um homem contra uma nação. Uma
nação contra um homem
MCVICAR O PERSEGUIDO
c/ Roger Daltrey, Adam Faith
Um filme de Tom Glegg

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren
Filme de qualidade
5.ª Seman

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
7.ª Seman

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. m/18 anos
EU TE AMO
c/ Sônia Braga e Paulo Pereira
Um filme de Arnaldo Jabor

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 anos
A artes marciais em toda a sua violência
O DRAGÃO INVENÇÁVEL
Colorido

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A MÚSICA NÃO PODE PARAR
c/ Village People, Valerie Perrine
e Bruce Jenner
Colorido



ROMY SCHNEIDER numa cena do filme «A BANQUEIRA» em exibição nos cinemas CASTIL e IMPÉRIO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- M. 18 a.
AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT
Realização de R. W. Fassbinder
Filme de qualidade
SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 18 a.
O BOM POVO PORTUGUÊS
Realização de Rui Simões

SALA 3

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
MISTÉRIO D'OVERWALD
Realização de M. Antonioni
Filme de qualidade

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- Int. men. 18 a.
CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Realização de Daniel Duval

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 21.30 - Int. men. 18 a.
CALÍGULA
Extraordinário desempenho de Malcolm
McDowell
Às 14.45, 17 e 19.15
- Últimas
O EXTERMINADOR

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Venha ver
DISCO GRAZY
O espectáculo da juventude e fique ha-
bitado ao sorteio de motorizada SIS
SACHS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sutherland e Kate Nelligan
4.ª Seman

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
10.ª Seman

S. JORGE SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Inter. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLUÇÃO
10.ª Seman

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A FILHA DO MINEIRO
30.ª Seman

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
O BURACO DA AGULHA
Domingo às 11.15 - Para Todos
BUGS BUNNY E SEUS AMIGOS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
Um filme de Claude Lelouch
Filme de qual...

TERMINAL

Estação do Rossio

Às 10.30, 13, 15.30 e 18.30
- Int. men. 13 a.
Uma espada forjada no
mente do futuro. Força
EXCALIBUR
3.ª Seman

TIVOLI 50595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Colorido
NÃO AC. M/18 anos
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Um filme de Bob Ratelson
4.ª Seman

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
Um filme encantador
O PEQUENO LORD
Às 15.15 e 18.15 - Int. men. 13 a.
- Últimas
ARMADILHA INTERNACIONAL

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O filme de maior «suspense» de John
Carpenter
O NEVOEIRO
4.ª Seman

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Vai Trabalhar Malandro», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)
POLITEAMA - «Ninja, o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «A Massagista Sexual», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO - «Eles e o Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
2000 - «O Sacrifício da Vida», às 21.30 (13 anos)
EUROPA - «Aventura nas Caraíbas», às 21.30 (18 anos)
RETELO - «Os Cinco Alibis», às 21.30 (18 anos)
CITY CINE - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR - «As Aventuras de Takala Kan», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «O Grande Combate», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - «Que Se Passa Superdoutor?», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Caro Papá», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível - «Sou o maior», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - «Academia - «República dos cucos», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Cineestúdio - «Lili Marleen», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA - «Silcine - «O Rapto da Capitã», às 21.45 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - «Stadium - «Queres ou não queres?», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - «Chaplin - «O irresistível aventureiro», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS - «Oeilas-Cine - «Não me fales um casar», às 21.15 (13 anos)
PARADE - «Royal-Cine - «Falcões em duelo», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - «Casino - «Francesca: um amor impossível», às 17 e 21.15 (18 anos)
ESTORIL - «Palácio - «Encontro com o perigo», às 21.15 (18 anos)

CASCAIS - «Impala - The Jazz Singer», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Oxford - «Um Novo Amante», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «D. João V - Negócio escalante», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Cine Plaza - «Malucos em Espanha», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - «Lido - «A médica do coronel», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - «Cine Estúdio - «Rali infernal», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - «Estúdio Flores - «O grito de guerra dos apaches», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - «Cine Chaby - «Viajando ao centro do mundo», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - «Carlos Manuel - «O trio do amor», às 21.30 (18 anos)
SACAVÉM - «S. José - «Sexo louco», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA - «Salvador Marques - «Porno clube», às 21.30 (13 anos)
MOSCAVIDE - «Stop - «A grande festa do disconcord», às 21.30 (13 anos)
MAFRA - «Cine-Teatro - «O mecânico», às 21.30 (18 anos)

Porto

OLÍMPIA - «O Violento Mister Mean», às 21.30 (13 anos)
BEBE - «Crônica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.45 (18 anos)
S. JOÃO - «Gente Vulgar», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO - «Reconhecimento de Mãe», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO - «Amor de Mãe», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «A Absoluição», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIS - «Uma Criada das Boas», às 21.30 (18 anos)
COLISEU - «Os Salteadores do Templo», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA - «Os Antagonistas», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «O Meu Tio da América», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT - «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)
FOCO - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI - «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

LIBIA - Av. Igreja, 4-BC (Tel. 891681); **LAVINHA** - Rua Eng. Paulo Barros, 28-A (Tel. 708242); **AFRICANA** - Rua Bernardino Costa, 43-45 (Tel. 369120); **SACRAMENTO** - Rua Act. Palmira Bastos, Lt. 42 (Tel. 384904); **SÃO JORGE** - Lq. do Leão, 3-AB (Tel. 534027); **CONFIANÇA** - Av. Almirante Reis, 46-B (Tel. 821653); **PAIVA DA COSTA** - Rua da Lapa, 105-107 (Tel. 864414); **CUNHA** - Rua Escola Politécnica, 18 (Tel. 325455); **BOTÂNICA** - Rua da Junqueira, 38-40 (Tel. 638132); **SALTER** - Rua Xabregas, 63-65 (Tel. 381185); **BRANCO** - Av. Comb. Grande Guerra, 29 (Tel. 2112081); **TAVARES DE MATOS** - Rua 8 Lote 308 (Tel. 993220); **JOLENI** - Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B (Tel. 910812).

teatros

Lisboa

COLISEU - «Circo Wonderlan», às 21.30 (6 anos)
CASA DA COMÉDIA - «Seis Aparições de Lenine Sobre um Plano», às 21.45
MARIA VITORIA - «Não Há Nada para Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL - «Não Há Nada que Me Escape», às 21.30 (13 anos)
ABC - «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
D. MARIA II - «Rómulo o Grande», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO - «Não Se Paga. Não Se Paga», às 21.30 (13 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO - «O Fio pela TEP», às 21.30 (13 anos)

REFORÇO

MOURA - Av. da Memória, 55 (Tel. 630944); **GARANTIA** - Av. Padre M. Nobrega, 5 AB (Tel. 887300); **SÃO MIGUEL** - Pç. Francisco de Moraes, 1 (Tel. 771469); **LINHA** - Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 680955); **SALUTAR** - Rua B. 75 AB B.ª Liberdade (Tel. 683694); **MORÃO** - Lq. da Graça, 63 (Tel. 860700); **ALEGRIA** - Est. de Benfca, 180-AB (Tel. 780511); **DOURO** - Alm. Linhas Torres, 93-AB (Tel. 791131); **LEALDADE** - Rua do Olival, 226-228 (Tel. 663441); **MARLUZ** - Cç. da Picheleira, 140-BC - Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (Tel. 880703); **BRITES** - MOITA - Pç. da Alegria, 33-34; **DALVA** - Av. Duque de Ávila, 125 (Tel. 545225); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro, 6 A (Tel. 970660); **NOVA** - Rua Acores, 11 A (Tel. 910305); **LEITÃO RIBEIRO** - Rua A do Falcão, 3 A; **MATOS** - Tv. Pricas (Viv. Morgadinho) (Tel. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA - Carmelo - R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); Perma-
nente; **Dias** - Av. Marquês de Pombal, 45-A (Tel. 934589); **Até às 22 horas**; **DAMAIA** - Lemos - R. de Goa, 21-A (Tel. 971121); **Até às 22 horas**; **QUELUZ** - Serra & Pinto - Av. D. António C. Sá, 50-GE (Tel. 957619); **CAMARATE** - Batalha - H. Avelino S. Oliv., 5 (Tel. 2518669); **CACÉM** - Silva Duarte - **ALGUEIRÃO** - Rodrigues Rato - R. dos Morés 1 (Tel. 2912038); Perma-
nente; **MERCÉS** - Claro Russo - R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275); **Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas**; **RIO DE MOURO** - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194); **Das 9 às 23 horas**; **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim - (Tel. 980456); Perma-
nente; **COLARES** - Abreja - (Tel. 290089).

farmácias

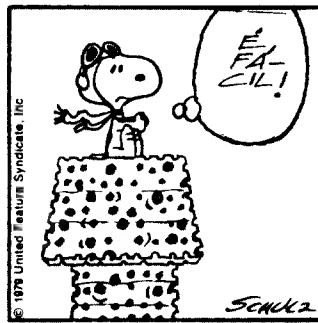
Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - L. Duarte, Lote A-r/c. (Tel. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHÉ** - Carvalho - B. João P. Corr., 40-B (Tel. 2690363). Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - R. D. Firmino Reb., (Tel. 2421015). Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central - R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar** - Av. M.ª Conc., Lote 8 (Tel. 2470777). Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - Luz - Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Trindade Brás - R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS** - Godinho - R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal - Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c. (Tel. 2478737). Até às 21 horas; **PARADE** - Grincho - Av. da República, 8

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENAASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones 20954/5



últimas

● **DEMITIU-SE** o presidente da TAP-Air Portugal, Fernando Martins, apresentando como justificações para a sua atitude «a degradação progressiva do espírito de articulação e colaboração que existia entre o Ministério dos Transportes e Comunicações e o Conselho de Gerência e o Conselho de Administração da TAP».

O ministro Viana Batista, principal visado com esta atitude de protesto do presidente da TAP e, aliás, foco de tensões com a transportadora aérea nacional já em ocasiões anteriores, terá mesmo recusado uma audiência pedida por Fernando Martins, «numa tentativa de ultrapassar as dificuldades e apesar das insistências feitas» - diz o demissionário na carta em que apresentou o seu pedido de exoneração já aceite pelo Governo.

SAIU HOJE, em suplemento do «Diário da República» de 3 de Novembro, um despacho normativo do Ministério da Cultura e Coordenação Científica aprovando o regulamento para atribuição de subsídios para o ano de 1982 a entidades culturais de âmbito local.

O regulamento prevê que as autarquias, por exemplo, e através dos respectivos departamentos concedem subsídios sem necessidade de estes serem avalizados em Lisboa e define o âmbito das actividades passíveis de subsidiação.

Para além destes limites ficam o teatro profissional, o cinema clássico, a ópera, e instituições ou projectos específicos de âmbito nacional ou cuja natureza não se enquadre no âmbito municipal.

É AMANHÃ, sexta-feira, à noite, e não hoje, como por lapso aqui ficou escrito ontem, a sessão sobre a Paz no Gil Vicente de Cascais.

LONDRES
FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM AVIAO ESPECIAL 2P
1 SEMANA - 8 dias
FÉRIAS A DOMINGOS (Inclusão de 10 dias)
Preços a partir de **14.900\$**
«a vantagem dos voos especiais»
Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da...»
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1940
LISBOA: Av. Eduardo VII, 179 - Telef. 177.341
A. R. 1.00 - Telef. 90.909
PORTO: Av. A. Santos, 207 - Telef. 11.7921
COIMBRA: Rua S. 14, 2 - Telef. 2.011.2
FARO: Av. Henriques, 124 - Telef. 2.021.6
FUNCHAL: Rua do Sol, 1 - Telef. 2.177.8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Congresso do PSD

Listas únicas para estratégias diferentes

Listas únicas para estratégias opostas, será o que deduzir, agora que foram divulgadas as Moções de Estratégia a apresentar ao IX Congresso do PSD, a realizar no Porto a 5 e 6 de Dezembro. A concordância e o consenso (ou o silêncio) que Pinto Balsemão conseguiu com os seus «adversários» é apenas um «contrato a prazo». Listas únicas para uma estratégia de futuro breve?

Das Moções globais da Estratégia, valerá a pena divulgar aquelas que assumem uma posição mais clara: a da Comissão Política Nacional (subscrita por Pinto Balsemão), e de Santana Lopes (aprovada pela Assembleia Distrital de Lisboa), a da Assembleia distrital do Oeste (subscrita por Afonso Moura Guedes) e a da Assembleia Distrital do Porto (subscrita por António Vilar). Para além destas, e de outras moções globais de estratégia - como as de Faro, de Setúbal e de Sousa Tavares - há várias moções de estratégia sectoriais, como a da Cultura (Natalia Correia), Emigração (Manuela Aguiar), Política Externa (António Maria Pereira), ou Trabalho e Sindicalismo (Rui Amaral).

Descobrir as diferenças

O posicionamento político do PSD e o futuro da AD revelam, na verdade, as profundas clivagens entre as várias sensibilidades do PSD. A Comissão Política Nacional apresenta-se como um projecto mais à esquerda para o PSD (Nascimento Rodrigues foi o redactor). Nas outras moções de estratégia, há um maior desvio à direita para o PSD (especial destaque para a de Santana Lopes e Afonso Moura Guedes).

Diz, por exemplo, a Comissão Política Nacional do PSD: «A ausência persistente de consensos é um factor potencial de instabilidade e de insegurança política. No contexto do agravamento mundial e interno da crise económico-social, a ausência persistente de consenso dificulta uma resposta colectiva mais empenhada ao desafio de ultrapassagem da crise» e por isso, a PNC, tem uma percepção mais nítida e palpável da necessidade patriótica de esforços mútuos tendentes a estabelecer pontos alargados de consenso em questões de regime e de sobrevivência nacional».

Todas as outras moções (a excepção de Sousa Tavares que fala em «pacto de regime» com o PS) fazem referências, pelo contrário, à exigência de não fazer novos acordos - fora do âmbito da AD - até 1984. Diz isso Sousa Tavares, acen-tua Santana Lopes. A moção de Moura Guedes vai ainda mais longe. Diz: «O PSD saberá, por todas as razões expostas, e pela sua fidelidade ao interesse nacional, honrar inteiramente o compromisso AD, com a perfeita consciência de que não existe para a AD qualquer alternativa de Governo» e adianta que «tudo isto tem um prazo determinado, que explicitamente se define como indo até 1984, o que evidentemente não exclui todas as eventuais prorrogações de validade que as circunstâncias possam vir a aconselhar». Moura Guedes é o único a sugerir, para já, uma possível manutenção da AD para além de 1984. A moção da distrital do Porto ladeia um pouco esta questão.

PSD: que papel na Aliança

As principais moções referem-se, naturalmente, ao papel desempenhado (e a desempe-

nhar) pelo PSD no seio da Aliança Democrática. Liderança dos sociais-democratas - aqui a opinião é consensual. Diz, por exemplo, a Comissão Política Nacional: «O PSD é um factor decisivo no seio da AD. A quebra da influência preponderante que naturalmente lhe é exigível no âmbito da coligação significaria o desvio do próprio projecto da AD, tal como este foi votado. O mandato popular recebido seria, então, defraudado». Nesta matéria, como já dissemos, existe uma opinião unânime. Com objectivos diferentes. Para uns a deslocação da AD para um espaço social-democrata de centro-esquerda. Para outros, talvez a liderança do PSD de um grande bloco de centro-direita.

A Comissão Política Nacional do PSD vai, em relação à AD, um pouco mais longe. «O projecto AD não pode ser nunca concebido nem impulsionado para uma via de unificação partidária, ou catapultado para alguma outra forma de institucionalização partidária de raiz programática e ideológica conjunta, com a subsequente expressão orgânica». E conclui: «O compromisso do PSD será firmemente cumprido até ao termo do período de validade sob que foi subscrito e votado, momento em que os portugueses o julgarão, na soberania legítima das suas opções».

Presidente autarquias

A eleição do próximo Presidente da República e as eleições para as autarquias locais são também objecto de interesse nas diferentes moções de estratégia. Diga-se, porém, que a figura de Francisco Sá Carneiro, «passa» e dá «marca» a algumas moções. Santana Lopes, por exemplo, assume o papel de «testamenteiro» de Sá Carneiro. É uma moção «pesada» à base de «considerandos».

Faça ao próximo Presidente da República, Santana Lopes escreve: «Caberá ao PSD a palavra decisiva na escolha do PR a eleger em 1985, e expressar que exigirá, no caso não provável, de esse candidato não ser militante do PSD, a celebração de um contrato político, com o nosso Partido». A Comissão Política, numa leitura em cima da hora, não nos parece ter-se debruçado sobre esta matéria assim como a maior parte das outras moções. Quanto às eleições para as autarquias locais, parece haver uma certa «fuga». Até a moção de estratégia de Moura Guedes remete a questão para as autarquias. Diz: «O Congresso do PSD reconhece às Comissões Políticas Distritais e Concelhias a competência plena para definirem a política concreta de alianças para as eleições autárquicas». No fundo certa estratégia de acordo com o que tem vindo a ser defendido por António Capucho e integrado no protocolo de acordo a discutir na AD e que está praticamente transcrito na Moção de Estratégia da Comissão Política.

Listas prontas esta tarde

A Comissão Política do PSD reúne-se hoje ao fim da tarde para ultimar a lista de consenso para o Conselho Nacional do Partido.

Dificuldades de última hora relacionadas com o terceiro lugar impediram até ao momento a formação da referida lista, cujos dois primeiros lugares são preenchidos por Tomás Oliveira Dias e Mota Amaral, tal como ontem anunciámos.

Trabalhadores da Reforma Agrária na Assembleia

Começou a decorrer ao princípio da tarde, em frente da Assembleia da República uma concentração de trabalhadores e técnicos da Reforma Agrária que entregarão aos grupos parlamentares da AR um documento no qual se expõe a situação ac-

tualmente vivida no sector

Os manifestantes, que integram delegações de mulheres, jovens em representação de mais de 20 mil desempregados e autarcas, exigem a defesa da Reforma Agrária na Constituição, o fim do desemprego e da

«corrupção nos serviços do MAP» o cumprimento dos des-pachos do Supremo Tribunal Administrativo a devolução às «UCP's/Cooperativas as terras, gados e máquinas que lhes foram ilegalmente usurpados» e o termo da «sabotagem que os agrários praticam

MARÉS DE HOJE	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.47 4,0 m	8.20 1,2 m
15.05 3,9 m	20.34 1,2 m
Dia 27	
3.21 4,0 m	8.53 1,2 m
15.40 3,9 m	21.05 1,2 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	9°
BRAGANÇA	1°
VILA REAL	8°
PORTO	10°
P. DOURADAS	11°
COIMBRA	14°
C. CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	13°
EVORA	11°
BEJA	11°
SAGRES	19°
FARO	18°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	19°

Mixordeiros atacam em força nas nossas principais cidades

Impróprio para consumo é uma expressão corrente, hoje em dia, em Portugal. É uma expressão que vai entrando na nossa linguagem comum e, em particular, dos habitantes das principais cidades continentais, segundo parecer da Direcção-Geral de Fiscalização Económica.

O seu relatório de Setembro último, sobre as principais cidades e produtos impróprios (para consumo) que aí são detectados é impressionante.

Nesse mês, com efeito, foram apreendidos perto de 80 mil litros de azeite e óleos e mais de 125 mil de vinho e derivados impróprios para consumo (ou suspeitos de falsificação) nas cidades de Aveiro, Coimbra, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal e Viseu.

Os óleos alimentares apres-

dos representavam um valor comercial superior a 7,7 milhões de escudos, enquanto os vinhos e produtos vinícolas valiam mais de 3,6 milhões.

A Direcção-Geral de Fiscalização, instaurou no mesmo mês 1.748 processos, parte dos quais por atentados contra a saúde pública e especulação. O relatório informa que 675 dos processos se ficaram a dever à falta de afixação dos preços, 203 a infracções contra a saúde, 231 a infracções antieconómicas e 200 a especulação. A matança clandestina levou apenas a nove processos. Foram presos em flagrante delito de crime antieconómico, ou contra a saúde pública, 46 indivíduos.

As visitas das fiscalizações (18.840) incidiram sobretudo no sector retalhista (11.379).

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

- 1.º Prémio - 51 691 - 24 000 contos
2.º Prémio - 56 437 - 4 800 contos
2.º Prémio - 57 122 - 1 800 contos

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, nos balcões de CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

51.691 - 121.900\$00
51.692 - 121.900\$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

51.691 - 121.900\$00
51.692 - 121.900\$00
51.693 - 121.900\$00
51.694 - 121.900\$00
51.695 - 121.900\$00
51.696 - 121.900\$00
51.697 - 121.900\$00
51.698 - 121.900\$00
51.699 - 121.900\$00
51.700 - 121.900\$00
51.701 - 121.900\$00
51.702 - 121.900\$00
51.703 - 121.900\$00
51.704 - 121.900\$00
51.705 - 121.900\$00
51.706 - 121.900\$00
51.707 - 121.900\$00
51.708 - 121.900\$00
51.709 - 121.900\$00
51.710 - 121.900\$00
51.711 - 121.900\$00
51.712 - 121.900\$00
51.713 - 121.900\$00
51.714 - 121.900\$00
51.715 - 121.900\$00
51.716 - 121.900\$00
51.717 - 121.900\$00
51.718 - 121.900\$00
51.719 - 121.900\$00
51.720 - 121.900\$00
51.721 - 121.900\$00
51.722 - 121.900\$00
51.723 - 121.900\$00
51.724 - 121.900\$00
51.725 - 121.900\$00
51.726 - 121.900\$00
51.727 - 121.900\$00
51.728 - 121.900\$00
51.729 - 121.900\$00
51.730 - 121.900\$00
51.731 - 121.900\$00
51.732 - 121.900\$00
51.733 - 121.900\$00
51.734 - 121.900\$00
51.735 - 121.900\$00
51.736 - 121.900\$00
51.737 - 121.900\$00
51.738 - 121.900\$00
51.739 - 121.900\$00
51.740 - 121.900\$00
51.741 - 121.900\$00
51.742 - 121.900\$00
51.743 - 121.900\$00
51.744 - 121.900\$00
51.745 - 121.900\$00
51.746 - 121.900\$00
51.747 - 121.900\$00
51.748 - 121.900\$00
51.749 - 121.900\$00
51.750 - 121.900\$00
51.751 - 121.900\$00
51.752 - 121.900\$00
51.753 - 121.900\$00
51.754 - 121.900\$00
51.755 - 121.900\$00
51.756 - 121.900\$00
51.757 - 121.900\$00
51.758 - 121.900\$00
51.759 - 121.900\$00
51.760 - 121.900\$00
51.761 - 121.900\$00
51.762 - 121.900\$00
51.763 - 121.900\$00
51.764 - 121.900\$00
51.765 - 121.900\$00
51.766 - 121.900\$00
51.767 - 121.900\$00
51.768 - 121.900\$00
51.769 - 121.900\$00
51.770 - 121.900\$00
51.771 - 121.900\$00
51.772 - 121.900\$00
51.773 - 121.900\$00
51.774 - 121.900\$00
51.775 - 121.900\$00
51.776 - 121.900\$00
51.777 - 121.900\$00
51.778 - 121.900\$00
51.779 - 121.900\$00
51.780 - 121.900\$00
51.781 - 121.900\$00
51.782 - 121.900\$00
51.783 - 121.900\$00
51.784 - 121.900\$00
51.785 - 121.900\$00
51.786 - 121.900\$00
51.787 - 121.900\$00
51.788 - 121.900\$00
51.789 - 121.900\$00
51.790 - 121.900\$00
51.791 - 121.900\$00
51.792 - 121.900\$00
51.793 - 121.900\$00
51.794 - 121.900\$00
51.795 - 121.900\$00
51.796 - 121.900\$00
51.797 - 121.900\$00
51.798 - 121.900\$00
51.799 - 121.900\$00
51.800 - 121.900\$00
51.801 - 121.900\$00
51.802 - 121.900\$00
51.803 - 121.900\$00
51.804 - 121.900\$00
51.805 - 121.900\$00
51.806 - 121.900\$00
51.807 - 121.900\$00
51.808 - 121.900\$00
51.809 - 121.900\$00
51.810 - 121.900\$00
51.811 - 121.900\$00
51.812 - 121.900\$00
51.813 - 121.900\$00
51.814 - 121.900\$00
51.815 - 121.900\$00
51.816 - 121.900\$00
51.817 - 121.900\$00
51.818 - 121.900\$00
51.819 - 121.900\$00
51.820 - 121.900\$00
51.821 - 121.900\$00
51.822 - 121.900\$00
51.823 - 121.900\$00
51.824 - 121.900\$00
51.825 - 121.900\$00
51.826 - 121.900\$00
51.827 - 121.900\$00
51.828 - 121.900\$00
51.829 - 121.900\$00
51.830 - 121.900\$00
51.831 - 121.900\$00
51.832 - 121.900\$00
51.833 - 121.900\$00
51.834 - 121.900\$00
51.835 - 121.900\$00
51.836 - 121.900\$00
51.837 - 121.900\$00
51.838 - 121.900\$00
51.839 - 121.900\$00
51.840 - 121.900\$00
51.841 - 121.900\$00
51.842 - 121.900\$00
51.843 - 121.900\$00
51.844 - 121.900\$00
51.845 - 121.900\$00
51.846 - 121.900\$00
51.847 - 121.900\$00
51.848 - 121.900\$00
51.849 - 121.900\$00
51.850 - 121.900\$00
51.851 - 121.900\$00
51.852 - 121.900\$00
51.853 - 121.900\$00
51.854 - 121.900\$00
51.855 - 121.900\$00
51.856 - 121.900\$00
51.857 - 121.900\$00
51.858 - 121.900\$00
51.859 - 121.900\$00
51.860 - 121.900\$00
51.861 - 121.900\$00
51.862 - 121.900\$00
51.863 - 121.900\$00
51.864 - 121.900\$00
51.865 - 121.900\$00
51.866 - 121.900\$00
51.867 - 121.900\$00
51.868 - 121.900\$00
51.869 - 121.900\$00
51.870 - 121.900\$00
51.871 - 121.900\$00
51.872 - 121.900\$00
51.873 - 121.900\$00
51.874 - 121.900\$00
51.875 - 121.900\$00
51.876 - 121.900\$00
51.877 - 121.900\$00
51.878 - 121.900\$00
51.879 - 121.900\$00
51.880 - 121.900\$00
51.881 - 121.900\$00
51.882 - 121.900\$00
51.883 - 121.900\$00
51.884 - 121.900\$00
51.885 - 121.900\$00
51.886 - 121.900\$00
51.887 - 121.900\$00
51.888 - 121.900\$00
51.889 - 121.900\$00
51.890 - 121.900\$00
51.891 - 121.900\$00
51.892 - 121.900\$00
51.893 - 121.900\$00
51.894 - 121.900\$00
51.895 - 121.900\$00
51.896 - 121.900\$00
51.897 - 121.900\$00
51.898 - 121.900\$00
51.899 - 121.900\$00
51.900 - 121.900\$00
51.901 - 121.900\$00
51.902 - 121.900\$00
51.903 - 121.900\$00
51.904 - 121.900\$00
51.905 - 121.900\$00
51.906 - 121.900\$00
51.907 - 121.900\$00
51.908 - 121.900\$00
51.909 - 121.900\$00
51.910 - 121.900\$00
51.911 - 121.900\$00
51.912 - 121.900\$00
51.913 - 121.900\$00
51.914 - 121.900\$00
51.915 - 121.900\$00
51.916 - 121.900\$00
51.917 - 121.900\$00
51.918 - 121.900\$00
51.919 - 121.900\$00
51.920 - 121.900\$00
51.921 - 121.900\$00
51.922 - 121.900\$00
51.923 - 121.900\$00
51.924 - 121.900\$00
51.925 - 121.900\$00
51.926 - 121.900\$00
51.927 - 121.900\$00
51.928 - 121.900\$00
51.929 - 121.900\$00
51.930 - 121.900\$00
51.931 - 121.900\$00
51.932 - 121.900\$00
51.933 - 121.900\$00
51.934 - 121.900\$00
51.935 - 121.900\$00
51.936 - 121.900\$00
51.937 - 121.900\$00
51.938 - 121.900\$00
51.939 - 121.900\$00
51.940 - 121.900\$00
51.941 - 121.900\$00
51.942 - 121.900\$00
51.943 - 121.900\$00
51.944 - 121.900\$00
51.945 - 121.900\$00
51.946 - 121.900\$00
51.947 - 121.900\$00
51.948 - 121.900\$00
51.949 - 121.900\$00
51.950 - 121.900\$00
51.951 - 121.900\$00
51.952 - 121.900\$00
51.953 - 121.900\$00
51.954 - 121.900\$00
51.955 - 121.900\$00
51.956 - 121.900\$00
51.957 - 121.900\$00
51.958 - 121.900\$00
51.959 - 121.900\$00
51.960 - 121.900\$00
51.961 - 121.900\$00
51.962 - 121.900\$00
51.963 - 121.900\$00
51.964 - 121.900\$00
51.965 - 121.900\$00
51.966 - 121.900\$00
51.967 - 121.900\$00
51.968 - 121.900\$00
51.969 - 121.900\$00
51.970 - 121.900\$00
51.971 - 121.900\$00
51.972 - 121.900\$00
51.973 - 121.900\$00
51.974 - 121.900\$00
51.975 - 121.900\$00
51.976 - 121.900\$00
51.977 - 121.900\$00
51.978 - 121.900\$00
51.979 - 121.900\$00
51.980 - 121.900\$00
51.981 - 121.900\$00
51.982 - 121.900\$00
51.983 - 121.900\$00
51.984 - 121.900\$00
51.985 - 121.900\$00
51.986 - 121.900\$00
51.987 - 121.900\$00
51.988 - 121.900\$00
51.989 - 121.900\$00
51.990 - 121.900\$00
51.991 - 121.90



MARINA TSVETAeva:

o drama do regresso



As bagas vermelhas da
Tamargueira chamejavam.
Caíam as folhas
Eu nascia.

Centenas de sinos
Tocando à porfia.
Um sábado:
Dia de S. João, o Teólogo...

Marina Tsvetaeva veio ao mundo a 8 de Outubro de 1892, em Moscovo, filha de pais artistas: «Muito dotada para a música a minha mãe (...). Morreu cedo. A vocação poética vem-me dela. (...) Influências combinadas de pai e mãe — o espartanismo. Dois centros de interesse num só lar: a música e o museu. O ambiente da nossa casa não era nem o da classe média nem o da *intelligentsia*, mas o do quixotismo: a vida no plano do sublime.» O pai, professor de história de arte na Universidade de Moscovo, foi também fundador do primeiro museu de belas-
-artes na Rússia. Aos seis anos já Marina escrevia versos. Em 1910 o seu livro *Album do Entardecer*, se bem que em edição de autor, chama imediatamente a atenção da crítica, que a proclama um dos mais notáveis poetas da época.

Livre, resolvida, auto-suficiente, idealista, Marina Tsvetaeva, como observa uma sua contemporânea, «tem necessidade de experimentar cada emoção até o fim, procurando o êxtase não só no amor como no abandono, na solidão, no desastre». Que os primeiros passos para o desastre vai dá-los a escritora no casamento, aos dezoito anos. Marina é então uma moça oposta ao padrão das moças do seu tempo: cabelos cortados muito curtos, cigarro na boca, viaja por sua conta e risco: parte aos dezassete anos sozinha para Paris com o intuito de estudar poesia francesa e frequentar a Sorbonne. Essa vida independente proporciona-lhe aventuras amorosas. «Na Primavera de 1911, na casa de Max Voloshin, na Crimeia, conheço o meu futuro marido, Sergei Efron (...). Decido que, haja o que houver, jamais me separarei dele. E caso-me com ele.» O elegante e volúvel Efron, mais novo que ela um ano, é cadete da Academia Militar. Marina ama romanticamente as figuras heróicas, as personalidades fortes, mitos guerreiros como o de S. Jorge. Aquando da Guerra Civil que se seguiu à Revolução de Outubro de 1917, separada de Efron, então a combater ao lado dos brancos, Tsvetaeva anota no seu diário: «Se Deus permitir que fiques entre os vivos, hei-de servir-te como um cão.» É por essa altura que escreve o poema da mulher que lê a sina:

E uma mão espalhou um leque de cartas,
Mão negra — adornada de prata.

«Tens falas ousadas,
Tens feitos simples,
Vives generosamente,
Não és avara da tua beleza.
Serás afogada — ahl — numa colher de água
Por um homem ruim.»

Já então escritores famosos se vêm sucessivamente apaixonando por ela, mas Efron representa aquele inicial, aquele

Continua na pág. 4

Sobre «Pastoral» de Carlos de Oliveira (1)

LIA-SE há dias num jornal que o espólio literário de Carlos de Oliveira era pouco, quase nada. Parece que o Autor destruiu os manuscritos que tinha, antes de morrer. A confirmar-se, não sairá um terceiro volume de «Trabalho Poético» que vem anunciado nas últimas reedições de alguns dos seus livros. O mesmo jornal admitia a existência (entre os papéis que não terão desaparecido) de quatro, cinco ou seis poemas. Provável ou improvável, é uma questão que não interessa muito, agora. Para o público leitor, a última produção do poeta, em termos de livro publicado, é uma sequência titulada «Pastoral» que fecha o segundo dos dois volumes que reúnem a sua obra poética toda, cuidadosamente saídos da tipografia para as livrarias sem qualquer menção de data, como se correspondessem a algum propósito de intemporalidade por parte do A., que considerava definitivas as versões apuradas e que ali figuram. É de «Pastoral» que aqui nos ocupamos.

Trata-se duma sequência de dez poemas, relativamente breves, de duas, três e quatro estrofes, cada uma com um também reduzido número de versos. Eis, pois, e desde já, algumas diferenças em relação ao que se passava nos livros

precedentes, «Entre Duas Memórias» e «Micropaisagem», onde há no âmbito de cada uma das sequências que neles se integram e os constituem, uma igualdade pelo menos formal ou aparente — de acordo certamente com um plano previamente estabelecido, ou mesmo uma concepção compositiva e textual que a execução escritural respeita rigorosamente. Como interpretar esta diferença que «Pastoral» instaura, vê-lo-emos através da percepção das imagens global e pontual que o conjunto e cada um dos poemas nos proporciona ou sugere.

Outra diferença, vamos encontrá-la no facto de cada poema ter título, ao contrário do que sucedia nos dois livros precedentes, onde apenas cada conjunto (melhor, cada sequência) de poemas era titulada. O significado mais latente deste pormenor aponta talvez para a autonomia de cada poema, ou, de preferência, para uma mais ou menos sensível descontinuidade de poema para poema. Assinale-se

que, em alguns casos, o título é elemento fundamental para a percepção do poema, funcionando como imagem síntese do poema. Noutros casos, é pelo menos indicativo da tónica ou designação tónica indicativa de quanto no poema se trata. Nestes tocantes, «Pastoral» retoma o processo utilizado em «Sobre o Lado Esquerdo».

A imagem global que se tem da sequência é a de que se trata duma série ou dum conjunto de registos. Não é certamente por acaso que o primeiro poema se intitula precisamente «Registo» e a enunciação aí, e desde logo no primeiro movimento verbal, se faz no infinito pessoal (ou neutro, se assim se pode dizer). Trata-se de «Saber que seja/este hábito: se terra/ou ar movido/já por metais mutáveis/na linha das colinas», conforme se lê na primeira estrofe. Na segunda estrofe, o «saber que» dá lugar a «saber como», com o «saber» elidido, aliás: «Como se propaga/esta sombra e fica/gradualmente gráfica/num som/de minas e éter;

ou/ter desenhado o horizonte/com o seu traço/mais volátil: vemos só/a tinta evaporar-se». A elisão de «saber», agora, insere-se num processo elíptico mais vasto implicando mais funda e consequentemente o apagamento da subjectividade, a pluralidade indefinida (ou infinita) da óptica, da perspectiva, do ponto de vista da percepção. É assim que do «ter desenhado» (o horizonte) se passa para o «vemos só/a tinta evaporar-se» (imagina-se que no horizonte — e no horizonte desenhado). A propensão é para impor o objecto, mediante, primeiro, um enfoque longo sobre o âmbito a que a actividade perceptiva se dedica, e, depois, uma focagem mais centrada sobre determinados, privilegiados sinais. Neste processo empenha-se um esforço cujo sentido se pode ler desde logo no conjunto do primeiro passo: «Saber que seja». A cena abre sem o sujeito presente (ou com ele ausente), e pode bem pressentir-se que ele não mais aparecerá. O que se vê é paisagem e povoamento, natureza, e os elementos laborando processos mais ou menos sensíveis, e perceptíveis, movimentos, deslocamentos, iluminações e ensombramentos, ocultamentos e revelações, avanços e recuos, transformações não se sabe definitivamente em que, principalmente em formas sempre porém infixas, nunca nítidas em excesso. Veríamos no entanto que alguns sentidos parece produzir-se, e a radicação, neles, de toda a activi-

Continua na pág. 2

ENTREVISTA COM MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA

Crise do Livro? Crise da Cultura

MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA, com quem mantivemos a pequena conversa adiante transcrita, é o responsável pelas prestigiadas Edições Cosmos. Foi colaborador do prof. Bento Caraça, ao qual se deve aquilo que representa na cultura portuguesa a «Biblioteca Cosmos», cujo 1.º número saiu em Junho de 1941 («O Homem e o Livro») com uma tiragem de 7500 exemplares. Esgotou-se nesse mesmo mês e a 2.ª edição apareceu em Outubro de 1941.

Até ao falecimento do prof. Caraça (quando o nosso entrevistado acabou com a colecção) publicaram-se 145 números (114 títulos), com uma tiragem global de um milhão de exemplares. O preço até ao número 10 foi de 2\$50 (um livro por essa altura ia de 10\$00 a 20\$00).

Manuel Rodrigues de Oliveira é uma personalidade excepcionalmente qualificada para abordar as questões relacionadas com o problema do livro no nosso país, na medida em que sempre entendeu essas questões como parte integrante de uma problemática mais vasta: a que tem a ver com a cultura viva e, portanto, com as reais condições de vida do povo português.

«DL» — Portugal é um país de leitores?

M.R.O. — Esta sua pergunta

abre a porta ao mundo sem fim da cultura. O livro ali está pre-

Continua na pág. 4



Sobre «Pastoral» de Carlos de Oliveira (1)

Continuação da pág. 1

dade perceptiva, vai-se tornando alguma coisa irreversível. Um exemplo, o tomalidade ou inflexão crepuscular do fundo sobre o qual a atenção se desloca de atractivo para atractivo, de referência para referência, de sinal para sinal: não é uma linha nítida de demarcação entre o dia e a noite, entre a luz e as sombras, sequer entre o claro e o escuro; há é uma zona vasta e esbatida de âmbitos dentro desse âmbito que se alargam e revelam ou fecham e ocultam consoante a intensidade seja da própria atenção ou das condições existentes para que essa atenção se exerça.

Outro exemplo será latente propensão para a percepção volar ou flutuar entre a volatilização e a precipitação, em queda, para o afundamento – enterramento, submersão, absorção ou afastamento para além das possibilidades perceptivas. Como se pode ler na terceira estrofe: «Não há outro/registro, mas alíneas/deste» – diz-se aí: «Assim flutua/cálculo e acaso; a cal/ainda tensa das casas/sobre/o crepusculo esponjoso».

O segundo poema titula-se «Chave» e pode ser isso que titularmente sugere, embora a «chave» que aqui se nos propõe sirva mais para abrir o enigma e entrar e ficar nele, como que fechado, por dentro – e menos para o deixar, aberto, revelar-se. Devemos pois resistir à tentação de privilegiar de atenção este poema só pelo seu título.

Transcrevam-se as três primeiras estrofes: «Se uma película de vidro/ade-re à pele da pedra; se al-gum/vento vier./Afere-lhe o esplendor; martela, fere: um som de ferro/no exterior; por dentro/outra tex-tura mais espessa. Poisa-/como um verniz depois o ar/suave a sua/laca no es-malte fracturado./E le-va-se então./Minucio-samente. Ergueu-se/o halo/das colinas; alenta be-leza/levitada em cada grão/de pedra. Irradiando as lanças/que o brilho do

vento/restituiu à luz, no aro/mais espesso do ar».

Anotemos, sobre este extracto, dois ou três pontos ou aspectos certamente importantes.

Antes de mais, o condicional «se», duas vezes ocorrente no início da enunciação (primeira estrofe) e de que todo o restante enunciado (ou pelo menos o conjunto das duas estrofes seguintes) depende. As formas verbais de «aferrir» e «levantar» não têm sujeito, ou, pelo menos o sujeito não se declara aqui. Podemos dizer que se trata do poeta. Martelar, ferir – trata-se tanto pode ser do vento como do poeta. «Poisa» – é o ar, como expressamente se diz. «Le-vanta-se» – é ainda o ar, ou o vento, «algum vento». Faltando aqui e ali o sintagma nominal que inicialmente se apresenta, propõe-se como seu substituto um fenómeno sucedâneo qualquer decorrente, emergente da acção (formada pela acção) que aqui se enuncia. A figura do poeta impessoaliza-se nos últimos quatro versos, em três ocorrências verbais no infinito, uma delas conjugada reflexamente na primeira pessoa do plural: «Rodar a chave do poema/e fecharmo-nos no seu fulgor/por sobre o vale glaci- ar. Reler/o frio recordado».

Implanta-se, com «fe- charmo-nos», uma nova ordem de relações, propõe-se um relacionamento encadeado entre o poeta e o seu poema, entre o leitor e o poema, entre o poeta e o leitor, entre o leitor e o poeta – que acabará por ser (leitor e poeta) como que uma só pessoa, plural. Relação circular? Seja. No entanto, há no «fecharmo-nos» como que uma solidarização formal, que pode considerar-se também uma atitude de solidariedade intrínseca. É o processo do poema que assegura esta relação e é a atenção (a necessidade de atenção) à realidade e ao real que a suscitam e sustentam.

(CONTINUA)

Luis de Miranda Rocha

Diário de Açoteias

gostas de nós?»

Perguntas a que não podia; não sabia dar resposta.

Que dizer de tão grande pudor se à vista crueldade? Pediam-me ajuda (ou era eu que pedia?) de um modo deplo-rável.

Como fazer entender que o que sempre desejei foi alguém que estivesse próximo e simultaneamente autónomo em relação a mim?

V

Gosto do colectivo.

Daniel, diz.

VI

Se soubesses como desejaria contar-te tudo com princípio, meio e fim como as tuas histórias, belo, querido amigo que em breve partirás para uma Alemanha que não visitarei porque nem sou o escritor que és e escreve como os escritores, nem a tua Editora como a minha (e terei Editora, acaso?). A tua que te adiantou quatrocentos contos por um livro que ainda vais escrever sílaba por sílaba, vírgula por vírgula, linha por linha, com essa tua paixão beneditíssima: cerrada. Tu nem sequer suspeitas de uma escrita oblíqua a essa, de incondicional submissão à casuística que o é também o texto e não passa, afinal, de miço asséptico, amarelo. Se soubesses!

Olha, ainda hoje, de manhã, peguei no teu carro. Estranho como não derrapei; não fiz marcha atrás contra o pinheiro natalício; os seus milhares de pénis festivos e erectos que os faróis iluminaram à nossa chegada a Açoteias com brilho falso: histórico. Estranho como desengatei. Meti a primeira. Arranquei.

São estas, matinais sem sol ainda, as margens do mistério. Negras línguas: mares vazios. Sempre assim quis partir em rolamentos, esferas – Lá vai a Nau Catrineta que tem muito que contar –; sempre quis, não a aventura: a ventura. E não consegui por desmedido esforço, compulsivo querer... estilhaço de luz por sobre vaga.

Estranho como estou nesta cor plana. Saliva. Relaxado, rítmico sugar de mucosas delicadas: doces lábios. No húmido, macio, clitoris das ondas: flores lilases. Como confundi o atriço de meus pés na areia com tua pele e o recuado gozo de teu nome com coalhar de leite em seio todo água.

Chamo-te: RAAAALLLPH!

Acenas-me de longe. E, ao passar: Sacana! Podias ter deixado um bilhete. Fui ao bar. À piscina. Só o acaso me fez vir a Olhos de Água. «Com quem falavas?»

Daniel – consinto.

VII

Daniel!

Daniel, o astrónomo camoniano! O que altera o movimento das constelações e faz pulsar os mapas; Vias láteas! O enrolado em redes. Sublimado. Treinado. Doseado de certo e necessário. O que me olha profundo, interminável e mergulha em silêncio como cão com açame.

Daniel, a quem não ousa falar de hérulos, sachens, cantos provençais e, sobretudo de um dialecto em pleno florescer como o da louca que encontrámos – as línguas dos cães do Mar Negro são negras negríssimas –; em pleno florescer... sim... é isso... de uma alegria rebaixada e bárbara.

Daniel através do qual te chamo: RAAAALLLPH! E me

Quando nos metemos no carro, eu e o meu amigo; um momento!, um momento!, já conto: viajo com um amigo; ao atravessarmos a planície alentejana, senti, pela primeira vez, o horizonte. Não pelo céu imenso; infindável: por finíssimas partículas de luz em testa ampla e uma espécie de vapor mais azul no sério olhar.

Inutilmente procuro dois grãos de areia que poisem, como meninos da Luz, sobre o O do seu nome: correctos, calmos, perfilados.

Glöckler. Ralph Glöckler, é uma personalidade presbiteriana: apaixonada.

Nunca tive propensão para trocadilho mesquinho; auto-suficiência cabotina que troque, pretensiosamente, XI por IX. Por isso me encontro com este orgânico metafísico no mais completo à-vontade.

Escritor, concebeu toda a arquitectura de um romance em que pretende, servindo-se da pureza dos nossos pescadores, pôr em paralelo as culturas portuguesa e alemã. Entretanto, está indeciso entre Armação de Pera e Sagres.

Os motivos por que estamos juntos são simples. Egoístas; naturalmente. Parece que de um certo modo... numi-noso... o incentivo. Quanto a mim, desgosta-me, no quotidiano, tudo quanto é caótico, rudimentar, desordenado.

Minto. Digamos... de preferência... que fujo. Tenho ainda excessivamente a ver com as coisas; pessoas às quais me adianto à fuga.

Esta viagem poderá vir a ser... assim o espero... o futuro.

Porque nos ensinam, Galileu – Daniel, Ralph – os movimentos dos astros e causalizam nossos movimentos? Confesso: estou confusa. Não a ponto de traçar um plano, embora respeite e muito a consistência, a técnica, a criatividade da estrutura. É que não gosto de conceitos. (Puro/Impuro). Ou gosto... se hesitantes. Conjecturas. De qualquer modo, prefiro a relação. Afinal... a mesma força no cair da pedra e alquimia de estrelas e mares. O esforço de entender, destas, só perturbou o curso.

Valeu? O prometido, Ralph, então? Nem um jornal? Um livro? A divisão da AD!? Quando muito, uma cavidade. E bem do lado esquerdo. Não para que o sangue se torne mais espesso – Tens razão; quase sempre razão: sou analítica, cartesiana, não – mas para aninhar a glande roxa e um pássaro agudo, desfigurado e louco.

II

16 de Agosto. 81.

Tenho dez anos.

Na cozinha, Stanislaw Kania faz uma omeleta. Um cheiro a carros blindados. Balas de plástico. Madeiros. Pinhais por todo o lado em fogo. Não interessa. Não me interessa.

Tomo notas. Registro. Observo. Cronometro.

Um flash: desprendem-se e, um de cada lado da rua, lambem, os animais, o dolorido, menstruado sexo. – Reagan. Guarda-costas. Um tiro na cabeça. –

Barulho de fundo: em brasa, fumegantes ainda, vestígios de Sá Carneiro, com Cavaco, Roseta, e Balsemão, conversam. Meu velho explica a Kania... Sinto náuseas. Vômitos. Contracções na pelve. No púbis. Na cabeça.

Meia hora depois, silêncio. O mais completo. Levam-me para a cama. Saridon. Persianas corridas. A dor abranda. Adormeço.

16 de Agosto. 81.

Tenho dez anos.

De novo, cólicas fortes nos rins. Nos ovários. No sexo. Enrolo-me: fetal gatilho em que lutea, uterina, fêmea me projecto.

III

Falou-nos dos cães.

Cães lindíssimos, de língua negra – contou. Tinha-os visto. A rasgarem; despedaçarem as vestes daqueles homens vindos de outros planetas. São de outros planetas mas lindos, lindos, lindos! A Rússia é bonita. Lá existe o nazismo. Como na Hungria. Quem manda são os ditadores e é terrível terrível terrível! Todo o mundo obedece. Todo o mundo! Eu estive na Rússia. Muitos crimes! O meu marido veio da Rússia. Trazia planos da Hungria. As línguas dos cães do Mar Negro são negras negríssimas! Os homens cheiram a sangue, somos todos felizes, meu Deus!, acredito em Deus!, somos todos felizes! «O Senhor é português?» – Não! Pois claro que não! O Senhor é russo. O Senhor é lindo! lindo! Muito lindo!

Não receies, Glöckler. É inofensiva. Vê como sorri. Deve ter sessenta mas parece quarenta. Como sorri não obstante; apesar de tudo. Como nos volta as costas. Nada lhe interessa. Não lhe interessa. E, contudo, eis que de novo se anima; resplandece. Lado a lado do rosto, duas orelhas crescem, crescem, crescem. Uma estrela escorre-lhe da baba.

Ladra.

Ciumento, arfante, hipnotizado, o cão... Repara: «Já tinhas visto uma palavra em quatro patas abanar a cauda?»

IV

Pelo caminho tive uma reacção violenta e acabei por chorar. O que me não acontecia há muito; longo tempo. Desabitua-me.

A última vez que chorei foi quando me fizeram perguntas acusatórias: «Mas o que é que te fizemos?» «Porque não



respondes agora sem metáfora: Queiras ou não a minha ideologia coloca-se em termos reais. Para quem trabalhou catorze anos na hotelaria e agora na pesca não há ilusões. A partir de 77 voltou o lucro fácil. «Tu não achas?»

VIII

Meu Deus!, somos todos felizes, felizes! A Rússia é bonita. Da Rússia vieram seres de outros planetas. Da Rússia. Da Rússia. Mandaram raios para me fusilar, entrou-me um na barriga, a princípio assustei-me mas depois vi os cães: somos todos felizes!

Delírio.

Agarra-a, Ralph! Agarra essa pureza que erra por caminhos colaterais. Galileu, até ao fim, catolicíssimo.

A princípio éramos puros; depois, traumatizaram-nos no conceito de honestos.

Daniel, diz.



ARAGON CONDECORADO AOS 84 ANOS

Louis Aragon, poeta e escritor mundialmente famoso desde a juventude (participou na «revolução surrealista»), foi agora, aos 84 anos, condecorado por Mitterrand com a «Legião de Honra». Ainda hoje, quando se tornou uma das mais prestigiadas figuras de intelectual da esquerda francesa, os seus poemas dedicados à sua companheira, Elsa Triolet, são considerados os mais belos do seu período inicial.

IMPORTANTE OBRA DE ANDRÉ DE RESENDE

«VINCENTIVS LEVITA ET MARTYR», de André de Resende — Na Coleção «Textos» (vol. III) e sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian, acaba de ser publicada a obra de André de Resende «Vincentiv Levita et Martyr» (Reprodução em fac-símile da edição de Luis Rodrigues, Lisboa 1545), com introdução de José V. de Pina Martins, obra que constitui uma edição comemorativa do IV Centenário da morte de Luis de Camões (1580).

A edição é em língua francesa e como anota Pina Martins, citando o prof. Américo

da Costa Ramalho, em «Estudos Camonianos», torna-se cada vez mais necessário «um melhor conhecimento das leituras dos contemporâneos de Camões, e dos seus mestres, de homens como André de Resende, que foram os educadores dos que ainda não tinham trinta anos, à roda de 1550».

Acrescentando, depois, que «esse estudo hoje não é fácil, porque a bibliografia dos humanistas é, em grande parte, escrita em latim, língua quase proscrita entre nós, há muitos anos».

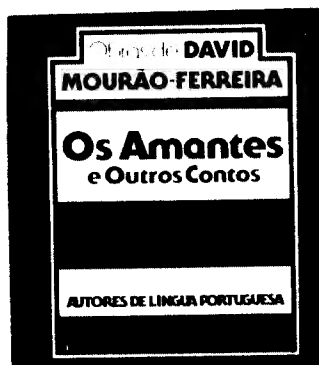
Pina Martins faz depois algumas considerações justifi-

cativas da publicação da obra de André de Resende, antes do mais por «razões camonianas», já que ninguém hoje contesta «que Camões foi influenciado pela leitura dos textos humanistas de André de Resende». Escreve depois que além das razões «camonianas» que levaram à publicação de tão importante e significativa obra de André de Resende, outras houve, como «O estilo latino do poeta», que é «elegante», o uso de «expressões raras», e fundamentalmente, o seu humanismo, o conhecimento que o poeta tinha da cultura clássica antiga e moderna».

As letras em dia • As letras em

NA COLEÇÃO TEXTOS LITERÁRIOS, da dupla chancela Comunicação/Seara Nova, saíram recentemente mais três antologias: de Guerra Junqueiro, de Antero de Quental, e de textos teóricos do neo-realismo. A antologia de Junqueiro é um trabalho de Nuno Júdice, que para aqui escreveu uma apresentação crítica, fez as notas e adiantou sugestões de leitura. Madalena Gonçalves é o nome responsável pela antologia de Antero, e pelo aparato, principalmente a introdução. Os textos teóricos do neo-realismo foram recolhidos e estão aqui apresentados por Carlos Reis. Estas edições são concebidas e preparadas principalmente para estudantes, mas é evidente que os seus motivos de interesse são muito capazes de envolver uma vastidão mais larga de leitores.

OS AMANTES E OUTROS CONTOS, de David Mourão, Ferreira, apareceu agora em 3.ª edição nas «Publicações Dom Quixote». A 1.ª edição surgiu em 1968 e constitui provavelmente o ponto mais alto da obra de ficção do autor. «Reunião de oito narrativas que se caracterizam por um determinado clima em comum que o termo «fantástico» serve para apontar, como escreve Eduardo Prado Coelho no prefácio. No prefácio que escreveu propositadamente para esta edição, David Mourão-Ferreira aborda, aliás, «as vicissitudes dos anteriores aparcentamentos do presente livro».



O ARTILHEIRO e A TERRA, duas peças de teatro de António Júlio Valarinho. Edição da Ulmeiro há cerca de um ano,

um ano depois certamente que ainda se justifica um registo, para retenção por parte do leitor porventura interessado no que actualmente se escreve para o palco em Portugal. O autor era praticamente desconhecido quando, em 79 e com a primeira destas peças, ganhou um prémio em concurso da SEC. Neste livro vêm pormenorizados informes acerca das actividades do autor. Numa breve anotação poder-se-á salientar: uns quatro ou cinco títulos de poesia publicados, uma dezena ou mais de peças para publicar, e, em preparação e no âmbito do teatro, um «primeiro plano quinquenal 1978-1983», de onde constam mais cinco títulos. Sem dúvida, impressionante, pelo menos para o leitor desprevenido. Na contraparte, para onde se prolonga o traço forte do capista João Carlos Albernaz, uma opinião de Jorge Listopad dizendo, a dado passo, que «o autor conhece a fenomenologia social de Portugal Contemporâneo, o que não é, precisamente, a grande virtude dos dramaturgos da nossa praxeta». Entretanto adiante-se que Valarinho já publicou, e ainda na Ulmeiro, um novo livro, de poemas, «Entre Fronteiras». E, na Ulmeiro uma vez mais, e dele, vai sair, não tarda, outra colectânea de peças poéticas: «A vida das Ilhas».

FILOLOGIA BARRANQUENHA, de José Leite de Vasconcelos, aí está, encontrável nas livrarias. Trata-se duma edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, e reproduz, fac-símile, a edição de 1955, que há muito desaparecera das livrarias. Parecerá desnecessário enaltecer a importância desta obra. Ainda que somente folheando-a ou lendo-lhe alguns capítulos ou parágrafos ao acaso e avulsamente, o leitor dá-se conta, depressa, de que o primeiro filólogo e etnólogo português fez num domínio onde não vai ser fácil aos que depois dele vêm trabalhando no mesmo domínio, levaram a cabo obra de tão grandes proporções como a que ele nos legou — e de que, este livro, aliás, é apenas uma amostra pequena e

breve. Pequena e breve amostra, mas livro precioso. Como muitos de nós desconhecemos, e ao país que somos, será pertinente, neste registo, lembrar que o título se refere a Barrancos, concelho do Alentejo ali para a raia de Espanha.

«O ENCANTADO DO NEVOEIRO», de José Dias de Sousa, é uma peça em três actos, editado pela Moraes, na sua colecção «Pistas». É um primeiro prémio de teatro infantil saído do Concurso de Peças de Teatro Inéditas (1980), promovido pela Secretaria de Estado da Cultura.

Jose Dias de Souza

o encantado do nevoeiro



A ULMEIRO vai publicar, por toda a época e na sua colecção Imagens do Corpo, três originais de poesia e dois de prosa de ficção, de autores portugueses. São eles «A Vida das Ilhas», de António Júlio Valarinho, «Organum», de Alexandre Vargas, e «Mágico Novembro», de Raul de Carvalho, no âmbito da poesia; e, no âmbito da prosa de ficção, um romance de Noémia Seixas, «Isabel, Isabel, Isabel», e uma novela de António Manuel Freire Valente, «Pássaro Pesado de Sol». Ao que se julga saber, este último será uma estreia. Para 1982, a mesma editora prevê a publicação de volumes de poesia de José Bento e João Rui de Sousa. A colecção publicou dois títulos, até agora: «Entre Fronteiras», de António Júlio Valarinho, poesia, e «Confissão dum Caçador de Dinossauros», prosas de Miguel Barbosa.

UM POEMA INÉDITO

de Manuel António Pina



Vivemos com receio uns dos outros.

Daniel, diz.

O turismo trouxe vantagens. Contudo, alterou o sistema de vida dos pescadores de um modo que não podemos definir.

Daniel, diz.

IX

«Em que mês estamos?» «Abril será ainda?» «Quem habita de novo este horizonte?» «Há morcegos no escuro?» «Caês de negra língua?» Que pesadelo, Ralph! E se apenas dois grãos de areia — estáticas, minerais formigas — sobre o O do teu nome?

«E se, Ralph?» «E se?...»

Eduarda Chiote

Estarei ainda muito perto da luz?
Poderei esquecer
estes rostos, estas vozes,
e ficar diante do meu rosto?

Às vezes, como num sonho,
vejo formas como um rosto
e pergunto: «de quem é este rosto?»
E ainda: «quem pergunta isto?»

E: «e com quem fala?»
Estarei ainda longe de Ti,
quem quer que sejas ou eu seja?
Cresce a noite à minha volta,

terei palavras para falar-Te?
E compreenderás Tu este,

não sei qual de nós, que procura
a Tua face entre as sombras?

Quando eu me calar
sabei que estarei diante de uma coisa imensa
e que esta é a minha voz,
o que no fundo de isto se escuta.

Manuel António Pina

Crise do Livro? – Crise da Cultura

Continuação da pág. 1

sente. E como o livro é cultura (esqueçamos os livros pornográficos, de violência, os antilivros) façamos algumas perguntas pertinentes ao estado da cultura em nosso país. Qual a percentagem em Portugal de analfabetos (de ciência certa, a maior da Europa, estendida até aos Urais); qual a taxa comparada dos últimos 50 anos na eliminação do analfabetismo; quais os planos, meios e acção a curto e médio prazo na sua extinção; qual a programação, o funcionamento e o objectivo final do ensino, desde a escola pré-primária até aos estudos pós-graduados; quais os organismos de base, a sua expansão e influência na dinamização cultural junto das maiores e mais pequenas e isoladas comunidades de todo o país; quais os organismos intermédios fomentadores de cultura junto da juventude (uma juventude ociosa – 300 mil desempregados – com a droga, os «flippers» e a violência à sua espreita); quais os organismos, funcionando em pleno, de alto nível técnico e cultural, onde sejam debatidos, estudados e difundidos todos os ramos de cultura, desde as mais diversificadas e independentes formas de Arte, passando pelos estudos de História, Filosofia, Sociologia, etc., às disciplinas das Ciências aplicadas e das Ciências puras? (à minha memória saltam o Centre National de la Recherche Scientifique e a École des Hautes Études, de França).

Como vê, tudo isto é uma pequena amostragem de um mundo de interrogações. Ora, o problema do livro não pode ser encarado senão como uma pequena parcela da problemática da cultura em Portugal.

Mas respondamos, por fim, concretamente à sua pergunta: dado a pequena população do país, e com as limitações económicas, sociais e culturais, Portugal é – comparado com alguns países de superior desenvolvimento económico – um país leitor de livros, de livros acentuado.

«D.L.» – A percentagem de analfabetos, juntamente com o das pessoas que praticamente não abrem um livro desde que saíram da escola, põe certamente problemas difíceis, agravados pelos elevados custos de produção a quem se dedica à feitura de livros. Como encara a situação? Que perspectivas vê de a melhorar?

M.R.O. – Para além das duas perguntas que me faz, começa o meu amigo por três afirmações. Permita-me – e concordando eu com elas – que lhe acrescente mais uma: nesta Europa dos 17



Manuel Rodrigues de Oliveira, um editor preocupado com problemas de cultura

países que integram aquilo que se convencionou de chamar Europa Ocidental – aí como a Geografia tem levado tratos de polé – o nosso povo tem o mais baixo nível de vida (ponhamos de parte a Turquia, pois só por razões estratégicas o seu estatuto geográfico foi mudado).

Parece-me que as suas duas questões (a elas poderemos responder com um só bote) obrigam-me a chamar a sua atenção para o conjunto problemático que levantei aquando da sua primeira pergunta. Uma pequena frase coloca-nos no cerne do problema: a crise do livro é parte da crise (velha, velha – estou a lembrar-me da luta pertinaz de Almeida Garrett para a ultrapassar) da cultura em Portugal. Perguntar-me-á, e com toda a razão: mas o livro, mistura de factores culturais (neste caso concreto, autores, directores de colecções, tradutores), factores técnicos, comerciais, industriais, etc., não tem casos específicos? Mas certamente. Numa primeira olhadela, dir-lhe-ei que Portugal é, de todos os países de toda a Europa Ocidental aquele em que o produtor do livro não tem a mais ténue protecção fiscal. Mais grave e caso único: sobre a factura das tipografias, dos encadernadores e de todas as indústrias que trabalham para o livro, o editor paga, como numa factura de «whisky», de perfumes estrangeiros, etc., 15% de imposto de Transacção. Certas regalias que se tinham alcançado durante muitos anos nas taxas dos C.T.T., nomeadamente nos catálogos e prospectos de propaganda, foram de um dia para o outro cortadas. As

taxas de juros bancários são rigorosamente iguais para o editor, como para o proprietário de uma «boite», ou para os empresários dos «flippers», que exploram e subvertem a juventude.

Neste país que pretende reconstruir a sua economia com as exportações, as taxas de desconto bancárias para os livros exportados, e de que resultará entrada de divisas, não são bonificadas! (melancolicamente manifesto-lhe a minha amargura, quando lembrando-me as facilidades que os governos da França, da Espanha e da Itália oferecem neste domínio aos seus editores).

«D.L.» – Mas os editores e livreiros têm a sua associação de classe. Que faz ela em defesa dos interesses dos seus associados?

M.R.O. – A sua pergunta é bastante pertinente. Como velho editor, talvez mereça recordar as etapas mais marcantes da Associação dos Editores (até ao 25 de Abril, grémio corporativo). Era uma associação artesanal (passe o termo). O seu presidente, António Maria Pereira, já falecido, homem bom, mas com a sua afeição por Salazar, imprimiu a esse grémio uma actualização discreta, mas democrática, no amplo sentido da palavra – a comparticipação dos associados na sua vida. Por volta dos anos 1957/58, novos editores, na profissão e na idade, chegaram consensualmente à conclusão de que se tornava necessário dar ao grémio um novo dinamismo. Da evolução deste processo, saiu aprovada em assembleia geral uma lista de novos corpos gerentes. Borges de Castro, An-

tónio Alcada Baptista, Augusto Sá da Costa, entre outros. Não há dúvida que todo o estilo artesanal desapareceu. Augusto Sá da Costa, com o seu espírito organizador, mudou a sede para instalações dignas. Reorganizou os serviços de apoio à direcção, bem como os serviços administrativos. Através de comissões, que trabalhavam em comum com a direcção, a Feira do Livro de Lisboa foi estruturada disciplinadamente. Mas acima de tudo, a iniciativa da publicação do órgão gremial, «Livros de Portugal» foi das tarefas mais marcantes deste período administrativo. «Livros de Portugal» ligou o Grémio a largas camadas de público leitor, e projectou o Grémio para além das fronteiras nacionais. «Livros de Portugal» atingiu leitores espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Há cerca de 5 anos outros novos corpos gerentes tomaram em mão os destinos da Associação. Primeira medida adoptada: suspensão de «Livros de Portugal». O contacto entre o selectivo público leitor perdeu-se. A Associação isolou-se e é hoje um organismo que só dá sinais de vida através das suas circulares, estas exclusivamente para os seus associados.

A velha ideia, que desde 1956 também vem sendo defendida por mim – a realização do I (primeiro, note-se bem) Congresso dos Editores e Livreiros Portugueses entrou no mundo antifreudiano do esquecimento. As tarefas e dificuldades com este cometimento seriam facilmente ultrapassadas, pois a actual direcção dispõe de quadros profissionais de alta valia (o secretário-geral foi ministro depois do 25 de Abril). Outra situação paradoxal e irónica: antes do 25 de Abril argumentava-se que o cerceamento das liberdades era motivo determinante para que não se levasse à prática tal Congresso de Editores e Livreiros Portugueses. E agora? Que responda quem quiser, souber ou puder. Parece-me, e creio que todos os editores e livreiros responsáveis aceitarão esta permissão: que só o debate e aprovação em Congresso de medidas justas e adequadas dará força e apoio à direcção, junto das autoridades, com o fim de ajudar na resolução dos problemas mais prementes do livro português.

A democracia é a prática quotidiana do debate entre cidadãos. Só esse debate é frutuoso para a realização de objectivos comuns.

Ponhamos um ponto final neste caso: nos corpos gerentes da Associação estão espalhados verdadeiros democratas, alguns amigos meus de longa data.

Porque esperam para, na posição de comando que dispõem, ajudarem a promover o I Congresso de Editores e Livreiros Portugueses?

«D.L.» – A língua portuguesa é uma das mais faladas no mundo. Como explica que este facto não tenha correspondência ao nível da difusão de livros em português?

M.R.O. – Pergunta puxa pergunta. Qual a actividade dos nossos adidos culturais? No Brasil, país fulcral para a difusão do livro português, que me lembre, só conheci, nestes últimos 30 anos, adido cultural que realizou trabalho de grande gabarito (que me seja permitido, e porque estamos a falar do Brasil, o uso deste brasileiroismo): – Maria de Lourdes Belchior.

A inoperância dos serviços culturais junto das nossas embaixadas, está agora agravada com a independência dos novos países de língua portuguesa. Existe algum plano de conjunto a curto e médio prazo, com a finalidade de ultrapassar as actuais dificuldades?

Desacompanhados, sem a ajuda do vasto aparelho do Estado, os editores portugueses não podem ultrapassar as muitas e muitas barreiras opondo-se elas à sua actividade externa. Muito vão fazendo eles – e trazendo para o Banco de Portugal algumas divisas...

Com certa ironia chamo a atenção do jornalista para o facto de toda a imprensa portuguesa, a maioria estatizada depois do 11 de Março, ter acabado com os suplementos de literatura, arte e cultura. Durante anos, só quebrado pela existência de «Vértice», «Broteria», «Colóquio», e até certa altura «Seara Nova», vivia-se em Portugal num mundo (o português), no qual o acto criador do artista e do criador de cultura e literatura não existia. Mesmo hoje, publicando-se regularmente «JL», os suplementos de «o diário», «Diário de Lisboa» e «Diário de Notícias», pode-se afirmar, volto a insistir, não existe na imprensa portuguesa um órgão organizado (permita-me a redundância) que de semana a semana, com método, uma panorâmica alargada daquilo que escritores, poetas, dramaturgos, pintores, escultores, cineastas, teatrólogos, criam todos os dias neste país. Daí a não existência nos sectores da imprensa (da TV, j'en passe...) de uma informação de cultura viva, de um órgão informativo e formativo da vida e da obra dos artistas. Ora o livro é um dos grandes esquecidos (uma ou outra nota bibliográfica, num ou outro jornal vão aparecendo de uma forma irregular).

«D.L.» – «Edições Cosmos»

tem-se especializado na publicação de livros de História, Economia, Sociologia, além de revelar um permanente interesse por livros pedagógicos (mas também livros de apoio universitário, aquilo que os ingleses classificam de «text-books») com uma acção importantíssima, ao longo dos anos, na cultura portuguesa. Vai prosseguir esse projecto? Como? A que nível e com que meios?

M.R.O. – Na actual conjuntura económica e financeira, marcada em Portugal por inflação galopante, na ordem dos 2% ao mês, com a diminuição do poder de compra das camadas populares, da pequena burguesia, e atingindo já largas franjas da média burguesia, toda uma política edições-precios terá de ser reestruturada. Os constantes aumentos de papel, trabalho gráfico, matérias-primas, etc., etc., obrigam o editor a marcar as suas edições com preços que começam a ser insuportáveis para os compradores habituais. Dar-lhe notícia dos planos da «Cosmos» a curto prazo não é possível fazer. Antes de tudo, e é aquilo que estamos a estudar neste momento – neste campo a «Cosmos» tem uma rica experiência com a política de preços iniciada com «Biblioteca Cosmos» – a «Cosmos» deve estudar e reformular qual o tipo de edições, no seu aspecto gráfico, capaz de fazer baixar os preços, estes compatíveis com o poder de compra dos seus leitores. Comentário: com a continuação imparável do preço dos livros, deveremos num futuro próximo voltar às tiragens comuns dos anos 30 – 2000 exemplares, e estas tiragens só atingidas por Aquilino, Ferreira de Castro e Júlio Dantas. É natural que os dirigentes das grandes empresas editoriais se sorriam perante esta minha afirmação e encolham os ombros. A crise do livro irá bater a todas as portas e até mais duramente nas grandes empresas, com muito pessoal e largas despesas gerais.

Para finalizar esta entrevista talvez não seja despiciente analisar sumariamente a entrevista de «o ponto», conduzida por Baptista Bastos, com o actual ministro da Cultura. Temos vindo até agora a falar genericamente em cultura, o que me leva a recordar certa crónica de viagem, na Alemanha Federal, que escrevi há anos em «República» (no tempo do Artur Inês). Caracterizei então a cultura praticada naquele país como cultura de museu – antónimo de cultura viva. Qual o tipo de cultura (com o pequeno orçamento de que dispõe) vai ser aquela que pratica o actual ministro?

MARINA TSVETAeva: O DRAMA DO REGRESSO

Continuação da pág. 1

deslumbrante amor de menina, o seu mais liberal impulso, o casamento de sonho e teimosia que lamentará em carta de Paris a A. Tasková, em 1934: «Tornar-se a gente humana pelo meio do casamento ou do amor – por meio de outra pessoa e necessariamente um homem – para mim não tem valor. (...) E Selma Lagerlöf que nunca se casou? E você e eu aos cinco, aos quinze anos de idade? O casamento e o amor destroem geralmente o indivíduo. Esta a opinião de Goethe e de Tolstói. (...) E um casamento prematuro (como o meu) é uma catástrofe total.»

Os brancos perdem. Tsvetaeva emigra com Efron para Praga e daí para Paris onde o sustenta e aos filhos com os seus escritos disputados pelas editoras europeias: «Lavava a loiça, cozinhava, fazia a barreira, cosia roupa com os delicados dedos, tornados áspers pelo trabalho doméstico. (...) Os mesmos dedos que lhe guiavam a pena ou o lápis sobre o papel, noite fora, na mesa da cozinha.» Mas já o Ocidente principia a pô-la de parte por causa das actividades, agora pro-soviéticas, de Sergei

Efron – ela própria, com exemplar dignidade, sempre se absteve de censurar o seu país, do qual aliás, nunca deixou de estar saudosos. Já em 1932 dedicara um poema ao filho, Mur, nascido no exílio sete anos antes: «Vai, meu filho, não para a cidade / Nem para a aldeia... para a tua pátria / (...) Onde voltar atrás significa / Ir para a frente, especialmente para ti / Que não conheces a Rússia.» Regressa por fim após o marido, fiel à promessa que lhe fizera no diário de 1917: «Cá estou eu pronta a partir – como um cão (passados vinte e um anos).»

1938. Vésperas da Segunda Guerra Mundial. Tsvetaeva guarda a sua obra inédita em vários lugares seguros e volta à pátria sem ilusões: se no Ocidente desconfiavam dela por comunista, aqui será recebida com mais suspeitas ainda: por emigrada, por desertora. E assim acontece: evitam-na. Dá-se entretanto a ofensiva alemã. O marido e a filha mais velha são presos. Sem trabalho, sem dinheiro, sem amigos, isolada, desesperada, Marina escreve em 1940: «Ando há um ano à procura da morte.» A ideia do suicídio, contudo, aterra-a. «Não quero meter medo depois de morta. Acho que já sofro postuma-

mente de medo de mim...». Acaba por pôr termo à vida em Agosto de 1941, com quarenta e oito anos de idade, e, na confusão do momento, é enterrada anonimamente, algures, não se sabe onde. Em 1960, porém, a filha coloca uma cruz na área presumível da sua campa, cruz que a União dos Escritores Soviéticos substitui por monumento condigno.

A Rússia orgulha-se hoje de Marina Tsvetaeva como um dos seus mais talentosos vultos literários («Que espantosa poesia você escreve! Gustoso para mim pensar que é maior do que eu sou presentemente.» – de uma carta de Pasternak a Tsvetaeva em Junho de 1924) e também, afinal, como dilecta filha da terra natal: «A questão do meu regresso à Rússia é apenas um pormenor da questão do amor de perto e de longe, amor-aqui-e-agora, por desfigurado que possa ser ao ponto de se perder a sua verdadeira imagem – e amor no espírito que restaura e renova a imagem autêntica.»

Maria Ondina Braga